



EM JOÃO PESSOA

Aluguéis sobem acima da inflação, e aumento médio chega a 15,31%

*Apesar de seguir tendência do país, avanço na capital paraibana fica bem acima da média nacional. **Página 17***

JP terá “árvores inteligentes” para coletar dados sobre o meio ambiente

Projeto desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba vai instalar em plantas no bairro dos Bancários sensores que conseguem medir condições ambientais e fornecer dados meteorológicos.

Página 20

Limitar movimentos dos bebês resulta em prejuízos ao desenvolvimento

Crianças que ficam tempo demais presas a cadeirinha, bebês-conforto, carrinhos e andadores podem apresentar atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e comportamental.

Página 6

■ “O que saía das veredas ou vinha dos descampados empoeirados eram motoqueiros velozes, o canudo de poeira atrás com afoiteza maior que a dos nossos temerários acrobatas do tráfego urbano”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Embora o discurso público, frequentemente, trate a IA como uma ameaça direta ao emprego, a teoria econômica oferece uma leitura mais abrangente e menos alarmista”.

Amadeu Fonseca

Página 17

■ “O ainda tímido Botafogo-PB mostrou nas primeiras rodadas que Nenê é quem deve mesmo ajudar a melhorar consideravelmente a qualidade da equipe, que vai em busca do título”.

Pedro Alves

Página 23

Foto: Roberto Guedes



Carnaval Tradição sobrevive da força da comunidade

Escolas de samba, grupos de ala ursa e de bumba meu boi resistem ao tempo e às limitações financeiras para manter vivos a beleza dos desfiles e o orgulho das comunidades. “A gente pede dinheiro emprestado”, diz Paulo César (foto), da Unidos do Roger.

Página 8

Férias escolares acendem alerta contra insegurança alimentar

Sem a garantia da merenda, estudantes têm a nutrição adequada reduzida. Cozinhas comunitárias diminuem a vulnerabilidade.

Página 5

Foto: Carlos Rodrigo



Foto: Evandro Pereira



Trabalho, arte e educação ensinam apenas a retornar à sociedade

Projetos de ressocialização incentivam talentos e vocações profissionais, pavimentando o caminho para a sonhada liberdade.

Página 3



Pensar

O que é a felicidade e como alcançá-la são questões que movimentam de rodas de conversa ao pensamento filosófico. Nesta edição, o Pensar reflete sobre o tema, que já virou até disciplina de graduação.

Páginas 29 a 32

Editorial

Divisores de água

A reunião do governador João Azevêdo com o presidente do grupo hoteleiro português Vila Galé, Jorge Rebelo, ocorrida, na quinta-feira (22), no recém-inaugurado Palácio dos Despachos, na Praça Pedro Américo, em João Pessoa, foi marcada, em certo sentido, também por um forte simbolismo. O tema do encontro foi a instalação de um hotel do Vila Galé onde funcionou o antigo Colégio Diocesano Pio XII, no Centro Histórico da capital.

Por que ato simbólico? Ora, a abertura do Palácio dos Despachos foi saudada como o início de uma fase fundamental no processo de restauração do Centro Histórico da capital paraibana. A presença do governador e de secretários, despachando no local, aproxima mais a gestão estadual de moradores, trabalhadores e visitantes da área, revitalizando, por conseguinte, não apenas o patrimônio físico, mas também o ambiente social.

A presença de um empreendimento com as credenciais do Vila Galé, com atuação marcante no setor de turismo, tanto no Brasil e Cuba como em Portugal e Espanha, seria outro passo decisivo na direção da retomada do Centro Histórico da capital paraibana como polo econômico. Os visitantes da “cidade onde o Sol nasce primeiro” teriam, a partir de então, uma excelente opção de hospedagem também na região oeste de João Pessoa.

De certo modo, o hotel do Vila Galé “ressuscitaria” uma das mais importantes edificações do Centro Histórico, tanto do ponto de vista arquitetônico quanto histórico. O prédio que abrigou o educandário Pio XII parece ressentir-se de sua inércia atual, no que diz respeito à vida cultural, e sua nova finalidade como que devolveria à sua fachada o sorriso de quem se sente útil à comunidade, hospedando pessoas e gerando emprego e renda.

À vista disso, justifica-se o entusiasmo do gestor estadual paraibano em relação a esse projeto de instauração de uma unidade hoteleira com os créditos do Vila Galé no antigo Colégio Diocesano Pio XII, que tem como vizinhos instituições com os atributos do Palácio do Bispo, do Centro Cultural São Francisco, da Academia Paraibana de Letras e dos futuros Memorial Augusto dos Anjos e Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

É isso o que o bom-senso recomenda. Uma cidade uniforme, nos planos econômico, social, cultural e ambiental. Uma cidade onde as edificações históricas sejam bem conservadas, mantendo suas características arquitetônicas, porém, quando possível, sendo utilizadas, também, como fontes de geração de riquezas, ajudando, assim, a impulsionar o progresso. Um passo significativo, enfim, na caminhada para a reocupação do Centro Histórico.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A insurreição que assombrou o Império

No século XIX, a quantidade de africanos escravizados trazidos ao Brasil cresceu de forma significativa, especialmente na Bahia. Em Salvador, cerca de 40% da população era composta por escravizados africanos. Entre eles havia um grupo de muçulmanos, conhecidos como “malês”, que se organizou para lutar pela liberdade e contra a imposição do catolicismo.

Na madrugada de 25 de janeiro de 1835, esses africanos protagonizaram a maior revolta de escravizados da história do Brasil. Embora rapidamente reprimida, a insurreição abalou profundamente a elite escravocrata, provocando duras consequências sociais e políticas e levando ao endurecimento do controle sobre a população africana. Havia o temor de que, no Brasil, se repetisse uma rebelião nos moldes da Revolução Haitiana, iniciada em 1790 por escravizados e que culminou com a independência do Haiti, em 1804.

A Revolta dos Malês evidenciou o potencial de contestação e rebeldia inerente à manutenção do regime escravista. Estima-se que cerca de 600 africanos tenham participado do movimento. O historiador baiano João José Reis calcula que mais de 70 deles morreram nos confrontos e que aproximadamente 500 foram punidos com penas que incluíam morte, prisão ou deportação. As forças repressoras sofreram a baixa de nove mortos, em um combate que durou mais de três horas e deixou Salvador em estado de pânico. Cerca de duzentos escravizados foram levados aos tribunais, recebendo condenações que variavam entre pena de morte, trabalhos forçados, degredo e açoites.

O clima antiafricano instaurado após o movimento alcançou tamanha gravidade que, em 30 de abril de 1835, um deputado apresentou à Assembleia Legislativa da Província da Bahia uma proposta sugerindo que “o governo provincial expulsasse para fora do Império, com a maior brevidade possível e ainda à custa da Fazenda Pública, os africanos forros de um e outro sexo que se fizessem suspeitos de promover a insurreição de escravos”.

Alfabetizados em árabe, os malês reuniam-se secretamente na Sociedade Protetora dos Desvalidos. Usavam ves-

tes brancas (abadás), amuletos com pasagens do Alcorão e anéis de metal. Promoviam arrecadação de recursos para a compra de armas, e seus planos eram redigidos em árabe. No entanto, esses escritos foram descobertos e denunciados. Segundo João José Reis, pretendiam transformar a Bahia em uma nação controlada por africanos, sob a liderança dos muçulmanos.

Mesmo após mais de 190 anos, a Revolta dos Malês permanece como tema de estudos acadêmicos, livros, produções cinematográficas e manifestações culturais, sendo lembrada inclusive em blocos carnavalescos da Bahia. Em 2024, estreou nos cinemas brasileiros o longa-metragem “Malês”, dirigido por Antônio Pitanga, que retrata a história da insurreição. O sociólogo Clóvis Moura registra o clima de apreensão vivido pela elite escravocrata da época:

“Quem examina a documentação desse período da nossa história encontra, como uma constante, o medo dessas classes diante do grande número de escravos e da sua possível consciência da exploração a que estavam sujeitos”.

A Revolta dos Malês foi o maior levante urbano de escravizados nas Américas, evidenciando a resistência organizada e o profundo desejo de liberdade dos africanos. A sedição conduzida por negros muçulmanos agitou a Bahia na primeira metade do século XIX e espalhou temor por todo o Império.

“

Alfabetizados em árabe, os malês reuniam-se secretamente na Sociedade Protetora dos Desvalidos

Opinião

Foto Legenda



Infância veloz

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Seleiros de ontem e de hoje

Frequentemente, Hilton Gouvêa vai buscar longe no tempo o tema de suas reportagens. Um longe que às vezes está por perto, outras perdido na garrancheira do semiárido, por trás das pedras que roubam a cena da paisagem ou no limbo esquecido do tempo.

Com maestria garantiu seu espaço no patrimônio de A União para vir à tona atividades fora de tempo e de espaço como o trabalho de um seleiro de Arara, contrerrâneo de Nathanael, responsável pela vestimenta e arreios de toda a montaria do Curimataú, do Brejo e de alguns fantasmas das estradas sertanejas.

Tentando me livrar de recortes velhos que não cabem nas gavetas, dou com o assunto estampado em toda a primeira página de um caderno do jornal. E, como hoje só me restam confortáveis as andanças nas calçadas da memória, já que as reais não me ajudam, deixei-me ficar com meu amigo e confrade Hilton, que foi descobrir um seleiro exímio em Arara, homem novo ainda a falar das suas artes, das suas vaidades, pois todo o seu trabalho é artesanal, feito à base da quicé e da suvela. Tudo costurado e montado a mão. Ofício que herdou do pai, também seleiro.

E a pergunta, feita anos antes a Deoclécio Moura, que, para ser fazendeiro em Taperoá, teve de encomendar sela em Serrinha, Pernambuco, voltou a insistir: pra quem essas selas, essas bridas, esses arreios num tempo sem tropeiros, sem mais cavaleiros? Já contei que saí pela BR até Patos, derivando para o Piancó, estrada e mais estrada sem um cavalo selado nem como aparição.

“Onde estão os vaqueiros?”, perguntei a meu saudoso amigo Franciraldo Loureiro, que me dava carona e hospedagem em seus pagos do Piancó. O que saía das veredas ou vinha dos descampados empoeirados eram motoqueiros velozes, o canudo de poeira atrás com afoiteza maior que a dos nossos temerários acrobatas do tráfego urbano. “Onde estão os vaqueiros, Franciraldo?”. “Estão na tua alma, nas histórias que ou-

“

Os últimos cavalos selados que cruzaram há pouco tempo em meu caminho foram uns dois ou três que avistei no lugar errado, nos aceiros da feira de Oitizeiro e, um outro, especial, donairoso, montado nas areias do Cabo Branco, ainda jovem advogado, o tranquilo e cordialíssimo desembargador José Ricardo Porto.

viste”, respondeu-me.

De fato, os últimos cavalos selados que cruzaram há pouco tempo em meu caminho foram uns dois ou três que avistei no lugar errado, nos aceiros da feira de Oitizeiro e, um outro, especial, donairoso, montado nas areias do Cabo Branco, ainda jovem advogado, o tranquilo e cordialíssimo desembargador José Ricardo Porto.

É o ultimo grande seleiro que a memória guardou para todo o sempre, o mestre José Amaro, na estante aqui ao lado. Um seleiro triste, magoado, curtindo um silencioso e trágico desespero, bem diferente do seleiro Misael, confiante e feliz na sua arte e sem muitas queixas do seu mundo.

Não tive a mesma sorte no meu ramo, no ramo gráfico, no qual realmente sobressaí até a implantação do computador em todas as etapas de minha participação nas oficinas gráficas. Passado para trás, não pelos novos digitadores e editores, mas pela minha natural inabilidade às artes mecânicas e, em seguida, informáticas, fui fazer companhia, aposentado, aos meus antigos parceiros da linotipo, da paginação, da impressão nos bancos e cafés do Ponto de Cem Réis, com seus passos e espaços da memória.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

RESSOCIALIZAÇÃO NOS PRESÍDIOS

Cultura e trabalho oferecem esperança para apenados

Políticas públicas e sociais dão as mãos para reintegrar detentos à sociedade

Nalim Tavares
nalimtavaresdo@gmail.com

O tempo, no sistema prisional, costuma ser medido pela quantidade de dias que faltam até a liberdade. No entanto, existem lugares onde o cumprimento de uma pena pode ser marcado pelo número de livros lidos, telas pintadas, crescimento de mudas em uma horta, peças de artesanato esculpidas e habilidades adquiridas em cursos profissionalizantes. Espaços assim são permeados por sistemas de ressocialização, em que políticas públicas e sociais dão as mãos para reintegrar detentos, ensinando-os a conviver em harmonia com a sociedade e as leis, através do trabalho, da arte e da educação.

Na Penitenciária Desembargador Sílvio Porto, em João Pessoa, a rotina revela como essas políticas funcionam na prática: “A pena não se resume à privação de liberdade”, diz o diretor adjunto Sérgio Souza. “Nosso principal compromisso é oferecer oportunidades reais, para que a pessoa privada de liberdade possa reconstruir sua trajetória”. Na unidade, que contém aproximadamente 2.600 internos, cerca de 180 apenados trabalham diariamente, em atividades que vão desde a cozinha — responsável pelo preparo de quase 10 mil refeições por dia — a serviços de manutenção e confecção de peças como quadros, esculturas, bolsas e sandálias.

Os produtos são comercializados na Loja Novo Tempo, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, onde os ofícios realizados por entre os muros da penitenciária recebem espaço para integrar a vida pública. “O trabalho organiza a rotina. Incentivamos a expressão artística por meio de atividades que desenvolvem disciplina, criatividade e autoestima, elementos essenciais no processo de mudança de comportamento”, explana Sérgio Souza. “So-



Foto: Evandro Pereira

Objetivo é oferecer oportunidades para que a pessoa possa reconstruir sua trajetória

madadas a isso, as tarefas laborais diárias reforçam valores como responsabilidade, compromisso e respeito às regras, preparando o interno para o mercado de trabalho após o cumprimento da pena. Muitos deles acabam descobrindo talentos aqui dentro, e enxergar a oportunidade de fazer diferente, sem dúvida, muda a forma de pensar e agir de uma pessoa”.

A formação e o estímulo diário ao desenvolvimento de habilidades novas é o que motiva Marcelo Henrique, que atua na gráfica do Sílvio Porto, a trilhar o caminho da ressocialização. “O trabalho edifica a gente, é uma experiência ímpar. O tempo passa mais rápido, aprendemos coisas novas, não ficamos parados. É uma chance que me foi oferecida aqui, e que é muito importante para mim, de progredir e voltar a viver em sociedade, com a minha família”.

Há, também, quem não espera que as portas da penitenciária se abram para se sentir livre: no cárcere, o pintor José Francisco dos Montes pinta telas e peças de madeira que o transportam para outros lugares. “Pintar é terapêutico. Através dos meus quadros, eu viajo. Uso as paisagens que crio para seguir em frente. Depois de ser preso, evitei pintar, como se tivesse desenvolvido um bloqueio. Mas, depois de um

tempo, a direção do Sílvio Porto me deu essa oportunidade, e percebi que podia reconstruir minha vida com essas pinturas”, ele se lembra. “Quando estiver livre de fato, meu sonho é montar uma escola de pintura, principalmente para pessoas de idade, para ajudar a ocupar a mente delas, mas também para quem quiser aprender”, disse.

José Francisco não é o único sonhando com o dia em que poderá viver plenamente de sua arte: Rayck Oliveira carrega o artesanato como herança de família e esculpe com arame e fios de PVC desde os oito anos. Hoje, aos 22 anos, o trabalho que ele produz abastece não apenas a loja Novo Tempo, como também o estande da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seap) no 41º Salão do Artesanato Paraibano, que começou no dia 9 de janeiro e se estende até 1º de fevereiro, ao lado do Hotel Tambaú, na orla pessoense. “Meus pais viajaram o Brasil inteiro, criaram filhos, tiveram lojas, tudo através do artesanato. Aqui, recebi a oportunidade de continuar esse trabalho e mostrá-lo para as pessoas”, fala.

Para outros apenados, a mudança de mentalidade vem por meio do contato com uma religião. Nas sextas-feiras, a penitenciária Sílvio Porto oferece aulas de estudos bíblicos para os detentos in-

teressados e, entre eles, está Andrilson Lima, que diz ter encontrado, na fé e na escrita, um caminho de reconstrução pessoal.

Autor de dois livros que relacionam sua vida anterior, de transgressões, à transformação promovida pelo encontro com Deus, ele chegou a palestrar sobre religiosidade na Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba (Espép), em dezembro do ano passado. “Quero usar a minha história para inspirar outras pessoas”. O primeiro livro publicado por Andrilson foi intitulado Estou Preso, Mas a Palavra de Deus me Libertou.

“
Incentivamos a expressão artística por meio de atividades que desenvolvem disciplina, criatividade e autoestima

Sérgio Souza

Ações de educação e oficinas produtivas

Dentro das unidades prisionais de João Pessoa, existe, também, a Escola Graciliano Ramos, que oferece Ensino Fundamental e Médio para ampliar o nível de escolaridade dos detentos. Em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia (Secitec), as penitenciárias também conseguem ofertar cursos profissionalizantes e de nível superior *on-line*.

Para Felipe Abrantes, abraçar o estudo é o caminho para a ressocialização: “É isso que me dá a expectativa de ter uma profissão quando sair da cadeia. Já que estou recluso, afastado da sociedade, estou me capacitando para recuperar minha dignidade”. Com outros cinco apenados do Sílvio Porto, que optaram por investir em formações *on-line*, Felipe escolheu estudar Licenciatura em Letras, além

de fazer um curso profissionalizante de repositores e estoquista.

De acordo com a Seap, atualmente, na Paraíba, 4.739 pessoas privadas de liberdade estão inseridas em ações de educação formal e não formal, que incluem a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos para Pessoas Privadas de Liberdade ou sob Medida Socioeducativa (Encceja PPL) e práticas sistemáticas de leitura, com destaque para o Programa A Leitura Liberta, que utiliza a leitura como instrumento de formação crítica e desenvolvimento intelectual, tendo alcançado reconhecimento nacional ao ser finalista do Prêmio Viva Leitura, promovido pelo Ministério da Cultura, em parceria com a

Unesco e a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI).

No eixo do trabalho e geração de renda, atualmente 1.968 pessoas privadas de liberdade encontram-se inseridas em atividades laborais, que abrangem oficinas produtivas — como artefatos de concreto, malharias e ateliês — além de agroindústrias, com beneficiamento de pimenta orgânica e produção de hortaliças, entre outras culturas.

Segundo o gerente-executivo de Ressocialização na Paraíba, João Rosas, a participação nessas ações não é obrigatória, mas é fortemente estimulada por meio de instrumentos legais, como a remição de pena, além dos impactos positivos na qualificação profissional, disciplina, geração de renda e prepara-

ção para a vida em liberdade.

“Cada pessoa privada de liberdade possui uma trajetória única. Por isso, considerar seu contexto familiar, social, educacional e econômico é essencial para uma ressocialização individualizada e efetiva”, ressaltou.

■
Em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia (Secitec), as penitenciárias também conseguem ofertar cursos profissionalizantes e de nível superior on-line

Eduardo
Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O sorriso da leitora

O sino da porta tilintou suave, sinalizando o fechamento da livraria. O último cliente havia partido, levando consigo um romance sueco envolto em papel pardo. O silêncio, então, instalou-se entre as estantes, um silêncio aconchegante, habitado apenas pelo cheiro do papel envelhecido e da madeira.

Na poltrona de veludo cor de borgonha, aquela que ficava ao pé da estante de Filosofia, Nélida fechou o livro. Não com um gesto brusco, mas com uma lentidão cerimonial. A capa azulada e desgastada da edição de “Cândido, ou O Otimismo” ficou repousada em seu colo. Ela tirou os óculos, pousou-os sobre o livro e ergueu o olhar para o vazio, por cima das pilhas de volumes, como se visse, através das paredes, os horrores e as maravilhas do mundo peregrino de Cândido.

Eu, atrás do balcão, congelei a mão sobre a pratinha de pedidos. Observava. Era o meu ritual secreto, meu verdadeiro salário.

Havia uma semana, eu lhe entregara aquele exemplar com um brilho nos olhos. “Acho que é a sua cara”, dissera, sem mais explicações. Nélida, minha esposa, minha primeira e mais difícil cliente, aceitara o desafio com um ar de ceticismo amoroso. “Voltaire? Esse teu otimismo é que é candidez, querido”. Mas levou o livro para a poltrona, todas as tardes, depois do almoço.

E agora ali estava. Seu rosto, iluminado pela luminária de abajur verde, era um mapa de emoções silenciosas. Vi o sobrolho franzir diante da ingenuidade do jovem Cândido no castelo de Thunder-ten-tronckh. Vi um sorriso breve e ácido passar por seus lábios nas desventuras com Pangloss. Vi a sombra da indignação durante o terremoto de Lisboa. Tudo isso eu lia, de longe, como se lesse as páginas abertas em sua alma.

Mas foi o fim que a pegou. O fechamento. A horta. Seus olhos, sábios e cansados, encheram-se de uma água cristalina que não tentou conter. Uma lágrima, depois outra, escorreram por suas faces sem nenhum drama, apenas com a força tranquila de um entendimento profundo. Não era tristeza. Eu conhecia aquele choro. Era o choque da lucidez. Era a beleza agridoce de encontrar, em palavras escritas há mais de dois séculos, a receita cruel e perfeita para viver um dia de cada vez: “É preciso cultivar nosso jardim”.

Ela não chorava pelo livro. Chorava pela simplicidade devastadora daquela conclusão. Chorava, talvez, por todos os castelos de ilusão que já tivéramos que derrubar, juntos, ao longo da vida. Chorava porque Voltaire, com sua ironia afiada como um bisturi, havia cortado toda a pretensão e deixado a carne viva da responsabilidade.

Naquele instante, todas as listas, metas, desafios de leitura e algoritmos das redes sociais, que tantas vezes me atormentam como livreiro moderno, evaporaram-se como fumaça. Toda a pressão por “ler mais”, “postar sobre”, “estar antenado” mostrou sua verdadeira face: um ruído vazio, um falso ídolo.

Aqui, na minha livraria silenciosa, acontecia o único milagre que importa. Um espírito dialogava com outro através do tempo. Uma alma era tocada, confrontada e, no fim, pacificada por uma ideia. E eu, o modesto atravessador, o casamenteiro de livros e pessoas, testemunhava a cena mais íntima e grandiosa.

Nélida enxugou as lágrimas com os dedos, ainda sorrindo por trás delas. Seu olhar encontrou o meu por sobre as pilhas de livros. Não precisamos falar. O ar entre nós já estava denso com as mesmas palavras lidas, os mesmos pensamentos partilhados a distância.

— Seu malandro — disse ela, a voz um pouco rouca. — Mandar a gente atravessar o mundo com aquele ingênuo, ver tanta desgraça, para no fim... plantar couves.

Fui até ela, sentei no braço largo da poltrona. Passei a mão por seus cabelos cheio de cachos.

— E então? — perguntei, baixinho. — Valeu a viagem?

Ela pegou minha mão e apertou, olhando para a capa azul.

— Valeu cada naufrágio, cada terremoto, cada ovelha perdida. — Fez uma pausa, voltando o olhar para o nosso pequeno jardim interno, visível pela vitrine. — Acho que amanhã vou cuidar melhor das minhas rosas.

Sorri. Missão cumprida. A literatura, mais uma vez, não servira para escapar da vida, mas para regressar a ela com um olhar renovado. E o melhor de tudo: eu não havia indicado um livro a uma cliente. Havia apresentado um caminho à mulher que amo. Um caminho que, graças a Voltaire e às lágrimas claras de Nélida, terminava exatamente onde sempre deveria terminar: em nosso jardim compartilhado, pronto para ser cultivado, juntos, um dia depois do outro.

Colunista colaborador



Foto: Carlos Rodrigo

Valdenora Nogueira

Professora de Português

“Qualquer língua varia de acordo com o tempo, o lugar e a situação”

Docente fala sobre o acordo ortográfico, a relação entre língua escrita e oralidade, além da influência das redes sociais

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Unificar a escrita de uma língua falada em diferentes países, de continentes distintos, nunca foi um movimento simples — e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa é prova disso. Em 2026, faz 10 anos que as novas regras tornaram-se obrigatórias no Brasil, um momento propício para refletirmos sobre como a língua se molda ao tempo e como nós, usuários assíduos dela, nos adaptamos às mudanças. Assinado em 1990 pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), o acordo reuniu nove países lusófonos (Brasil, Portugal, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé, Príncipe e Timor-Leste) em torno do desafio de padronizar a escrita do português. Por aqui, a implementação começou em 2009, após atravessar um longo período de transição, e ainda levou mais sete anos para se tornar oficial e, portanto, obrigatório. E, mesmo tendo alterado cerca de 0,5% das palavras em uso — diferente dos portugueses, que tiveram 1,3% dos vocábulos afetados —, o novo acordo mexeu fundo nos hábitos linguísticos dos brasileiros. Até hoje, 10 anos depois da obrigatoriedade, tem muita gente que continua sem saber como acentuar certas palavras e usar o temido hífen.

É a partir disso que a professora de Língua Portuguesa Valdenora Nogueira Alves analisa o acordo, não como um pacote isolado de regras, mas como parte de um processo maior de amadurecimento linguístico. Formada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com trajetória consolidada no ensino e à frente de seu próprio Curso de Português, focado em redação, literatura, gramática e interpretação de texto, ela tem acompanhado de perto os impactos dessas mudanças na formação dos estudantes, que se preparam tanto para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) quanto para concursos públicos.

Na entrevista a seguir, Valdenora reflete sobre os objetivos do acordo, os entraves de sua aplicação, com destaque para o uso do hífen, a relação entre língua escrita e oralidade, a influência das redes sociais e dos estrangeirismos, além do papel da Educação e da própria imprensa na consolidação das novas regras. Ao longo da conversa, ela também revisita sua própria trajetória como professora e empreendedora, defendendo uma ideia que atravessa toda a entrevista: dominar a língua portuguesa vai além da “decoreba”.

A entrevista

■ *O que o acordo ortográfico realmente mudou na forma como lidamos com a língua portuguesa 10 anos depois de tornar-se obrigatório no Brasil? Qual a sua importância?*

A importância está, sobretudo, no fato de que a língua portuguesa é o idioma oficial de vários países. São nove ao todo, cada um com suas próprias regras de acentuação e ortografia. Também há muita coisa em comum entre eles, mas é importante entender que a mudança não aconteceu do ponto de vista da fala nem da sintaxe. É apenas ortográfica, ou seja, estamos falando de acentuação e grafia. Seu principal objetivo foi unificar a escrita entre esses países para reduzir diferenças gráficas e facilitar a circulação de livros, documentos e textos oficiais, diminuindo custos editoriais. Antes, um livro publicado no Brasil precisava passar por adaptações para circular em Portugal, por exemplo, e isso gerava despesa. O acordo veio, então, para reduzir as barreiras e internacionalizar a língua portuguesa.

■ *Mesmo sendo uma mudança restrita à ortografia, ela gerou muita resistência. Por quê?*

Porque, sempre que acontece uma mudança, ela gera algum des-

conforto. No Brasil, desde 2009, começamos esse processo de transição e, a partir de 2016, o acordo tornou-se oficial, sendo adotados concursos públicos e no Enem. São 10 anos de obrigatoriedade, mas, ainda hoje, existe resistência. É curioso porque, do ponto de vista técnico, o Novo Acordo Ortográfico afetou cerca de 0,5% dos vocábulos, mas criou-se um alarde muito maior do que isso. Não houve alteração na gramática, as mudanças foram bem pequenas. Porém, como o acordo mexeu em hábitos consolidados, ele causou estranhamento. As pessoas estavam acostumadas a escrever de um jeito, e qualquer alteração nisso incomoda.

■ *Quais foram, de fato, as principais mudanças trazidas pelo acordo?*

Basicamente, quatro. A primeira foi a alteração na acentuação de algumas palavras; a segunda, o fim do trema; a terceira, a incorporação das letras K, W e Y ao alfabeto; e a quarta, que é a mais problemática, diz respeito à mudança no uso do hífen. Inclusive, em uma entrevista que vi com Evanildo Bechara, o linguista brincou que o hífen virou uma “(h)infernização”, e eu concordo, porque quase todo

mundo tem problemas com isso. As regras são cheias de exceções, o que dificulta o entendimento.

■ *No caso da acentuação, o que mudou de forma mais significativa?*

As mudanças atingiram, principalmente, as palavras paroxítonas, que são a maioria na língua portuguesa — mas apenas uma minoria é acentuada. Não houve alteração nas oxítonas nem nas proparoxítonas. “Sábado”, “lógico”, todas elas continuam sendo acentuadas. Por exemplo, palavras como: “ideia”, “voo” e “leem” perderam o acento. Quando você tem duas vogais seguidas, como “oo” e “ee”, não há mais acento. Agora, é importante dizer uma coisa: isso só vale para as paroxítonas. Se a palavra for oxítona, a regra muda. Herói, por exemplo, continua com acento, mas “heroico” não tem mais. Isso gera confusão porque as pessoas não entendem a lógica das regras.

■ *O fim do trema e as novas regras do hífen foram mudanças positivas?*

Concordo com alguns aspectos da mudança; com outros não. O trema, por exemplo. Por que mudar? Ele estava tão quietinho, ajudava na pronúncia. Provavelmente, teremos alguns problemas no futuro por conta disso. Quando a pessoa não conhecer determinada palavra, ela pode tender a falar errado. De qualquer forma, mesmo com a saída do trema, a pronúncia continua como antes, então nada mudou. Quanto ao hífen, eu acho que as mudanças confundiram mais ainda os brasileiros. Porque realmente há muitas exceções. Veja esta regra: usa-se o hífen quando há encontro de duas vogais iguais, como “micro-on-das” e “anti-inflamatório”. Mas aí você tem exceções com os prefixos “re” e “co”: “reeleição” era separado e, agora, escreve-se junto, assim como “coorientador”. Então, há complicações devido às exceções. Acredito que não precisava ter mudado tanta coisa assim, são mudanças desnecessárias. É a “(h)infernização” mesmo.

■ *Dez anos depois da obrigatoriedade, o acordo cumpriu seu objetivo?*

Eu acho que ainda não integralmente em todos os países, mas, no Brasil e em Portugal, sim, porque já temos muitas publicações de livros. Aqui, o acordo já está sedimentado, principalmente porque é cobrado em concursos públicos e no Enem. Quem estuda acaba aprendendo. Talvez, tenha muita gente que nem saiba exatamente quais foram as mudanças, mas usa sem perceber.

■ *Falando em Portugal, como você enxerga, hoje, a relação entre o português do Brasil e a chamada língua-mãe?*

Recentemente, a influência brasileira virou motivo de polêmica em solo lusitano por, supostamente, “empobrecer” o português genuíno.

É uma relação complexa, mas veja: o número de falantes da língua portuguesa no Brasil é muito maior do que em Portugal. Eu acho que, com o tempo, essas alterações vão acontecer mesmo. E eles que lutem. É, sim, possível que o português brasileiro comece a se impor por lá também. Já do nosso lado, fomos nos adaptando com o tempo. As mudanças acontecem, sim, e trata-se de um processo natural. Ao mesmo tempo, a estrutura não se alterou por aqui: ou seja, o nosso português tem a mesma estrutura da língua-mãe. Embora tenham acontecido muitas mudanças em nosso vocabulário, a estrutura “sujeito, verbo e complemento” continua igual. O que muda é o vocabulário, o sotaque, a entonação. Aliás, há pessoas que, quando falam, não têm essa sequência lógica, e isso mostra que não estruturam bem o pensamento. A atriz Fernanda Montenegro, por exemplo, que já passa dos 90 anos, disse certa vez que, enquanto tiver a noção de sujeito, verbo e complemento, é sinal de que está cognitivamente bem.

■ *A sintaxe não mudou com o Novo Acordo Ortográfico, apenas algumas regras. Mas sabemos que a língua é viva e sofre influências a todo instante, incluindo estrangeirismos e redes sociais. Isso preocupa?*

Qualquer língua varia de acordo com o tempo, o lugar e a situação. Eu costumei dizer que precisamos ser “políglotas da nossa própria língua”, porque não falamos nem escrevemos da mesma forma, tudo depende do momento. Como eu trabalho com redação para o Enem, vejo que os jovens não misturam a língua falada, mais coloquial, com a escrita, o que me dá um certo conforto. Ou seja, eles sabem diferenciar a linguagem da *internet* da língua oficial. Para mim, é como vestir uma roupa para determinada ocasião, como ir à praia ou a um casamento. Obviamente que a língua portuguesa, assim como qualquer outra, vai absorvendo o que é plausível, de forma muito natural, enquanto outras palavras acabam morrendo com o tempo. Dessa forma, ela cresce e se enriquece. E a mesma lógica vale para os estrangeirismos: a influência econômica também traz a influência linguística. Não vejo como um processo de empobrecimento, e sim de enriquecimento. No passado, Monteiro Lobato criou um personagem chamado “Jeca Tatu”, aquele homem miserável e amarelo. Depois, o termo passou para o dicionário oficial. É algo que acontece, mas não com qualquer palavra. É o

uso que faz com que um termo seja levado para o cartório. Só registramos depois de muita utilização.

■ *Você acredita que, no futuro, a língua portuguesa possa passar por uma nova revisão ortográfica?*

É possível, sim. A gente tem esse acordo que já completou 10 anos, então é natural se perguntar se, daqui a algum tempo, pode haver uma nova revisão. Mas eu acho difícil que isso aconteça em breve. Porque, aos poucos, as pessoas vão se adaptando às mudanças, e a própria língua também se acomoda. Por outro lado, em alguns momentos, determinadas regras começam a gerar mais dificuldade do que clareza. Um exemplo é a palavra “para”. Antes, o verbo “parar” tinha acento justamente para diferenciá-lo da preposição “para”. Com o tempo, isso passou a causar mais confusão do que ajuda, o que levou à alteração. E o contexto resolve muito bem essa diferença. Teve, também, uma mudança interessante com a palavra “pera”. A fruta levava acento para se diferenciar da preposição “pera”, que é arcaica e praticamente não existe mais, usada apenas em algumas comunidades mais interioranas. Então, não fazia mais sentido manter esse acento. Sem contar que havia uma incoerência: uma pera tinha acento, mas duas peras não, porque não existe a preposição “peras”. Isso confundia muito as pessoas, e nesse caso a reforma foi positiva. Para você ter ideia, a última grande mudança na ortografia aconteceu em 1971. Atualmente, restaram apenas dois acentos diferenciais: “pôr”, verbo, para diferenciar da preposição “por”, e “pôde”, no passado, para diferenciar de “pode”, no presente. Só esses dois continuaram. Para mim, esse é o caminho natural da língua. Se, daqui a alguns anos, algumas palavras se tornarem arcaicas ou caírem em desuso, aí, sim, pode fazer sentido pensar em uma nova revisão. Mas, por enquanto, a gente ainda está penando para aplicar bem essas mudanças todas. Então, não é algo para agora.

■ *Dominar a norma culta faz diferença na vida das pessoas?*

Faz muita diferença. Não é só uma questão de regra. É uma porta de oportunidades. Um erro em uma prova pode custar um concurso inteiro. Para quem trabalha com a palavra, como jornalistas, isso é ainda mais evidente. Mas, mesmo para outras profissões, escrever bem é importante. Ao mesmo tempo, há a questão da adaptação também. Precisamos entender que, embora a língua escrita seja a oficial, ela pode ser maleável para que todos compreendam a mensagem. O importante é a comunicação, sempre.

FÉRIAS ESCOLARES

Período expõe insegurança alimentar

Na capital, mais de 75 mil alunos da rede municipal dependem da merenda escolar, suspensa durante o recesso

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Mais de 75 mil alunos da rede municipal recebem merenda escolar em João Pessoa, de acordo com a Secretaria de Educação e Cultura da capital (Sedec-JP). Para muitos estudantes, a escola é o único lugar onde se pode ter acesso a refeições saudáveis durante o dia. Quando chega o período de férias, essa oferta é suspensa — o que coloca em risco a segurança alimentar das crianças, sobretudo aquelas em situação de vulnerabilidade.

Esse é o caso de Maria de Fátima Rodrigues, mãe de Luana Mel, de oito anos, e de Alessandra Luara, de 16, que moram no Padre Zé. A criança e a adolescente estudam na rede pública e, no recesso escolar, dependem de doações para ter comida na mesa.

Há dois meses, Maria de Fátima está desempregada, em tratamento cardiológico por conta de um infarto. “Eu vivo só do Bolsa Família e do Auxílio Aluguel. É complicado. Quando eu vou ao Centro com as meninas, a gente almoça naquele restaurante popular que o valor é R\$ 1, mas, para ir lá, tem que ter a passagem de ônibus, né? Juntas somamos três passagens, então, ir e voltar para almoçar acaba ficando caro”, comenta.

Na família de Fabíola Herculano, a merenda escolar também integra a rotina alimentar dos filhos. Mãe solo e atípica, ela passa o dia ao lado dos meninos: Hyago, de oito anos, Talysson Gabriel, de cinco, e João Miguel, de um ano e 10 meses. Dois deles necessitam de remédios e estão sem acompanhamento médico. “Não consigo garantir e



Fabíola, mãe de Hyago, Talysson e João, reconhece que em casa a alimentação existente é diferente da disponível na escola

Sedes-JP

De acordo com Sérgio Lucena, presidente do Comsea, os restaurantes populares, localizados em regiões periféricas, têm cumprido um papel importante nesse cenário

nem manter a mesma alimentação que eles recebem na escola. Muitas vezes, as crianças saem de casa para ir às aulas

sem comer nada, porque estamos sem alimentos em casa. Na escola, eles têm um cardápio diferenciado que eu, como mãe, não posso promover, e fico muito triste por não poder dar o que meus filhos pedem”, confessa.

As férias escolares intensificam a insegurança alimentar, explica Sérgio Lucena, presidente do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea) de João Pessoa, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes-JP). Creches e escolas da rede pública desempenham um papel essencial na nutrição de crianças e adolescentes. As refeições distribuídas no intervalo das aulas

contribuem para assegurar a disposição e a saúde dos estudantes, além de tranquilizar os responsáveis ao longo da jornada de trabalho.

A alimentação, em João Pessoa, é ofertada a todos os alunos regularmente matriculados em escolas municipais, de todas as séries. São cinco refeições diárias nos centros municipais de educação infantil (Cmeis) e três em escolas de tempo integral. Já estudantes de instituições de tempo parcial — nos turnos da manhã ou da tarde — e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) recebem um lanche por dia.

“O que tem surtido um efeito positivo são as cozinhas solidárias e comunitá-

rias, que, mesmo em período de férias, funcionam durante todo o ano, junto com os Restaurantes Populares e outros equipamentos, que fazem um trabalho em regiões mais periféricas, mais vulneráveis. Elas têm sido essenciais para que as crianças tenham um pouco de alimento. Claro que é um número ainda não esperado por todos nós, mas que também tem feito sua parte nessa época”, avalia o presidente.

De acordo com ele, durante o recesso, iniciativas do Governo Federal proporcionam condições para que mantimentos cheguem à população, em parceria com a administração estadual e municipal. Um deles é o Pro-

grama de Aquisição de Alimentos com Distribuição Simultânea (PAA-CDS), que fornece produtos da agricultura familiar local para Centros de Referência em Assistência Social (Cras), Centros Sociais Urbanos (CSUs), cozinhas comunitárias, restaurantes populares e organizações não governamentais (ONGs). “A gente tem feito ações junto aos diversos órgãos para que, dentro dessa realidade, nesse momento de férias, possamos dar um apoio maior para esses segmentos”, revela.

São dois restaurantes populares na capital, um em Mangabeira e outro no Varadouro. Eles oferecem refeições balanceadas ao preço simbólico de R\$ 1, com um cardápio que inclui proteínas, verduras e legumes, elaborado conforme as diretrizes do Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT). As cozinhas comunitárias estão localizadas nas comunidades do Jardim Veneza, Gervásio Maia, Bela Vista (no bairro do Cristo), Timbó (no bairro dos Bancários), Taipa (no bairro Costa e Silva) e Novais.

“Hoje, seis cozinhas comunitárias funcionam em João Pessoa, quando a gente sabe que a cidade tem 65 bairros e 111 comunidades vulneráveis. Então, é preciso ampliar esses programas. Os Restaurantes Populares também precisam ter um cardápio voltado a crianças, como forma de atenuar essa dificuldade e desenvolver um *menu* mais adequado, inclusive para as crianças alérgicas, a fim de que elas não sofram sem ter uma alimentação que realmente se identifique com o seu perfil”, aponta.

Programa em Patos mantém 55 unidades educacionais abertas

Em Patos, na tentativa de atender a essa demanda, o projeto Férias na Escola abriu as 55 unidades de ensino municipais durante o recesso escolar. A iniciativa pretende transformar as férias em um momento de aprendizado e lazer, com o intuito de nivelar o conhecimento das turmas. Para garantir a presença dos estudantes, o município disponibiliza, ainda, transporte escolar e merenda todos os dias.

Quem acompanhou o desenvolvimento do cardápio deste ano letivo foi a nutricionista Amanda Monteiro. Ela reforça que alunos bem nutridos apresentam melhor desempenho, mais frequência e permanência na escola. “Alguns estudantes têm a merenda escolar como única refeição do dia. Os próprios alunos muitas vezes afirmam que não se alimentam adequadamente em casa, evidenciando a importância da escola como espaço de proteção e cuidado”, observa.

Nas escolas do município, as refeições obedecem às diretrizes do Programa Nacional de Alimentação Escolar



No Férias na Escola, os alunos do Sertão paraibano brincam, aprendem e alimentam-se

(Pnae), com menus específicos para cada faixa etária e modalidade de ensino, e as merendeiras realizam formações sobre manipulação de alimentos e organização da cozinha. Esse esforço coletivo possibilita uma nutrição segura e de qualidade, inaccessível a crianças mais vulneráveis nos meses de férias. Como lembra a especialista, o consumo de produtos pou-

co nutritivos, comum durante o recesso escolar, agrava episódios de distração, irritabilidade e sonolência, característicos da fome.

“Em muitos lares, a alimentação durante esse período passa a ser baseada, com maior frequência, em alimentos ultraprocessados e lanches práticos, por serem mais baratos e até mesmo por opção, porque a maioria das crian-

ças, quando estão de férias, em casa, tende a consumir mais ‘besteiras’. São alimentos geralmente ricos em açúcares, gorduras e sódio, com baixo valor nutricional e que não atendem às necessidades adequadas de crescimento e desenvolvimento como a alimentação escolar”, salienta.

A programação do projeto Férias na Escola contempla estudantes da Educação

Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, em especial nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Em paralelo ao reforço pedagógico, os jovens também participam de práticas esportivas. As atividades acontecem pela manhã, das 7h às 11h, e contam com cerca de 400 profissionais de apoio.



Acesse o planejamento de cardápios do Pnae pelo QR Code

Saiba Mais

Princípios do Cardápio Pnae:

- **Nutrição e saúde** — Fornecer os nutrientes necessários para o desenvolvimento, com foco em vitaminas (A e C) e ferro.
- **Diversidade cultural** — Incluir alimentos regionais e respeitar as especificidades culturais, como de comunidades indígenas e quilombolas, conforme orientações do CRN9.
- **Alimentos locais** — Priorizar produtos da agricultura familiar, garantindo qualidade e frescor.
- **Restrição de processados** — Evitar ultraprocessados, embutidos, doces em excesso e bebidas artificiais, como refrigerantes.
- **Planejamento profissional** — É feito anualmente por nutricionistas, seguindo a Resolução CD/FNDE nº 06/2020 e o Guia Alimentar para a População Brasileira.
- **Exemplos de itens (variam por região e escola):**
 - Café da Manhã/Lanche: frutas frescas, pães, leite, iogurte, ovos, mingau.
 - Almoço/Jantar: arroz, feijão, carnes magras, peixes, legumes variados (cenoura, abóbora), verduras (couve, alface).
 - Receitas Inovadoras: preparos como tortas de legumes, sucos naturais, cuscuz, moqueca de peixe (adaptados).

ANDADORES E CADEIRINHAS

Uso excessivo de suportes gera riscos às crianças

Especialistas alertam para o perigo da Síndrome do Bebê Confinado durante os primeiros meses de vida

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Não é difícil ver, na rotina das famílias com bebês nos primeiros meses de vida, a adoção do uso de andadores, bebês-conforto, cadeirinhas e carrinhos. Esses suportes auxiliam no dia a dia e garantem autonomia aos pais, para a realização de atividades paralelas, enquanto cuidam dos filhos. Mas, ao mesmo tempo que ajudam, esses suportes podem representar riscos para a evolução das crianças. Especialistas alertam que o excesso de tempo na acomodação das crianças em cadeirinhas e carrinhos pode causar a chamada “Síndrome do Bebê Confinado”. O termo refere-se a potenciais limitações no desenvolvimento neuropsicomotor e comportamental dos bebês, antes de um ano de idade. Jéssyca Marques é mãe do pequeno Pedro, de sete meses, e faz uso dos suportes para ajudar na realização de atividades diárias e deslocamentos. “Coloco ele no carrinho quando vou fazer as tarefas da casa e no bebê-conforto quando fazemos algum passeio”. Mirelly Lucena e Sávio Gustavo, pais de Benjamim, também de sete meses, adotaram o tapete infantil como suporte desde os primeiros meses. Eles conciliam o cuidado com Ben e o trabalho remoto, dividindo-se entre as duas responsabilidades. “Quando era novinho, ele ficava no bebê-conforto quando íamos comer. Mas a maior parte do tempo ficava no chão, no tapetinho dele, ou no colo”, explicou a mãe. Nas duas situações, há uma preocupação em comum. O tempo em que Pedro e Benjamim ficam confinados nesses suportes. Esse é o ponto crucial, segundo os especialistas, para evitar

a Síndrome do Bebê Confinado. O médico pediatra Umberto Marinho de Lima Júnior chama atenção para o uso moderado dos suportes para bebês. “O uso de bebês-conforto e cadeirinha tem sua indicação, mas são por curtos períodos e a depender da faixa etária. O que não pode é colocar um lactente, de dois ou três meses, em um bebê-conforto e passar a manhã ou a tarde inteira naquela postura. A variação da postura é importante inclusive em casos de plagiocefalia”, alertou. A plagiocefalia caracteriza-se pela deformação no crânio do bebê, resultando em uma condição de achatamento da cabeça. Ainda segundo o médico, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) contraindica o uso de andadores. “Não é permitido pelo risco de acidentes e por dificultar o processo natural da criança de desenvolver o controle da coluna [vertebral] por completo”. Como consequência, essa criança pode demorar a ficar de pé e iniciar os primeiros passos. Segundo a SBP, o uso de andadores pode ter consequências graves em casos de acidentes, como traumatismo craniano, queimaduras, intoxicações e afogamentos. Além disso, prejudica no aprendizado da postura correta para caminhar. Em 2013, o Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), por meio de um relatório sobre a análise de andadores infantis, já havia constatado esses riscos, classificando os produtos como inseguros para o uso. Uma das indicações para estimular o desenvolviment

to das crianças é uma técnica cujo nome, em inglês, é “Tummy Time”, também conhecida como barriga no chão. Nada mais é do que posicionar o bebê de bruços, no chão protegido ou na cama, e mantê-lo por alguns minutos, sempre observado de perto pelos pais. Essa prática simples, que pode ser introduzida já nos primeiros meses, traz grandes contribuições para a criança, ajudando no fortalecimento muscular e preparando o corpo do bebê para as próximas etapas de desenvolvimento. Reflexos comportamentais Além dos prejuízos no desenvolvimento da motricidade, o confinamento dos bebês implica também fatores comportamentais. Nos primeiros meses de vida, a forma de comunicação do ser humano é baseada nas expressões comportamentais e isso está diretamente ligado ao movimento. De acordo com a psicóloga Clarissa Fernandes, especialista no acompanhamento de crianças, “quando o bebê consegue se mover livremente, ele desenvolve autoconfiança, sensação de segurança, descobre as possibilidades e testa o que consegue fazer. Quando tem alguém podando, que ‘não pode’, ‘não pegue’, torna a criança dependente exclusivamente do adulto e insegura diante das possibilidades de desenvolvimento”. Esses fatores podem impactar o âmbito comunicativo e social. A criança passa a apresentar um comportamento mais passivo, retraído e não tem iniciativas exploratórias. “Sem os movimentos, o bebê fica com menos informações para o cérebro integrar ideias e formular possibilidades. Não vai tomar iniciativas, vai ser resistente a mudanças e ter uma irritabilidade maior que outras crianças que não ficam presas nesses suportes”, advertiu a psicóloga.



Pedro, de sete meses, utiliza a cadeirinha quando os pais se ocupam com alguma tarefa de casa

Pais e mães devem estar atentos aos marcos de desenvolvimento dos filhos

O olhar dos pais é fundamental, principalmente no acompanhamento dos chamados “marcos de desenvolvimento” esperados para cada idade. Jessyca e Mirelly, mães de Pedro e Benjamim, são atentas a esse processo evolutivo e observam o desenvolvimento gradual dos filhos. “Tem horas que acho que Pedro está bastante avançado, pelo fato de ele sentar sozinho com facilidade, engatinhar, se colocar em pé, mesmo que com apoio”, disse Jessyca. “Desde muito novinho Benjamim é bem ‘durinho’, como dizem popularmente, e acredito que isso é devido ao tempo que estimulamos ele no tapetinho”, acrescentou Mirelly. Alguns sinais podem servir de alerta aos pais. “Não olhar no olho quando chamado, não atender a um som quando estimulado, dificuldade de engajar com algum objeto ou brinquedo oferecido e permanecer muito tempo passiva, quieta, são alguns sinais que as crianças apresentam. É necessário cautela”, pontuou a psicóloga Clarissa Fernandes. Outros sinais são irritabilidade e choro frequente, com dificuldade de se acalmar, assim como rigidez corporal ou ser muito ‘molinho’, com flexibilidade excessiva. A psicóloga ressalta que “um sinal isolado não define o problema. É importante observar com que frequência, intensidade e persistência eles acontecem. Quanto mais cedo a observação, maiores as possibilidades de ajuda”.

Acompanhamento médico periódico até completar um ano é o indicado

O pediatra Umberto Júnior relata a importância de fazer a puericultura, que é o acompanhamento do desenvolvimento da criança em consultas frequentes, até completar o primeiro ano de vida. A primeira visita ao médico deve acontecer quando a criança completar de sete a 10 dias de vida. Posteriormente, os bebês devem passar por avaliações ao completarem um, dois, quatro, seis, nove e 12 meses, fechando esse ciclo inicial de prevenção de doenças. Durante esse período, são observados traços da evolução da criança. Os principais aspectos analisados na infância inicial são o monitoramento do crescimento, avaliação nutricional e administração de vacinas. Também são realizados teste de visão, audição e o desenvolvimento do sistema neuropsicomotor. “Dentro disso vão ser avaliados os marcos do desenvolvimento. Por exemplo: quando é a época certa para uma criança sentar sem apoio? Existem variações. O esperado é que por volta dos nove meses a criança já esteja sentando sem apoio. Uma criança que tem 11 meses de vida e não senta tem um atraso. Os pais precisam estar atentos”, orientou Umberto Júnior. A partir dessas observações, o médico avalia se é necessária a intervenção de outros especialistas como fisioterapeuta, fonoaudiólogo, neurologista pediátrico ou outro profissional que possa auxiliar no alcance dos marcos de desenvolvimento. “Quando a criança faz o acompanhamento, o médico

■ **Primeira visita deve acontecer quando forem completados de sete a 10 dias de vida**



Benjamim costuma brincar e curtir a companhia de seu pai Gustavo no tapete infantil

ANIMAIS SILVESTRES

Abandono é crime e acarreta riscos

Prática ilegal gera ameaças à fauna e à saúde humana; especialistas alertam e orientam a população sobre o tema

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A prática de abandono de animais é considerada crime, está prevista na legislação ambiental brasileira e pode resultar em detenção e multa. Embora o tema costume ser associado a cães e gatos, a lei também inclui animais silvestres — como jabutis, papagaios, saguis e outros — cuja posse é ilegal e cujo abandono representam sérios riscos ambientais, sanitários e de bem-estar animal.

No fim do ano passado, um vídeo divulgado pela equipe do Parque Zoológico Arruda Câmara — a Bica —, em João Pessoa, colocou o assunto em evidência. As imagens mostravam um homem estacionando o carro em frente ao zoológico municipal e descartando um jabuti na entrada do local. O ato reacendeu a discussão sobre o que fazer quando alguém mantém ilegalmente um animal silvestre e deseja desfazer-se dele.

De acordo com o médico-veterinário responsável pelo parque, Thiago Nery,



Foto: Thiago Nery/Arquivo pessoal

Veterinário destaca que a Bica não acolhe bichos deixados por pessoas e indica o processo adequado

a Bica não acolhe animais diretamente de pessoas físicas. “O Parque Zoológico Arruda Câmara só recebe animais oriundos de órgãos competentes, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis [Ibama], a Superintendência do Meio Ambiente [Sudema], o Batalhão de Polícia do Meio Ambiente [BPMA] e o Centro de Triagem de Animais Silvestres [Cetas]. Quando um animal chega sem origem legal, ele coloca todo o plantel em risco, por conta da possível transmissão de patógenos”, explica.

Segundo o especialista, a Bica realizou um trabalho educativo com os funcionários sobre a questão e instalou placas informativas, alertando que o zoológico não é um local de entrega de bichos. Por isso, os casos de abandono que se efetivam no parque são isolados. O mais comum, diz Thiago, é que pessoas cheguem à bilheteria buscando orientação e, após serem informadas sobre os caminhos legais, sigam corretamente o procedimento.

Legislação

A Lei de Crimes Ambientais (Lei nº 9.605/1998) prevê pena de detenção, de seis meses a um ano, e multa para quem mata, persegue, caça, apanha ou utiliza espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente. As multas administrativas, conforme o Decreto nº 6.514/2008, variam de R\$ 500 a R\$ 5 mil por animal, podendo ser agravadas em casos de obtenção de vantagem financeira mediante o ato.

Já o abandono de animais em geral é considerado uma prática de maus-tratos, pois pode causar sofrimento e risco de morte ao bicho. Por isso, enquadra-se como um delito, de acordo com as normas ambientais, estando também o seu autor sujeito à detenção de três meses a um ano, além de multa; a pena pode ser ampliada se houver a morte do animal. Na Paraíba, o Código de Direito e Bem-estar Animal (Lei Estadual nº 11.140/2018) também classifica o abandono como forma de maus-tratos.

Meio ambiente torna-se vulnerável a desequilíbrios

Especialistas alertam que os problemas da posse ilegal e do abandono de animais silvestres vão além da questão individual. Conforme Alexandre Mendonça, chefe do Cetas, a remoção de animais da natureza contribui para o tráfico de fauna e provoca desequilíbrios ecológicos. “As retiradas indiscriminadas de fauna nos ambientes naturais causam desequilíbrios e podem resultar em perdas maiores, já que muitos animais são responsáveis pela polinização e pelo controle de pragas, por exemplo”, destaca Alexandre. Além disso, inúmeros são os prejuízos para a saúde do espécime. “Ele estará em um ambiente inadequado, não receberá alimentação correta e não será capaz de exercer seus comportamentos naturais. Esses fatores impactam diretamente o bem-estar das espécies”, alerta a médica-veterinária Lílian Eloy, integrante da Comissão de Animais Silvestres do Conselho Regional de Medicina Veterinária da Paraíba (CRMV-PB).

Já o abandono do bicho, como avalia Thiago Nery, não resolve o problema; agrava-o. “Soltar um animal criado em

ambiente doméstico significa expô-lo a atropelamentos, fome, predadores, doenças e até à introdução de espécies invasoras em biomas inadequados”, observa.

É significativo, ainda, o risco sanitário. Animais silvestres mantidos em casas podem adquirir infecções de cães ou gatos e, ao serem abandonados ou soltos, levar esses patógenos para a natureza. O caminho oposto também ocorre: zoonoses podem ser transmitidas aos humanos. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que mais de 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças emergentes têm origem animal.

O médico-veterinário Glenison Dias lembra o caso do homem que morreu, em Campina Grande, no último dia 5, acometido por raiva, após ter sido mordido por um sagui, em setembro do ano passado. “De modo inverso, também somos um risco para os animais, porque doenças como a herpes-vírus tipo 1 — que, muitas vezes, é assintomática para humanos — podem ser letais para saguis”, ressalta Glenison.

Entrega voluntária pode evitar penalidades

A maneira correta de agir, como destaca a segunda-tenente do Batalhão de Polícia Ambiental, Karla Sousa, nunca é abandonar o bicho. “Quem possui um animal silvestre de forma irregular deve procurar espontaneamente os órgãos ambientais competentes, como o BPMA, o Ibama, a Sudema ou o Cetas”, orienta.

Essa conduta é chamada de entrega voluntária, que ocorre quando o responsável procura as autoridades por iniciativa própria, antes de qualquer fiscalização, denúncia ou abordagem policial, com o objetivo de entregar o animal e cessar a situação irregular. Trata-se de um mecanismo reconhecido pela legislação ambiental como forma de estimular a regularização e proteger o bem-estar animal. O ato demonstra boa-fé por parte do possuidor e, em determinadas situações, pode afastar a aplicação de sanções penais.

O fundamento legal está no artigo 29 da Lei nº 9.605/1998, que permite deixar de aplicar a pena quando se tratar da guarda doméstica de um animal silvestre não ameaçado de extinção, considerando as circunstâncias do caso concreto — entendimento que se estende à entrega espontânea do animal. “Qualquer cidadão que decidiu não criar mais um animal silvestre pode fazer sua entrega voluntária, sem risco de penalidade. Tal procedimento pode ser realizado diretamente com o BPMA ou o Cetas da região — no caso da Paraíba, sediado em Cabedelo”, afirma Glenison Dias.

Alexandre Mendonça destaca que, ao chegarem ao Cetas paraibano, os animais passam pelos processos de marcação individual,

Boa-fé

Lei permite que pena de ser aplicada em casos de guarda doméstica de animal silvestre não ameaçado de extinção e concedido espontaneamente às autoridades

por meio de anilhas ou microchips; triagem; e avaliação clínica por médico-veterinário. “Nos casos em que demandem tratamentos, os animais são cuidados para posterior trabalho de reabilitação, adequação de dietas e consequente trabalho voltado para a correta destinação”. A prioridade é a soltura do bicho em seu habitat natural, porém, devido às condições que o animal possa ter vivido, nem sempre é possível. Assim, o destino pode ser zoológicos ou criadouros legalizados.

Denúncia

Casos de abandono flagrante devem ser denunciados à polícia pelo número 190 ou em delegacias. Denúncias sobre tráfico ou criação ilegal também podem ser feitas por meio da linha verde do Ibama, pelo telefone 0800 061 8080. Especialistas reforçam que denunciar é um dever coletivo e que denúncias falsas configuram crime. “Se alguém suspeitar de venda, criação ou reprodução de animais silvestres de maneira ilegal, pode ajudar os órgãos de fiscalização a combater as práticas”, destacou Alexandre.



Foto: Divulgação/Ibama

Prioridade é a soltura do espécime de volta em seu habitat

Caso um cidadão presencie uma situação de abandono de animal silvestre, é necessário, inicialmente, manter alguns cuidados. Se for uma espécie que possa oferecer risco, é importante não tentar capturar o animal por conta própria e acionar imediatamente os órgãos competentes, informando local, horário, características do animal e, se possível, identificando o autor do abandono.

Além disso, se for viável realizar imagens do momento do abandono, deve-se ir à Delegacia de Crimes contra o Meio Ambiente, loca-

lizada na Central de Polícia, para registrar o fato e, assim, auxiliar o andamento das investigações.

■ O Disque 190 e a Delegacia de Crimes contra o Meio Ambiente estão entre os canais sugeridos para relatar ocorrências



Foto: Lílian Eloy/Arquivo pessoal

Lílian Eloy aponta que o bem-estar animal também é afetado

FOLIA DAS COMUNIDADES

Amor e união mantêm viva a tradição

Em meio a dificuldades financeiras, grupos carnavalescos reforçam os valores que seguem movendo suas atividades

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com

Os festejos carnavalescos costumam trazer muitas cores, brilho, música e alegria às ruas. Nesse período, troças, agremiações e grupos desfilam e encantam quem participa ou mesmo quem passa só para ver a festa. Mas, para que tudo isso aconteça, o trabalho de quem “coloca o bloco na rua” começa muito antes do Carnaval.

Em João Pessoa e Campina Grande, os grupos do chamado “Carnaval Tradição” começaram a se preparar desde o fim dos desfiles do ano passado. São reuniões para a escolha do tema e a confecção de fantasias, estandartes e adereços, além dos ensaios — que acontecem, em média, duas vezes por semana —, para que tudo saia perfeito na avenida. Em 2025, mais de 50 agremiações desfilaram na capital; já na Rainha da Borborema, foram cerca de 20.

Criada em 2014, a escola de samba Unidos do Roger é uma das que integram o Carnaval



Foto: Unidos do Roger/Arquivo pessoal

O presidente da Unidos do Roger revelou que os trabalhos para o desfile deste ano começaram ainda no primeiro semestre de 2025

Tradição pessoense. Com três cores — verde, rosa e branco — e mais de 300 integrantes, o grupo levará para a avenida, neste ano, o tema “Sorte é

ser Unidos”. A proposta é abordar símbolos ancestrais, crenças, amuletos e a fé que marca a vida das pessoas e atravessa gerações e culturas. O pre-

sidente da agremiação, Paulo César dos Santos, destaca que a função requer jogo de cintura e amor, para lidar com as responsabilidades e dificulda-

des. “Os recursos, quando chegam, é na véspera da semana de Carnaval, e, para a gente trabalhar até chegar o desfile, precisa arrumar dinheiro em-

prestado, cartão, para poder fazer as coisas andarem. Tudo em que trabalhamos, de outubro para cá, é com recursos que conseguimos, com rifas e bingos, senão não daria tempo”.

Paulo César revela que o tema do enredo deste ano foi escolhido ainda no primeiro semestre de 2025, quando já começaram os trabalhos para a composição do samba e a elaboração de fantasias, adereços, carros e outras peças. “Temos pessoas que recebem dinheiro para sua atuação, como o mestre de bateria, o costureiro e o coreógrafo da comissão de frente. E, da comunidade, temos pessoas voluntárias, que nos ajudam”. O grupo também realiza oficinas com crianças e jovens que querem aprender a tocar; o próprio Paulo César lembra que sua relação com o Carnaval surgiu na infância e que esse amor cresce a cada ano. “Para mim, ser presidente de uma escola, hoje, é uma honra! Você chegar no dia do desfile e ver tudo aquilo que sonhou sair perfeito na avenida, não tem explicação; é extraordinário”.

Urso Branco conta com o apoio de Mandacaru

Um dos grupos de ala ursa que desfila na capital, o Urso Branco, sediado no bairro de Mandacaru, existe desde 2006 e conta com cerca de 60 integrantes. Todos os anos, o grupo também escolhe um tema para levar para a avenida, renovando figurino e adereços com base nele. “Neste ano, vamos levar a literatura de cordel, mas já falamos do artesanato da Paraíba, da história do bairro, da história do presidente e da agremiação”, aponta uma das participantes do Urso Branco, Kelly Sousa. Ela ressalta que o trabalho para que a agremiação desfile acontece o ano todo. “Encerramos um [Carnaval] e já começamos o do próximo ano; a gente dá só um tempinho de descanso e depois retoma”, frisa Kelly, informando que os ensaios ocorrem duas vezes por semana, mas, quando se aproximam do período carnavalesco, eles sobem para três ou quatro vezes por semana.

Quanto à produção de fantasias, adereços e estandartes, a integrante comenta que todo o grupo participa desse trabalho, inclusive crianças da comunidade. Em Mandacaru, o Urso Branco ainda realiza ações sociais, arrecadando doações para auxiliar as famílias mais carentes da região, e costuma atrair

o prestígio dos moradores locais durante ensaios e encontros com outras agremiações. “Quando a gente bota o ensaio na rua, eles colocam uma cadeirinha e ficam assistindo a gente. Já os encontros são um espetáculo para eles, até porque nem todos conseguem ir ao concurso”.

Para Kelly, desfilar no Carnaval Tradição gera um misto de sentimentos. “Sempre dá aquele nervosismo, por mais que a gente tenha ensaiado e já tenha passado por isso, sempre tem essa expectativa do que os jurados vão achar, mas é maravilhoso!”. Por outro lado, ela salienta as dificuldades financeiras para manter o grupo e conseguir custear todas as despesas para a apresentação. Para este ano, a Prefeitura de João Pessoa lançou um edital destinando recursos às agremiações e, apesar de já ter seu resultado publicado, o processo não especifica a data do pagamento aos beneficiários. “Só pagam a subvenção ‘em cima’ do concurso. Não dá tempo de fazer nada, então a gente já está fazendo, sem previsão de receber”, lamenta Kelly. Manter essa tradição viva, segundo a representante do grupo, é um ato de amor e de compromisso com os jovens que o integram, mas não há ganhos financeiros.

Escolas e bois também coloreem as ruas de CG

Na Rainha da Borborema, o presidente da Associação Campinense das Escolas de Samba e Troças Carnavalescas (Acestec), Rodrigo Martins, prevê que os desfiles do Carnaval Tradição ocorram em 7 e 8 de fevereiro. “Temos 28 agremiações filiadas e estamos com toda a programação fechada, mas ainda aguardamos o posicionamento dos Poderes Públicos e buscamos outros apoios, para que possamos custear a realização do Carnaval”. A Prefeitura de Campina Grande abriu um cadastramento para as agremiações e blocos de rua deste ano, mas, até o fechamento desta edição, ainda não havia divulgado o resultado nem como se dará o apoio a esses eventos.

Apesar dos desafios financeiros, Rodrigo ressalta que, com muito esforço, os desfiles conseguem, anualmente, levar suas cores e animação para as ruas da cidade, reunindo de quatro mil a cinco mil pessoas. O presidente da Acestec, a propósito, também dirige uma escola de samba, a Bambas do Ritmo, do bairro José Pinheiro, com 59 anos de fundação. “Em 2026, nosso tema é ‘Criança, a esperança!’, mostrando a realidade das crianças em situação de vulnerabilidade social”. Assim como com a Unidos do Roger e o Urso Branco, é o trabalho coletivo, ao longo de todo o ano, que garante a preparação adequada da agremiação campinense. “Desenvolvemos uma oficina de adereços, para que possamos confeccionar nossas fantasias. Devido às dificuldades, muitas vezes, tudo que confeccionamos, reciclamos”, ressalta ele, frisando que a escola sobrevive da força de sua comunidade e para manter vivas as tradições carnavalescas.



Foto: Boi Gladiador/Arquivo pessoal



Foto: Bambas do Ritmo/Arquivo pessoal

Apreço pelas manifestações e pelo costumes populares alimenta os esforços dos integrantes do Boi Gladiador e do Bambas do Ritmo

Vocação

Além das escolas de samba, os festejos na Paraíba também contam com o desfiles de bumba meu boi. Em Campina, Ítalo Silva é responsável por um desses grupos, o Boi Gladiador, que surgiu em 2015 e soma, hoje, cerca de 30 pessoas. Ele diz que os preparativos para a chamada “temporada de bois”, que engloba a apresentação no Carnaval Tradição e os encontros nos bairros, começa em meados do ano anterior.

“Os encontros de bois normalmente se estendem até perto do São João e, quando terminam, a gente já se reúne para escolher as cores do ano seguinte; fazer arte para camisa, boné e bandeira; e pensar nos enfeites do boi”. Apaixonado por essa manifestação popular desde a infância, Ítalo

também trabalha profissionalmente com a confecção de bois, para grupos do município e de todo o país. “Quando eu era pequeno, passou um boi na minha rua, mas eu não podia ir atrás, era criança. Minha mãe começou a me levar para os desfiles. Anos depois, conheci um senhor que tinha um boi e eu comecei a trabalhar com ele, ajudando-o a fazer o boi. Depois, fui pesquisando, vendo outros materiais, fiz o Gladiador e começaram a chegar encomendas dos bois daqui. Virou uma loucura”, brinca Ítalo, que deixou seu antigo emprego para se dedicar à área.

A realidade financeira do Boi Gladiador não é diferente daquela das demais agremiações. O dirigente conta que os próprios integrantes do grupo

costumam custear as despesas para garantir o desfile. Ele reclama dos baixos incentivos dos Poderes Públicos e discorda do argumento de que o Carnaval Tradição não movimentaria a economia local. “Os ensaios começam em dezembro e a gente compra camisa, boné... Nos dias em que o boi sai, gastamos cerca de R\$ 200 em fogos de artifício, além de água, instrumentos... Para fazer ou reformar os bois, compramos materiais no Centro e, nas apresentações, ganham os vendedores de bebidas, de lanches, aluguel de som. Até perto do São João, o boi segue movimentando a economia”, defende Ítalo.

Admirador do bumba meu boi desde a infância, Ítalo deixou seu antigo emprego para dedicar-se ao seu próprio grupo



Foto: Roberto Guedes

Confecção de fantasias mobiliza inclusive crianças do bairro

MÚSICA

Trajetória no samba

Roberta Sá conversa com **A União** sobre “Tudo o que Cantei Sou”, registro em áudio e vídeo do show com o qual celebra seus 20 anos de carreira

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Roberta Sá já cantava quando lançou o disco *Brasero*, em 2005. Tinha participado do *reality show* musical *Fama*, da Globo, já tinha tido música em novela (“A vizinha do lado”, em *Celebridade*, de 2003–2004), já tinha feito *show* no Mistura Fina e apresentado-se com o Trio Madeira Brasil em Portugal. Mesmo assim, ela considera *Brasero* o começo de verdade de sua carreira, que completou, portanto, 20 anos no ano passado e motivou a gravação e o lançamento de um disco ao vivo e registro audiovisual (disponível no YouTube): *Tudo que Cantei Sou*. Neles, ela revisita alguns de seus grandes sucessos.

“Para mim, eu nasci como cantora no *Brasero*”, conta ela, em conversa com **A União**. “Quando você lança um álbum, tem uma coisa de começar, sei lá, carimbar o início de uma caminhada. Justamente porque você vai cantar aquelas músicas para o resto da vida. Para o resto da vida. Tanto que 20 anos depois eu estou cantando e nomeando um trabalho chamado *Tudo que Cantei Sou*, que é uma frase de ‘Olho de boi’, que é uma música do *Brasero*”.

O que veio antes, para ela, ainda era uma experimentação. “Ver se era isso que eu queria, se não era isso que eu queria, se eu queria ser cantora, se eu não queria. Quando saí do *Fama* fui trabalhar em loja ainda. Mas a partir do momento que eu lancei um disco, eu me coloquei no mercado como uma cantora e com a cantora com aquele DNA”, explica. “Isso você carrega para o resto da vida. Tive dois, três

anos ali, para esculpir essa cantora que eu queria ser”.

Brasero entra com quatro músicas nesse novo disco, é o que entra com mais canções nessas releituras que são gravadas ao vivo, no palco da Casa de Francisca, em São Paulo, acompanhada apenas por Alaam Monteiro, no bandleim, e Gabriel de Aquino, no violão. Mas sem plateia — o que ela explica que é bem diferente de gravar todo mundo junto em um estúdio.

“No estúdio a gente corre o risco de cair na armadilha de querer fazer refazer muita coisa”, afirma. “E ao vivo, ali no palco, você você tem aquele dia e você vai gravar aquelas 14 canções. O resultado é muito diferente. Em termos de emoção, interpretação, olhar para a câmera, é muito diferente”.

Ela queria que o público tivesse a sensação de estar assistindo realmente ao *show*. “Então a câmera pôde chegar muito perto no palco. Por isso mesmo que a gente gravou sem plateia: porque se não a câmera atrapalharia o público que tivesse assistindo na hora”, conta a cantora. O silêncio também era importante para o melhor registro do som: a apresentação foi gravada de madrugada.

Roberta Sá gosta de lançar um álbum, para depois um *show* com base no disco e, na sequência, um disco ao vivo com o registro do *show*. “Esse ainda é o caminho que eu gosto mais”, conta ela. “Mas, por exemplo, agora, com o *Tudo que Cantei Sou*, eu adorei lançar um *show* para depois lançar um álbum. Acho que cada artista encontra o jeito de contar da sua narrativa, e nenhuma é menor ou maior que a outra”.

Assim, ela selecionou as canções entre aquelas que já vinha interpretando no *show*. “Eu falei: ‘Quais dessas canções eu tenho vontade de apresentar novamente num álbum?’. Esse foi o critério principal”, explica. “Então, quis resgatar, buscar canções que eu não cantava há algum tempo. Por isso e porque eram canções que eu tava com saudade de cantar”.

“Eu sambo mesmo”, de Janet de Almeida, do *Brasero*, é uma das canções mais lembradas na voz da cantora. Através dela, Roberta descobriu o samba dos anos 1940.

“Ela chegou através do João Gilberto, do disco *João*, que a minha mãe tinha em casa e que eu escutava muito”, lembra. “Desde a primeira vez que eu pensei em gravar disco, eu sempre pensei: ‘Como é que eu vou abrir o disco?’. Para mim as músicas mais importantes são a que abre e a que fecha. Então ‘Eu sambo mesmo’ era uma é uma carta de intenção”.

“Pavilhão de espelhos” ela gravou em 2012. “É uma música inédita do Lula Queiroga. Eu sempre tive vontade de gravar uma música *pop* assim, que tem esse sentimento”, diz ela, que conta que a música voltou ao seu repertório após a pandemia. “Essa fala em renascimento, em recomeço. Essa música fala de quem

sobrevive. Ela é um abraço nos meus fãs que passaram por momentos difíceis, tanto na pandemia ou em alguma tragédia pessoal”.

“Juras”, de Fernando Oliveira e Rosa Passos, é uma música que Roberta Sá nunca tinha gravado. “Eu canto essa em casa porque o Cezar Mendes me ensinou o violão dessa música, então é uma que eu sei tocar direitinho no violão”, declara. “E eu cantei para conquistar o meu marido [Pedro Sailer], que assina a direção artística comigo”.

“Fogo de palha” é uma

composição de Roberta com Gilberto Gil. “É uma loucura, né? Quem imaginava na vida quando você pensava: ‘Chico, Gil, essas pessoas existem?’. E aí vira parceira do Gil. Então, essa música tá aí pontualmente para representar o meu lado compositora, que é muito tímido, mas que a cada dia mais me obriga a florescer, a sair desse armário”.

Roberta Sá combina em sua carreira a herança musical de sua infância em Natal (RN) com a Lapa carioca. Ela nasceu na capital potiguar, em 1980, mas foi morar no Rio ainda criança, aos 9 anos.

“Natal tem muito de mim. Sempre que eu vou, me surpreendo e me sinto ainda mais parte daquela cultura”, revela. “Só fui começar a me sentir à vontade no Rio

com 18, 19 anos. Eu tentei me encaixar de muito muitas formas aqui e só consegui quando eu fui para Lapa e fui para o samba. Ali eu entendi: ‘É o meu lugar nessa cidade’. E hoje em dia vejo que tem muito a ver com o espaço que eu deixei em Natal”.

A música sempre foi um lugar de muito afeto para a cantora. “E no samba tem uma coisa que é muito parecida com o nordestino: é o lugar do Rio que recebe com comida na mesa, com fartura, com uma feijoada, com um sorriso no rosto, que agrega, que acolhe”, compara. “E o povo nordestino é muito assim, é assim que eu sinto o nordestino. É uma generosidade que tem no samba, sabe? Então eu acho que o samba foi a minha maneira de reencontrar o Nordeste aqui dentro da cidade”.

Foto: Flávia Negri/Divulgação

Apresentação da cantora foi gravada ao vivo, mas sem plateia para potencializar os movimentos de câmera e garantir o melhor som



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Cálculo do sofrimento

Segundo a “psicologia popular”, observar sofrimentos piores do que os nossos pode mudar a forma pessimista como avaliamos nossas próprias vidas. É o caso de crianças que se contentam com refeições “sem graça” e agem feito aborígenes diante de um tabu milenar, na possibilidade de estragar comida. O que é explicado pela assimilação dos discursos de seus pais, proferidos à mesa sobre a fome do mundo e a enorme dificuldade para comprar alimentos. Em alguns casos, essas argumentações são acompanhadas de ameaças bastante reais e eloquentes, como surras de cinturão e fantasiosos castigos divinos. Essas mesmas crianças, quando chegarem à fase adulta, se sentirão invadidas por um dilacerante sentimento de culpa ao ver o rebootalho de seus pratos serem atirados no fundo de uma lixeira, a cada almoço ou jantar.

A situação torna-se mais grave quando a pessoa em questão experimentou fome durante a infância. Bertrand Russell, o filósofo inglês, conta que conheceu duas garotinhas estonianas que estavam mais “pra lá do que pra cá”, por causa de uma terrível crise. Ambas ficaram sob os cuidados de sua família que amavelmente as acolheram, o que fez com que a fome deixasse de ser um problema. Mesmo assim, durante o tempo livre, o passatempo preferido das meninas era roubar batatas das fazendas da vizinhança, que escondiam cuidadosamente. O mesmo com-

portamento tende a se repetir em relação ao dinheiro. Rockefeller, dizia Russell, foi um garotinho pobre que, na vida adulta, continuou agindo como tal.

Os raciocínios acima se baseiam naquilo que convencionei chamar de “cálculo de avaliação de sofrimento”. Vejamos um exemplo de aplicação do cálculo: minha mãe e minha sogra são duas mulheres bastante amáveis e inteligentes, mas que, ao menor desconforto físico, costumam agourar a própria existência conjecturando doenças gravíssimas. Uma dor de cabeça entre elas vira um tumor no cérebro e qualquer esquecimento, mal de Alzheimer.

Trata-se, a meu ver, de uma artimanha psicológica que visa estimar sempre para pior o que pode vir a ocorrer, de modo a serem “surpreendidas” positivamente no final. E de quebra, comover seus filhos — jeito, diga-se, meio estranho de ganhar atenção e carinho. O problema é acreditarem que estão realmente com problema, e o sofrimento que daí decorre. A estratégia se mostraria, assim, contraproducente.

Já vi muitas histórias sobre pessoas que, após visitarem o Hospital Napoleão Laureano, deixaram o lugar aos prantos, convencidas que seus problemas eram pequenos se comparados com o que se passava com a maioria dos pacientes. É algo, guardadas as devidas proporções, parecido com a experiência do príncipe Sidar-

ta Gautama, que fora preservado durante parte de sua vida do conhecimento sobre existência do envelhecimento, dos moribundos, da pobreza e das doenças, mas que mudaria radicalmente sua concepção ao descobrir esses fatos. Desde então, o mundo passou a ser visto por ele como um lugar de eterno sofrimento, cuja única saída seria o ascetismo extramundano — que particularmente me parece problemático, por levar à inação e à fuga da realidade.

Tenho lembranças vagas de um filme sobre pessoas que frequentavam hospitais para ver a chegada de ambulâncias, com doentes e feridos. As personagens necessitavam daquela experiência mórbida como um viciado em heroína deseja mais uma “picada”.

No filme *Clube da Luta*, o personagem de Edward Norton participava de um grupo de autoajuda para homens com câncer nos testículos, sem ter a doença, apenas para aliviar suas tensões e problemas de insônia. Ele acaba tão viciado nisso que passa a frequentar os mais diferentes grupos de autoajuda.

Comparar sofrimentos muitas vezes é apenas uma forma de reorganizar a dor em novos termos. Em vez de extingui-la, desloca-a para o campo da culpa. É, no fim das contas, uma manobra psicológica ineficiente, que promete alívio, mas entrega apenas uma forma mais elaborada de desconforto.

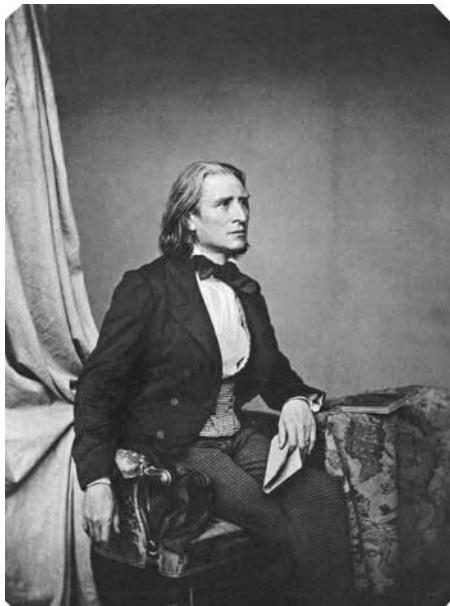
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Força simbólica do poema sinfônico

O poema sinfônico foi uma das formas mais expressivas da estética musical do século 19. Ele recebeu a influência dos ideais do primeiro romantismo alemão, do período de 1797 a 1806, entre eles o de construir a unidade entre homem, natureza e cosmos, de forma a gerar uma filosofia da natureza; bem como o de valorizar a fusão do senso de nacionalismo e de ancestralidade com o erudito e o popular, a fim de reinventar os temas da arte, da linguagem e do romance como gêneros críticos, com influências das obras do poeta, dramaturgo e ator inglês William Shakespeare (1564–1616) e do conceito de “bom selvagem” do filósofo, teórico político, escritor e compositor genebrino Jean-Jaques Rousseau (1712–1778). O gênero também amplia a linguagem orquestral: trata-se de uma composição em movimento único, concebida para lembrar uma narrativa, uma imagem, uma ideia filosófica ou um conteúdo literário extramusical. Diferentemente da sinfonia clássica, que é estruturada em vários movimentos separados entre si, com temas diferentes e orientada por princípios formais geralmente estáveis, a sua forma musical privilegia a liberdade formal e a expressividade subjetiva, de modo a estimular a descrição ou a imaginação poética. Ela insere a música programática e interage com outras artes, isto é, propõe-se a dizer algo para além de si mesma. O programa — explícito ou implícito — funciona como um guia interpretativo que orienta o ouvinte, com a finalidade de estabelecer uma relação direta entre a peça musical e uma obra literária, um poema, uma paisagem natural, um mito ou um acontecimento histórico.

A criação do poema sinfônico é atribuída ao compositor, pianista, regente, professor e terciário franciscano húngaro Franz Liszt (1811–1886), que, a partir da década de 1840, passou a empregar essa nova forma de compor para designar suas obras orquestrais de perfil narrativo e unitário. Liszt renovava a música instrumental, libertando-a dos modelos clássicos e aproximando-a da Literatura e da Filosofia, em unidade com os ideais românticos de fusão das artes. Em seus poemas sinfônicos, como “Les préludes ou Mazeppa”, observa-



Liszt é tido como criador do poema sinfônico

-se o uso recorrente da transformação temática, técnica pela qual um mesmo tema musical é continuamente modificado para expressar diferentes estados emocionais ou situações narrativas ao longo da obra. Uma das principais características desse gênero é sua estrutura flexível. Embora apresente unidade formal, ela não é alcançada pela repetição rígida de esquemas tradicionais, mas pela coerência expressiva do discurso musical em relação ao programa. A música desenvolve-se como um fluxo contínuo, adaptando-se às exigências narrativas do tema extramusical. Assim, diferenças de andamentos, timbres, dinâmicas e texturas orquestrais são utilizadas para sugerir imagens sonoras, contemplação, tragédia, drama ou tensão.

O desenvolvimento do poema sinfônico também está relacionado ao progresso da orquestra romântica, que se torna progressivamente mais ampla e constituída de forte musculatura sonora. O uso sofisticado da instrumentação permite ao compositor explorar timbres específicos para representar personagens, paisagens ou estados de espírito. Esse aspecto imagético da orquestração é essencial para a consolidação do gênero. Após Liszt, o poema sinfônico influenciou vários compositores, entre eles o tcheco Bedřich Smetana (1824–1884), o organista, regente e pianista francês Camille Saint-Saëns (1835–1921) e o regente alemão Richard Strauss (1864–1949). Em “Mi-

nha pátria” (1882), Smetana utiliza o poema sinfônico como instrumento de afirmação nacional, sendo “O moldávio” (1874) um exemplo da capacidade do gênero de traduzir musicalmente o curso de um rio e sua importância simbólica para um povo. Camille Saint-Saëns compôs quatro poemas sinfônicos, todos escritos na década de 1870, inspirados em temas mitológicos e literários. São eles: “O fuso de Ônfale, op. 31” (1871) — inspirado no mito de Hércules submetido à Ônfale, o qual simboliza a inversão de papéis entre força e sedução; “Phaéton, op. 39” (1873) — baseado no mito grego de Faetonte, que tenta conduzir o carro do Sol e acaba destruído por sua imprudência; “Dança macabra, op. 40” (1874) — inspirada em uma lenda medieval sobre a dança dos mortos, evocando ironia, sarcasmo e atmosfera fantasmagórica; “A juventude de Hércules, op. 50” (1877) — representa a escolha moral de Hércules entre o vício e a virtude, com forte caráter narrativo e ético. Strauss conduziu o poema sinfônico a um nível de elevada complexidade técnica. Obras como “Don Juan” (1888) e “Assim falou Zaratustra” (1896) revelam uma orquestração densa e um tratamento quase sinfônico do material temático, no qual se exploram narrativas literárias e filosóficas.

O poema sinfônico representa a afirmação da subjetividade romântica na música erudita. Ao integrar literatura e filosofia, esse gênero ampliou as possibilidades expressivas da orquestra e consolidou a ideia de que o pensamento do compositor pode ser — por meio de uma partitura — uma representação simbólica do mundo, das emoções humanas, das narrativas culturais e da literatura clássica ou folclórica.

Sinta-se convidado à audição do 553º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 25 das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei algumas peças do romantismo e do poema sinfônico do compositor húngaro Franz Liszt (1811–1886).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Poetas provisórios

Em sua série “Pensamentos provisórios”, publicada no *feicibuqui*, o crítico literário — amigo do K das antigas, Hildeberto Barbosa — botou quente na rapaziada que inventa de ser poeta, que escreve versos, contos de réis, bobinhos e publicam em livros e nas redes sociais. HB cita as categorias ou podemos chamá-las de patentes? Deixe que digam.

Em sua lista, os primeiros são os togados: “Pior que os bacharéis que se querem poetas são os médicos, os engenheiros e os professores de literatura. Poesia não é receita, não é cálculo, muito menos didática ou teoria”. Está certo o poeta ao se referir aos falsos poetas, que dormem com as galinhas.

Sim, mas não podemos esquecer os escritores brasileiros que foram médicos: João Guimarães Rosa, que reinventou a língua portuguesa em *Grande Sertão: Veredas*, Moacyr Scliar, autor de *O Centauro no Jardim*, que integrou Medicina e Literatura, além de Pedro Nava, um médico reumatologista que se destacou como escritor.

Há já muitos anos, quando galinha ainda não tinha criado dentes, desde que cheguei aqui na década de 1970, acima ou abaixo da linha do Ponto de Cem Réis, não era nada disso, não existia essa ruma de poetas.

Não havia tantos poetas e lançamentos como tem acontecido ultimamente — acho que foi o pós-eletrochoque pandêmico ou não se sabia dessa trupe pelas *performances* que chegavam dos microfones da Sala Preta do antigo DAC da UFPB, onde Perequeté arrasava sem precisar ser poeta, mas não quero tergiversar.

Sem se acreditar muito que não pudesse derreter os versos na fogueira das insanidades, mesmo à luz de velas e caravelas, hoje mais do que nunca é quase a mesma latomia, baça e difusa, a produção de poemas em romances, emergindo os autores nas letras pousadas no peitoril e só falta usar um crachá, mas tudo leva a crer que no Ceará não tem disso não.

Como canta Gilberto Gil: “Um dia rico, um dia pobre, um dia no poder, um dia chanceler, um dia sem comer, meu amigo, se eu quisesse, eu entraria sem você me ver”. Anote aí — não é fácil entrar sem ser notado.

Da janela de Januária virada para a noite triste da lagoa do Parque Solon de Lucena, os poetas cujos nomes não foram citados por HB, representam um sacrifício, com a mesa vazia de poesias e toda a gente sentada à sua volta, solene e circunspecta, pede bis. Deu a bexiga.

A ementa, pensando assim, não ajuda a quem madruga, como se já não houvesse mais tempo e tempo, como se dizia lá em nós, é ouro.

Noutra postagem da série “Pensamentos provisórios”, o crítico literário vai mais fundo e manda recados para que ninguém mais peça a ele para fazer apresentação ou prefácio. Eu não dou conta nem de posfácio.

“Escritor de verdade se basta sozinho. Dispensa a chancela de outrem. E, para os mediocres, ou seja, para a enorme maioria que empesta a vida literária, suplico, encarecidamente, que me esqueçam. Estou velho, irritadiço, cada vez mais neurótico e intolerante. Gostaria de ficar comigo mesmo. Com meus erros, meus remorsos, minhas culpas, meus pesadelos. Não tenho mais tempo a perder, apesar de apreciar a gastronomia das perdas”, resume HB.

Isso do poeta dizer “a gastronomia das perdas” é sensacional, mas o que seria, uma cioba frita no Bar do Baiano ou a garoupa do Gulliver Mar? E, se aquela senhora idosa que usa os colares de Agatha Christie quiser um novo prefácio, não vai ser fácil, né, HB?

Tiro e queda, o poeta mira e salva a lavoura, ele mesmo, ao dizer que bebe todas as tardes com Tolstói e Dostoiévski, com Apolo e Dionísio e sob os bigodes vigilantes e malucos de Friedrich Nietzsche. Pois é, se não são evidentemente poetas, são provisórios, não sei se usam suspensórios, mas o melhor é dar no pira, dar no pé ou dar no mesmo, né? Parem de aperrear mais o nosso crítico HB.

O silêncio é o fim do enterro.

Kapetadas

1 – Quando vejo gente chata jurando que é legal, eu percebo como cada um enxerga aquilo que quer. Não adianta discutir com quem decidiu no que quer acreditar, ainda que seja algo absurdo.

2 – Lembre-se: a gente só é levado a sério quando para de pedir permissão para existir.

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Grande Prêmio do Cinema Paraibano

Há duas semanas, aqui mesmo em nossa coluna dominical, tracei alguns perfis sobre a importância que seria a criação de um memorial para o nosso cinema. Agora, retorno não ao mesmo assunto, mas indicando um outro imperativo que é a criação de um prêmio da Academia Paraibana de Cinema, anualmente, para laurear aqueles que produzem o audiovisual em todo nosso estado.

Digo isso, lembrando de uma comissão formada por membros da APC, anos atrás, designada para compor o regulamento daquele que seria o maior prêmio de cinema oferecido a produções realizadas por paraibanos, dentro e fora do estado da Paraíba. O prêmio a ser outorgado às diversas categorias da atividade cinematográfica e audiovisual, pelo nosso conselho acadêmico, denominar-se-á “Grande Prêmio do Cinema Paraibano”.

Nessa época, uma comissão presidida pelo acadêmico Damião Ramos Cavalcanti já vinha se reunindo havia algum tempo na elaboração de uma norma, que contemplaria com troféus e prêmios em dinheiro os filmes e vídeos de curta, média e longas-metragens, sobretudo, aqueles produzidos que melhor se destacarem em nossos festivais de cinema e videográficos.

O Grande Prêmio do Cinema Paraibano teria por finalidade contribuir para a elevação e a promoção do cinema paraibano, regional e brasileiro junto à população de um modo geral, permitindo o reconhecimento da qualidade técnica e artística de seus filmes e buscando



Damião Ramos Cavalcanti presidiu a comissão do Grande Prêmio do Cinema Paraibano

a confraternização entre os profissionais que os fazem.

O conselho acadêmico da APC outorgaria, anualmente, prêmios às seguintes categorias: longa-metragem — Melhor Filme de Ficção; Melhor Filme de Documentário; Melhor Filme de Animação; Melhor Direção; Melhor Direção de Fotografia; Melhor Atriz; Melhor Ator; Melhor Atriz Coadjuvante; Melhor Ator Coadjuvante; Melhor Direção de Arte; Melhor Montagem; Melhor Roteiro; Melhor Som; Melhor Trilha Sonora.

Na categoria de curta-metragem, o regulamento previa premiações para Melhor Filme de Ficção; Melhor Filme Documentário; e Melhor Filme de Animação. Previa ainda, para a televisão, as seguintes premiações: Melhor Produção Independente em Telefilme; e Melhor Obra De Dramaturgia em Telefilme.

Fica, então, mais essa ideia a ser discutida pela diretoria da APC, que deve ser avaliada durante este novo ano. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC pode retomar a Cine Nordeste

Na reunião da semana passada, presidida pelo professor João de Lima Gomes, com a participação dos conselheiros Alex Santos e Manoel Jaime Xavier, sugeriu-se a retomada da publicação da revista *Cine Nordeste*, da APC, que já teve oito versões impressas. O periódico sempre foi publicado com mais de 120 páginas e participação de dezenas de autores.

Agora, a ideia sugerida é preparar pelo menos uma edição por semestre, sob o formato digital, visando uma maior acessibilidade às pessoas interessadas.

MÚSICA

Guga Limeira e Gabriel Bullara fazem show

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Um encontro iniciado em estúdio e levado aos palcos orienta o *show Demonstrações Públicas de Afeto*, que reúne o cantor e compositor Guga Limeira (voz) com o músico e produtor musical Gabriel Bullara (violão). A apresentação, que propõe um repertório construído a partir de parcerias autorais e referências da música popular brasileira, será hoje, às 18h30, na General Store, no Centro de João Pessoa. Os ingressos podem ser adquiridos pelo *site* Shotgun (R\$ 15).

A relação entre os dois começou em 2024, quando Guga participou de projetos fonográficos de Bullara. Em 2025, foi a vez do produtor colaborar diretamente na construção de um trabalho autoral de Limeira, na função de produtor musical. Ao longo desse processo, surgiram

composições com músicas criadas por Bullara e letras escritas por Guga. “O negócio começou a ficar muito bom e a gente começou a fazer em quantidade”, afirma Guga.

O repertório do *show* — que teve sua estreia em dezembro do ano passado — nasceu justo desse intercâmbio, mas não se restringe às canções autorais. A seleção inclui obras que marcaram a formação musical dos dois artistas, especialmente compositores ligados a uma vertente da canção brasileira que explora veredas harmônicas e poéticas menos evidentes, como Guinga, Toninho Horta e Suely Costa.

“*Demonstrações Públicas de Afeto* é na verdade o nome de uma das canções que fizemos juntos, e que dá nome ao

show, ajudando a gente a localizar esse repertório. Falo que são canções que colaboraram com nossa educação musical e afetiva”, explica Guga.

Bullara conheceu Guga quando o primeiro mixava o trabalho do cantor e compositor Pedro Francisco. “Ele me mostrou uma música que tinha a letra de Guga, e além da letra ele também tinha gravado voz e aquilo me chamou muito a atenção — a criatividade da letra e o jeito que ele musicou. A gente ficou muito próximo, e, aí, eu mandava música para ele, ele letrava, a gente gravava e foi isso que aconteceu”, lembra Bullara, também sinalizando para o repertório brasileiro como chave para a conexão.

“Guga é um cara que consegue musicar qualquer poema. Ele musi-

cou mais de 200 poemas durante a pandemia. Eu não consigo”, diz Bullara, que vem de uma família de comerciantes, nada próximos da música. Natural de Patos, o músico radicou-se em João Pessoa há três anos, quando passou a cursar Letras Clássicas na UFPB.

Guga aponta para o intento em fazer uso das cordas de maneiras menos óbvias. “Essa formação, na verdade, nos permite explorar a *performance*, a interpretação das canções em um nível de intimidade profunda. Você escuta a respiração do músico, a letra vem num plano para frente. A gente junta a natureza do nosso trabalho, que é um pouco de isolamento, e joga na rua, joga no mundo, para reforçar a necessidade de que essas palavras circulem”, reitera o cantor.



Foto: Flávia Nicoló/Divulgação

Foto: Kécia Andrade/Divulgação

Bullara e Limeira buscam criatividade no formato de voz e violão

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

João Batista de Brito, cronista

Dois fortes paixões coexistem na personalidade de João Batista de Brito: o cinema e a literatura. Desde que o conheci, nos idos de 1980 do século passado, tenho acompanhado seus textos regularmente. Tivemos, eu, ele e o saudoso Wellington Pereira, uma página em *O Norte* e muitos momentos no *Correio das Artes*. Fazendo a crítica cinematográfica como uma constante de seu talento analítico, também se dedicava à leitura minuciosa e exegética do texto poético, aproximando o rigor do ensaio acadêmico da pauta mais aberta e mais flexível do jornalismo cultural.

O tempo passou e João Batista de Brito, decerto atendendo a vocativos íntimos do escritor criativo que nele habitava, enveredou pela ficção, valendo-se de sua experiência sensível e intelectual com a sétima arte, dando-nos um pequeno e delicioso livro: *Um Beijo É Só um Beijo – Minicontos para Cinéfilos* (2001). Agora, ampliando a faixa de seus investimentos expressivos, vem de publicar *Pão com Sabor de Poesia – Crônicas e (Talvez) Argumentos* (Selinho Editorial).

Dividido em duas seções: a dos textos com ares de crônica e a dos argumentos, que oscila entre os relatos fictícios e as narrativas reais. Naqueles, à vontade no ato de narrar ou descrever, sempre calcado nos ingredientes da memória ou da “recordação”; nestes, a possibilidade, pelo menos segundo o autor, de fundir o narrado ou descrito com a sintaxe específica do argumento cinematográfico. Dito de outra forma: a literatura e o cinema andando de mãos dadas numa escrita prosaica, se pensarmos na utilidade alimentar do “pão”, porém, numa escrita de cariz estético, se percebermos seu sabor de poesia.

As crônicas, em geral, prefiguram a presença da memória. Nos fatos, na paisagem, nos personagens, nos motivos que estratificam o seu andamento, o olhar volta-se para o passado, e o eu-narrador como que enuncia os passos principais de sua trajetória humana. O menino que foi, o adolescente e suas primeiras descobertas, a família, a cidade, o bairro, os amigos, as leituras, os filmes, os bares, as alegrias e as tristezas. Enfim, tudo que fermenta a formação de uma subjetividade, de uma mitografia singular, de um mundo real e imaginário que se dissolveu no tempo, é evocado, aqui, na fluidez e na ambivalência da voz do cronista.

A princípio, Santa Rita, seu *locus amoenus*. Em seguida, João Pessoa e o bairro de Jaguaribe, enquanto microcosmo espacial e especial de certas vivências decisivas que culminaram na figura do homem e do escritor. Com seus hábitos, preferências, atitudes, sonhos, carências e saberes. Vejo, sobretudo, em certas crônicas, fragmentos de memória, quase biografemas à maneira barthesiana, enxertos líricos que convertem o vivido num tecido de pura “recordação”, como se fora um poema que, por força do arranjo das palavras, possui o poder de trazer o mundo de volta ao coração, na beleza do ritmo, no compasso da ideia e no elemento simbólico da imagem.

Se o homem, na substância de seu temperamento e na elaboração de seu caráter, como que se entremostra em crônicas, a exemplo de “Santa Rita em mim”, “Meu primeiro Jaguaribe” e “Meu pai”, entre outras, o escritor parece desenhar-se em crônicas, como “Um professor”, “Livros enterrados”, “Eu e Shakespeare” e “Leitor”, nas quais o talento e a vocação mesclam-se, ao mesmo tempo em que identificam uma subjetividade.

Os relatos da segunda parte revelam a técnica do contador de histórias. Algumas, quase “causos”, pelo inusitado e atrativo das ocorrências. Destaco “Uma noite em Cabiria”, “Quartos separados”, “O dia em que comemos Bráulio”, “Ora, Eça...” e “Sessão da tarde”. Fugindo sempre ao apelo da memória e ao tom mais pessoal da primeira parte, tais escritos, ou argumentos, como sugere o autor, mantêm, no entanto, a mesma pegada irônica, o mesmo senso de humor, a mesma limpidez da frase que alicerçam a linguagem do escritor.

João Batista de Brito revela, assim, uma das melhores facetas de seu contínuo labor com as palavras. Diria que o leitor obstinado e rigoroso do texto poético, o hermenêuta insinuante do texto fílmico, o teórico do signo verbal e visual, abre as portas da poeticidade, naquilo que ela contém de realidade e fantasia, de verdade e beleza.

Colunista colaborador

MÚSICA

Ritmo paraense anima o Varadouro

Banda Lambada Social Club faz show hoje, na Vila do Porto, com obras atuais e clássicos do gênero

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A lambada, enquanto gênero musical, teve seu auge no Brasil de 1980 a 1990, projetando cantores como Beto Barbosa e Sarajane e o grupo Kaoma. Mas o ritmo nunca deixou de ser relevante para a região Norte, que o criou e que ajudou a espalhar essa mistura de ritmos latinos. Herdeiros desse legado, o grupo paraense Lambada Social Club chega hoje a João Pessoa com a turnê *Conexão Norte e Nordeste*: os artistas fazem *show*, a partir das 18h, na Vila do Porto, situada no bairro do Varadouro. O instrumentista Jefferson Rabeca abre a noite. Os ingressos estão disponíveis no *site* Shotgun e custam R\$ 20.

O repertório dessa apresentação conta com canções autorais do grupo, como “Égua do calor!”, disponível nas plataformas digitais. Mas o Lambada também homenageia clássicos do gênero e artistas pioneiros como Pinduca, também natural do Pará.

“Fazemos um passeio por tudo que permeia esse cenário e que chegava até aqui, através do contrabando de discos, que foi o maior responsável pela introdução de ritmos que influenciaram a criação da lam-

bada, como *zouk*, merengue, *cumbia*, entre outros”, ressalta o baterista Mariano Júnior.

O Lambada Social Club nasceu em 2023, com o intuito de valorizar essa identidade cultural paraense e a música que nasce nas periferias do estado, incentivando a memória afetiva do público que dançou ao ritmo de faixas como “Chorando se foi”. Além de Mariano, a banda é formada por Negron (teclado e voz), Eduardo Barbosa (guitarra), Paulo Kamello (contrabaixo) e Dinei Teixeira (percussão) — este, potiguar, e o único que não nasceu no Pará. “Ele é o responsável por fazer, no grupo, a conexão entre o Norte e o Nordeste”, aponta o baterista.

No fim da década de 1980, a lambada ultrapassou as fronteiras do Brasil e ganhou a Europa e os Estados Unidos. Todavia, com o passar dos anos, sua popularidade arrefeceu, mas não deixou de inspirar novas gerações de artistas paraenses, que mantiveram contato com o ritmo.

“Refletimos esse jeito alegre de se expressar. Musicalmente, essa ‘exportação’ para o mundo da lambada permitiu-nos enxergar de uma forma mais valiosa e entender melhor esse processo de construção da

nossa música contemporânea”, analisa Mariano.

A turnê do Lambada Social Club na região começou por Pernambuco: anteontem, o conjunto apresentou-se no clube Pitaco e, ontem, no Danceteria, ambos em Recife. Depois do *show* de hoje, na Paraíba, eles rumam para o Rio Grande do Norte, para integrarem uma residência artística.

“Vamos fazer uma parada mais demorada em Natal, para uma gravação nos estúdios do nosso amigo e produtor Foca”, antecipa o baterista. A *Conexão Norte e Nordeste* encerra com duas apresentações em Natal, nos dias 30 e 31.

O material que eles registram agora deve perfazer um novo álbum que será lançado ainda neste semestre, com um projeto audiovisual. Celebrando o intercâmbio entre regiões

tã o diferentes, Mariano Júnior ressalta, por fim, o que aproxima ambos os locais.

“Seja no bre-

ga, seja na lambada, no forró... Muito do que é consumido aqui vem daí e vice-versa... Então, nós estamos só dando continuidade a esse processo de troca, levando um

pouco do que é nosso, interagindo e aprendendo com toda riqueza cultural do Nordeste”, conclui.

ONDE:

■ VILA DO PORTO
(Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa).



Foto: Jasmína Souza/Divulgação

Grupo foi formado em 2023 e conta com integrantes quase todos nascidos no Pará: apenas o percussionista é potiguar

Em Cartaz



Cinema

Programação de 22 a 28 de janeiro, nos cinemas de João Pessoa. *Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

■ JUSTIÇA ARTIFICIAL (*Mercy*). EUA/ Rússia, 2026. Dir.: Timur Bekmambetov. Elenco: Chris Pratt, Rebecca Ferguson, Kali Reis. Policial. Acusado de ter cometido um crime, detetive precisa provar sua inocência. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h45. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 15h45, 18h15; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 19h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 19h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 14h50. CINE GUEDES 3: dub.: 19h20, 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 21h10; seg. a qua.: 19h25, 21h30.

■ MARTY SUPREME (*Marty Supreme*). Finlândia/ EUA, 2025. Dir.: Josh Sasse. Elenco: Timothée Chalamet, Gwyneth Paltrow, Odessa A'zion, Tyler the Creator, Fran Drescher, Sandra Bernhard. Drama. Traficante se torna um astro do tênis de mesa. 2h29. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h15. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h30, 16h40, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h.

■ TERROR EM SILENT HILL – REGRESSO PARA O INFERNO (*Return to Silent Hill*). França/EUA/ Reino Unido/ Alemanha/ Sérvia/ Japão, 2026. Dir.: Christophe Gans. Elenco: Jeremy Irvine, Hannah Emily Anderson, Robert Strange. Terror. Homem volta a uma cidade para reencontrar um amor, mas encontra figuras sombrias. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h50, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h50, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h05. CINE GUEDES 2: dub.: 19h15. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 18h30, 20h55. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 15h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 19h.

ESPECIAL

■ MOSTRA FRANÇOIS TRUFFAUT. Dez filmes dirigidos pelo cineasta francês. **Sábado, 24/1:** 15h – *Os Incompreendidos* (1959). **Domingo, 25/1:** 15h – *De Repente, num Domingo* (1983). **Segunda, 26/1:** 18h – *Beijos Proibidos* (1968);

20h – *A Mulher do Lado* (1981). **Terça, 27/1:** 17h – *Fahrenheit 451* (1966). **Quarta, 28/1:** 20h – *A Sereia do Mississippi* (1969). **Quinta, 29/1:** 20h – *O Último Metrô* (1980). **Sexta, 30/1:** 16h – *O Quarto Verde* (1978). **Sábado, 31/1:** 17h – *A Noite Americana* (1973)

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: de qui., 23/1, a sáb, 31/1.

CONTINUAÇÃO

■ ABRE ALAS. Brasil, 2025. Dir.: Ursula Rösel. Documentário. Mulheres falam sobre suas vidas e assistem performances baseadas em seus depoimentos. 1h49. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 25/1: 17h; seg., 26/1: 16h.

■ O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Joãoilson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 20h50. CINE BANGÜÊ: ter., 27/1: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h, 15h30, 19h, 22h15. CINESERCLA TAMBIA 1: 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 20h10.

■ ANACONDA (*Anaconda*). EUA, 2025. Dir.: Tom Gormican. Elenco: Paul Rudd, Jack Black, Steve Zahn, Selton Mello, Thandiwe Newton, Ice Cube. Aventura/ comédia. Dois melhores amigos partem para a Amazônia para filmar um reboot de *Anaconda*, mas acabam realmente caçados por uma cobra gigantesca. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 18h15. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 16h20.

■ AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 2D: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro -XE): 3D: dub.: 12h30, 16h30, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: 13h15, 17h15, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h10. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: 18h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 19h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 19h50; seg. e qua.: 15h40.

■ BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon.

■ Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja seque o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 15h15, 17h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h40. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40.

■ DAVI – NASCE UM REI (*David*). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/ religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 12h45, 15h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h50, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h50, 18h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 17h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h; seg. e qua.: 13h30.

■ O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataide, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h.

■ A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 12h45, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h30, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h50, 21h10. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 20h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 16h25; seg. a qua.: 16h25, 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 15h40; seg. e qua.: 20h40.

■ EXTERMÍNIO – O TEMPLO DOS OSSOS (*28 Years Later – The Bone Temple*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Nia Da Costa. Elenco: Jack O'Connell, Ralph Fiennes, Emma Laird. Ficção científica/ horror. Em um mundo dominado por zumbis, sobreviventes enfrentam a barbárie a brutalidade. Quarto da série iniciada em 2002. 1h49. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 21h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 17h10. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 15h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sáb. e dom.: 16h50; seg. a qua.: 17h10.

■ HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET

(*Hamnet*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a perda de seu filho. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h, 20h.

■ O QUE A NATUREZA TE CONTA (Geu Jayeoni Nege Mworago Hani). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Hong Sang-Soo. Elenco: Ha Seong-Guk, Kwon Hae-Hyo, Cho Yun-Hee. Drama. Jovem poeta leva namorada à casa dos pais dela e passam uma tarde com conversas sobre a vida. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 28/1: 16h.

■ OSÍLIO (*La Quinta*). Argentina, 2025. Dir.: Silvina Schnicer. Elenco: Sebastián Arzeno, Emma Cetrángolo, Alejandro Gigena. Drama. Em casa de campo, família descobre que alguém esteve morando lá e crianças escondem segredo. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 28/1: 18h.

■ USEFUL GHOST – UMA AJUDA DO ALÉM (Pee Chai Dai Kai). Tailândia/ Singapura/ Alemanha/ França, 2025. Dir.: Ratchapoom Boonbunchachoke. Elenco: Wisarut Himmarat, Davika Hoorne, Apasiri Nitibhon. Comédia/ fantasia. Esposa morta volta encarnada em aspirador de pó de fábrica para evitar que marido morra como ela, por causa da poluição. 2h10. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 25/1: 19h.

■ ZOOTOPIA 2 (Zootopia 2). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Izzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 12h30, 15h, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h15, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 12h30, 15h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h50. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 14h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 14h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 13h50; seg. e qua.: 18h50.

Teatro

HOJE

■ FEIRANTES PROFANAS. Da Trupe de Hu-

mor da Paraíba. Direção: Edilson Alves. Comédia com o elenco do *Pastoril Profano*.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 25/1, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 25 (meia), antecipados no site Olha o Ingresso.

Música

HOJE

■ BULLARA E GUGA LIMEIRA. Artistas apresentam o show *Demonstrações Públicas de Afeto*.

João Pessoa: GENERAL STORE (Av. General Osório, 152, Centro). Domingo, 25/1, 18h30. Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 10 (promocional), antecipados no site Shotgun.

■ FORRÓ DE FININHO. Grupo apresenta show de forró.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 25/1, 21h. Ingressos: R\$ 15.

■ LAMBADA SOCIAL CLUB + JEFFERSON RABECA. Show da banda paranense e do músico da Paraíba no evento *Conexão Norte e Nordeste*.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 25/1, 18h. Ingressos: R\$ 20 (promocional), antecipados no site Shotgun.

■ MYRA MAYA. Cantora apresenta o *Ensaio* da Myra.

João Pessoa: LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, 62, Miramar). Domingo, 25/1, 19h30. Ingressos: R\$ 40 (couvert).

■ PEDRO ÍNDIO NEGRO. Artista apresenta o show *Pedro Índio Negro Canta a Família Caymmi*.

João Pessoa: CASA CARATELLI (R. Severino Alves Aires, 403, Miramar). Domingo, 25/1, 19h. Ingressos: R\$ 30 (lote único), antecipados no site Shotgun.

■ RENAN UCHÔA. Músico apresenta show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 25/1, 20h. Ingresso: R\$ 20 (couvert).

■ SALÃO DE ARTESANATO DA PARAÍBA. Apresentações musicais. Domingo (25/1): 18h - Maracatu Quilombo Nagô; 20h - Diogo Fragoso Trio.

João Pessoa: Estacionamento do HOTEL TAMBAÚ (Av. Almirante Tamandaré, Tambaú). Domingo, 25/1, 18h. Entrada franca.

COMPORTAMENTO VOLÁTIL

Rejeição guia parte dos eleitores

Pesquisas apontam transição entre campos ideológicos e tomada de decisões baseadas em avaliações circunstanciais

Eliz Santos
com Agência Estado
elzsantos17@gmail.com

Na fila da seção eleitoral, muitos brasileiros já não se perguntam se são de esquerda ou de direita. A dúvida que atravessa o voto é outra: em quem não votar. Entre memórias de governos passados, frustrações acumuladas e a sensação de que os rótulos políticos já não dão conta da complexidade do país, o eleitor brasileiro tem embaralhado as classificações ideológicas — e, com elas, as previsões para 2026. Este deslocamento do comportamento eleitoral aparece de forma clara na pesquisa do Instituto Datafolha, divulgada em dezembro de 2025. Embora a maioria se identifique com a direita, o cenário torna-se mais fluido quando o foco recai na polarização direta: 40% simpaticizam com o PT, enquanto 36% declaram apoio ao PL.



Foto: João Pedrosa

Apoio da parcela da população que não vota por convicção partidária pode ser decisivo nas eleições presidenciais deste ano

■ Para o cientista político Lúcio Flávio, a multiplicidade de partidos sem ideologia clara favorece o voto personalista

Os cruzamentos do levantamento ajudam a explicar a aparente contradição do momento político. Entre os eleitores que se dizem de esquerda, 9% afirmaram ter votado em Jair Bolsonaro em 2022. Já entre os que se identificam com a direita, 22% declaram voto em Lula. Os dados indicam um eleitor que transita entre

campos ideológicos e toma decisões menos por identidade partidária e mais por contexto, rejeição e avaliação circunstancial. Para o cientista político Lúcio Flávio, esse deslocamento entre identidade ideológica e escolha do voto está ligado à fragilidade programática do sistema partidário

brasileiro. Segundo ele, a multiplicidade de siglas sem definição clara dificulta a identificação política por parte do eleitor e favorece o voto personalista. “O Brasil tem 31 partidos oficiais, mas poucos possuem identidade ideológica clara. A maioria deles é formada por composições políticas fisio-

lógicas que não se definem programaticamente com perfis claros, seja de direita, centro ou esquerda. Isso causa no eleitorado uma dificuldade em identificar qual a matriz político-ideológica da maioria dos políticos eleitos. Sendo assim, o voto personalista termina predominando, pois cerca de 80% do eleitora-

do vota em pessoas e não em partidos”, analisa. Na avaliação do cientista político Darcon Sousa, os números do Datafolha não indicam o fim das ideologias, mas a forma estratégica como elas vêm sendo mobilizadas no debate público. Para o especialista, a identidade ideológica tem sido usada como instrumento de estigmatização do adversário, simplificando conceitos complexos. “Recorrer ao apelo ideológico facilita a estigmatização do adversário e a condensação de aspectos negativos a ele atribuídos. Há um desconhecimento de parte significativa dos eleitores sobre o que é, conceitualmente, ser de direita ou de esquerda, o que deixa essas pessoas à mercê das interpretações de agentes políticos interessados em produzir confusão cognitiva”, afirma. Darcon explica que, historicamente, a direita política associa-se à defesa da liberdade individual, da autonomia do mercado e da manutenção do status, enquanto a esquerda parte do pressuposto de que existem desigualdades injustificáveis que devem ser enfrentadas por meio de políticas públicas e da defesa de grupos historicamente vulnerabilizados. Entre esses polos, há gradações que exigem ser compreendidas por meio de educação política, fundamental para escolhas mais conscientes.

Na falta de afinidade, cidadãos optam pelo “menos pior”

Dados da Alfa Inteligência — empresa especializada em pesquisa eleitoral — indicam que 32,5% do eleitorado brasileiro decide o voto não por afinidade programática, mas pela alternativa considerada “menos pior”. Para Lúcio Flávio, esse comportamento reflete o desgaste da democracia representativa e a baixa credibilidade da classe política — fenômeno observado também em outras democracias liberais.



Foto: Arquivo pessoal

“Hoje, as duas correntes políticas tratam seus candidatos como ídolos. Para mim, o presidente precisa ser comprometido com a nação

Enedina Magalhães

“O modelo da democracia representativa está profundamente desgastado. Esse cenário abre espaço para lideranças que se colocam contra os políticos tradicionais e capturam o descontentamento da população. Diante disso, uma parcela significativa — e decisiva — do eleitorado acaba optando pelo candidato considerado menos pior”, analisa. O CEO da Alfa Inteligência, Emanoelton Borges, descreve esse grupo como numeroso, volátil e decisivo. “Esse eleitor quer estabilidade e respostas objetivas. Ele não se reconhece nos polos, mas rejeita fortemente um deles e vota por exclusão”, afirma.

Darcon Sousa acrescenta que esse comportamento não representa apatia política, mas uma escolha racional e ativa: “Esse eleitor não ‘lava as mãos’. Ele participa para evitar o que considera o pior, contribuindo para reduzir brancos e nulos”. O movimento também aparece entre eleitores que mantêm identidade ideológica definida, mas passaram a priorizar critérios práticos. Rodolfo Gomes, de 42 anos, declara-se apoiador da direita por valores como a centralidade da família, a oposição às drogas e ao aborto, mas afirma que, hoje, a decisão de voto passa, sobretudo, pelo impacto das propostas na vida cotidiana. “Eu me identifico com a direita pelos seus ideais. Sou

conservador, nacionalista e acredito em uma sociedade mais íntegra e incorruptível, tendo a família como instituição inviolável”, diz. Entre os mais jovens, a percepção de esvaziamento dos rótulos ideológicos também se manifesta. Pedro Henrique Gonzaga, de 17 anos, define-se como de direita, mas critica a redução do debate político a uma disputa personalista. “Ser de direita, para mim, é defender a liberdade individual, a responsabilidade pessoal, um Estado menos inchado e mais espaço para a iniciativa privada, além do respeito às leis e à estabilidade institucional”, opina.

Entre os eleitores mais velhos, a rejeição aos rótulos aparece como resposta à radicalização do debate público. Enedina Magalhães, de 72 anos, afirma ter uma inclinação política, mas evita se definir por etiquetas diante do que considera uma lógica de idolatria em torno dos candidatos. “Apesar de ter uma tendência que faz mais sentido para a minha vida, não gosto de me rotular. Hoje, as duas correntes políticas tratam seus candidatos como ídolos e salvadores da pátria. Para mim, o presidente precisa ser um líder comprometido com a nação, acima de partidos, e capaz de unir o país em torno do que é bom para todos, porque somos uma unidade e interdependentes”, avalia. Segundo ela, o atual ní-



Foto: Arquivo pessoal

“Acredito que o país esteja mais dividido do que antes. O uso sistemático de fake news distorce fatos e alimenta o medo e o ódio

Andressa Rolim

vel de polarização ultrapassa o campo das ideias e compromete o convívio social e a capacidade de análise crítica do eleitorado. “Nunca vi o país tão dividido, com tanta radicalidade, rivalidade e falta de maturidade política. As pessoas avaliam as notícias a partir de crenças preconcebidas, sem uma análise séria voltada para o bem comum”, lamenta. Entre os eleitores que mantêm identificação ideológica

assumida, há também quem veja na esquerda uma escolha vinculada à defesa da democracia. Andressa Rolim, de 40 anos, afirma se posicionar de forma consciente nesse campo político. “Eu me identifico como de esquerda de forma consciente e assumida. Vejo no atual governo a retomada do diálogo democrático, das políticas públicas e da preocupação com a redução das desigualdades. Minha posição está ligada à defesa dos direitos humanos, da justiça social e do papel do Estado na garantia de direitos básicos”, defende. Para Andressa, a polarização foi intensificada pela desinformação. “Acredito que o país esteja mais dividido do que antes. O uso sistemático de fake news distorce fatos e alimenta o medo e o ódio. Ao mesmo tempo, cresce um eleitor mais crítico, que muitas vezes vota por rejeição, revelando cansaço e uma crise de representação política”, pondera.

Polarização em debate Para Lúcio Flávio a polarização não é um fenômeno exclusivo do Brasil, mas parte de um processo observado em democracias ocidentais, como Estados Unidos, Europa e América Latina. Segundo ele, o acirramento dos conflitos tende a marcar a eleição presidencial de 2026, especialmente na disputa entre lulistas e antilulistas.

A tendência é que vença o candidato capaz de conquistar o apoio de uma fatia decisiva do eleitorado — cerca de 30% — que decide a partir de propostas concretas para áreas como Segurança, Saúde e Educação”, indica. Na Paraíba, o discurso da chamada “terceira via” sem clareza programática tem gerado desconfiança. A ausência de posicionamentos definidos pode ser lida tanto como moderação quanto como ambiguidade. Embora dialogue com o cansaço do eleitor em relação aos polos, a retórica do “sem lado” corre o risco de diluir diferenças essenciais para uma avaliação crítica das propostas. **Desafio** O avanço de um eleitor menos fiel a partidos e mais atento a contextos impõe desafios inéditos à eleição presidencial de 2026. Se, por um lado, abre espaço para candidaturas focadas em propostas concretas, por outro, exige campanhas mais transparentes e conectadas com problemas reais. Em um cenário de rótulos fragilizados e rejeições acumuladas, o futuro da disputa pode não ser definido apenas por quem mobiliza melhor sua base, mas por quem consegue dialogar com um eleitor que já não cabe nas categorias clássicas da esquerda e da direita — e que vota, acima de tudo, tentando evitar novos erros.

“CONSTITUIÇÃO DO CIDADÃO”

Reforma do Código Civil pode avançar no Senado

Projeto trata de temas como casamento, sucessões, heranças e contratos

Da Redação
com Agência Senado

A proposta de reforma do Código Civil pode avançar no Senado em 2026. Desde setembro de 2025, uma comissão temporária da Casa tem feito audiências públicas e colhido sugestões de especialistas para aprimorar o Projeto de Lei (PL) nº 4/2025, que atualiza mais de 900 artigos e adiciona 300 novos dispositivos no Código Civil brasileiro, vigente desde 2002. A proposta é de autoria do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e tem, como relator, o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB).

Nas 10 reuniões promovidas desde que foi instalada, em 24 de setembro, a Comissão Temporária para Atualização do Código Civil (CTCivil) discutiu temas como direito digital, produtos da inteligência artificial, responsabilidade civil e regras de obrigações e contratos. O texto redesenha a Lei nº 10.406/2002, incorporando sugestões baseadas em decisões recorrentes dos tribunais brasileiros. Entre outros pontos, a proposta apresenta uma parte específica sobre Direito Digital e amplia o conceito de família.

No dia da instalação da CTCivil, Pacheco ressaltou o caráter “técnico e inovador” do PL nº 4/2025 e salientou que, apesar de ser, formalmente, o autor da proposta, a autoria do projeto, na verdade, é da comissão de juristas coordenada pelo ministro Luis Felipe Salomão, do Superior Tribunal de Justiça (STJ). O colegiado funcionou de 2023 a 2024, durante o mandato de Pacheco como presidente do Senado.

“Foi um trabalho muito meticuloso, sem o qual não estaríamos tratando desse tema tão importante e necessário. É uma pauta que considero muito positiva para o Brasil, haja vista que atualizaremos uma série de institutos já consolidados na jurisprudência, consolidados na doutrina, mas que, pela antiguidade das ideias concebidas no código de 2002, ainda não estão positivadas no nosso ordenamento jurídico”, afirmou o senador.

Modernidade

O Código Civil regula todos os aspectos da vida civil dos brasileiros — desde antes do nascimento até depois da morte. Trata de temas como casamento, sucessões, heranças, contratos e atividades empresariais, sendo considerado uma espécie de “Constituição do cidadão comum”.

O PL nº 4/2025 também abrange o surgimento dos novos institutos jurídicos ao longo dos anos, a exemplo dos contratos eletrônicos; da responsabilidade civil por atos digitais; da proteção de dados; e das plataformas digitais que atuam em relação ao trabalho e ao consumo. Como nenhum desses temas está previsto no Código Civil em vigor, a comissão de juristas propôs uma inovação de grande alcance: a criação de uma parte específica dedicada ao Direito Digital. Esse capítulo reconhe-



Foto: Andressa Anholate/Agência Senado

Proposta analisada por parlamentares atualiza mais de 900 artigos da atual legislação

ce que a sociedade contemporânea já não vive mais apenas no plano analógico, mas num mundo interconectado, em que as relações precisam de disciplina clara, moderna e equilibrada.

De acordo com Pacheco, o principal objetivo do projeto de atualização é trazer mais segurança, simplicidade e modernidade para o Direito Civil brasileiro; segurança para negócios, beneficiando pessoas e empresas, e contribuindo para o crescimento econômico e os investimentos no Brasil; simplificação de uma série de processos, como divórcios e inventários, reduzindo burocracia e aumentando o aces-

so da população à justiça.

Conforme Pacheco, pontos divergentes a respeito da reforma do código serão aprofundados ao longo do funcionamento da CTCivil, cuja previsão de encerramento e votação do relatório é o fim de junho.

Representatividade

O atual presidente do Senado, Davi Alcolumbre, classifica o Código Civil como “uma das legislações mais importantes do país”.

“Trata-se do estatuto da vida civil em uma sociedade livre e, justamente por isso, precisa acompanhar as transformações sociais, culturais

e tecnológicas, que impactam diretamente a vida de cada cidadão brasileiro. São mais de duas décadas, desde a entrada em vigor do código atual, e é natural que façamos este movimento de atualização, de aperfeiçoamento e de modernização para responder às demandas do nosso tempo. A revolução digital talvez seja o exemplo mais expressivo [dessa modernização]”, avaliou o parlamentar, observando que, em 2002, apenas uma minoria de pessoas tinha acesso à *internet*, diferentemente do que ocorre atualmente, quando mais de 91% dos domicílios brasileiros possui conexão à rede.

Colegiado discute responsabilidade civil e desafios ligados à tecnologia

Na retomada dos trabalhos legislativos, a partir de fevereiro, a CTCivil poderá discutir temas como o “Direito das Coisas e Direito Empresarial”, reunindo estudiosos, juristas e representantes do setor produtivo. O objetivo será subsidiar a discussão de atualização do Código Civil com fundamentos técnicos, experiência prática e uma adequada representatividade social e econômica. A comissão também deverá discutir a disciplina dos contratos de seguros no processo de atualização da lei. “Código Civil e Transformações Globais” será o tema de outro debate, em data a ser programada.

Além disso, em 2026, a CTCivil poderá levar o debate para além das paredes do Senado: um deles está previsto na sede da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional Rio de Janeiro (OAB-RJ). O Instituto dos Advogados de São Paulo (Iasp) também poderá sediar uma das discussões sobre a reforma do Código Civil este ano, por requerimento do senador Astronauta Marcos Pontes (PL-SP).

Histórico

Em seus quatro meses de trabalho, a CTCivil já discutiu como a lei deve ser adaptada à realidade tecnológica e às novas formas de relação entre pessoas, empresas e o próprio

Estado. Entre os tópicos debatidos por senadores e especialistas, estão a inclusão de um livro sobre Direito Digital no código, a tutela civil dos animais e a revisão de conceitos estruturais, como o de ato ilícito.

Outros temas já discutidos pela comissão foram a atualização das normas sobre obrigações e contratos no Código Civil; a necessidade de aperfeiçoamento dos critérios de responsabilidade civil; os desafios da identificação de conteúdos gerados por inteligência artificial (IA); e a possibilidade de a reforma do Código Civil onerar o ambiente de negócios, devido às eventuais novas regras sobre a reparação de danos provocados por cidadãos ou empresas.

“Caminho certo”

Com prazo inicial de 60 dias para realizar seus trabalhos, a Comissão Temporária para Atualização do Código Civil poderá ter esse tempo estendido por até oito meses. Na audiência feita pela CTCivil em 16 de outubro, o relator-geral da Comissão de Juristas para atualização do Código Civil, o professor Flávio Tartuze, destacou a colaboração de todos os especialistas que têm sido ouvidos pelos senadores para a melhoria do texto, de modo a torná-lo um “código da nova geração”.

“Estamos vivendo momentos únicos, oportuni-

dades únicas, debates que nunca ocorreram na elaboração dos dois códigos anteriores, com transmissão ao vivo, com participação ampla da sociedade, então vivemos aqui mais uma vez uma manhã histórica para o direito civil”, declarou.

Já a relatora-geral da Comissão de Juristas para atualização do Código Civil, a professora Rosa Maria de Andrade Nery, disse, no debate feito em 13 de novembro, estar feliz por saber que tantas pessoas estão estudando Direito Civil. Ela elogiou a alta qualidade das sugestões apontadas pelos debatedores junto à CTCivil e disse estar aprendendo com as discussões.

“Confesso que fiquei surpreendida com tanta qualidade das observações feitas, das críticas feitas, as quais recebo com muito carinho e gosto. Penso que estamos indo pelo caminho certo. Que bom estarmos discutindo essas questões todas aqui”, analisou.

■
CTCivil é composta por parlamentares de todos os partidos políticos constituídos na Casa

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (28)

“Descobri, enfim, que o amor não é um estado da alma e sim um signo do Zodíaco” (Gabriel Garcia Marquez).

“Todos somos reféns dos nossos preconceitos” (Gabriel Garcia Marquez).

Peço que não me chamem de poeta, que poeta eu não sou. O escritor Milton Hatoum é taxativo: não existem más poesias ou poetas ruins. Ou se é poeta ou não. O resto é apenas aspiração à poesia. Ou seja, ou o poeta é bom, genial, ou não é poeta. Entendeu, Maciel Caju?

Meu próximo livro de poesias terá o título: “Sentença final — tratado poético de amizade, desilusão, esperança, humor, loucura, recordações, saudade, solidão, tristeza e assuntos transcendentais, produzido por um poeta sem eira nem beira que arranca da alma, mesmo sem ter alma, tanta besteira a ponto de empolgar a plateia com suas jogadas sensacionais de autopromoção”.

Será o livro de poesias com o título mais longo da história da baixa literatura em língua portuguesa.

“Sou um poeta sem eira nem beira. Ninguém me chama de Manuel Bandeira” (Nicolas Behr).

Enfim, farei parte dessa confraria dos poetas ruins que tanto material oferecem às traças e aos sebos, quando não servem, os tais livrinhos e livrões, de calço para móveis velhos.

Inspiro-me em histórias de fracasso de autores de versos chiffrins que não interessam a ninguém.

Sem jamais ter alcançado a criatividade consistente dos verdadeiros poetas, contento-me em ser um poeta menor, débil e obscuro.

Mas ninguém tira de mim a glória de ter publicado o livro de poemas com o título mais longo. Não é pouca coisa para um quase nada.

“É pra torar o semieixo do caminhão Fenemê, meu compadre velho!” (Sander Lee).

“Se o povo soubesse o que é a missa, padre morria de fome” (Padre Francisco Verdeixa, in “Verve cearense”, de Renato Sôldon).

Tem um amigo meu que seu pai era fã de John Kennedy e Jacqueline Onassis. A família esperava uma menina, e o nome seria Jacqueline. Nasceu um rapaz, que ganhou o bonito nome de Jaquelino.

Eu fui registrado como Fábio Mozart, homenagem a dois amigos de cachaça do meu pai em Timbaúba.

Todo dia, de manhãzinha, eu cumpria um ritual: pegava minha bicicleta velha e dava cinco voltas em torno da Lagoa Solon de Lucena. E todo dia eu levava um livro para “esquecer” em algum banco no parque.

Na missa do dia 16 de setembro de 2010, o padre Josiel, de Mari, fez sua pregação com base no meu folheto que conta a história do lugar. O vigário recomendou que todos deveriam ler o livro. O padre foi generoso com nosso cordel “Mari, Araçá e outras árvores do paraíso”.

Capitão Luis Vahia Monteiro, governador do Rio de Janeiro em 1725, mandou uma carta ao rei Dom João VI onde dizia: “nesta terra todos roubam, só eu não roubo”. Era uma espécie de virgem no cabaré.

Apenas 1/3 da população mundial tem acesso à *internet*, e desses, apenas 260 leram meu blog ontem. A humanidade não sabe o que está perdendo.

O fato de eu postar minhas abobrinhas aqui na Toca do Leão faz com que eu me sinta praticamente como aquele santo que sentou em cima de uma coluna para rezar e jejuar, em extrema disciplina espiritual.

O nome desse asceta é Simeão Estilita, o Velho. Ele passou 37 anos falando sozinho em cima de uma coluna.

NA AMAZÔNIA

DNA ajuda na preservação de peixes

Estudo inédito da Universidade Federal do Pará vai sequenciar o genoma das espécies pirarucu e filhote

Fabiola Sinimbu
Agência Brasil

O pirarucu (*Arapaima gigas*) e o filhote (*Brachyplatystoma filamentosum*) são duas espécies de peixes amazônicos que, além de compartilharem o bioma de origem, possuem outras características em comum: a alta demanda pela gastronomia e a dificuldade de reprodução em ambientes de piscicultura.

Foram essas características que os elegeram como as primeiras espécies a ter seus conjuntos de DNA (ácido desoxirribonucleico) decifrados por um estudo inédito conduzido pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Segundo o pesquisador Sidney Santos, que liderou a equipe do Laboratório de Genética Humana e Médica do Instituto de Ciências Biológicas, o estudo foi motivado pela necessidade de conter os impactos causados pelo avanço da exploração predatória dessas espécies, em função do aumento da demanda.

“A ideia central é, se você de uma forma equilibrada e direcionada conseguir conhecimento suficiente para produzir esses peixes do jeito mais sustentável possível, você pode diminuir a demanda da natureza”, explica.

DNA

A forma mais completa de buscar esse conhecimento é decifrando o DNA fornecido por amostras biológicas de vários indivíduos das espécies. Essa molécula, composta por quatro tipos de nucleotídeos (Adenina (A), Timina (T), Citosina (C) e Guanina (G), guarda informações precisas sobre saúde, traços físicos e ancestralidade, por exemplo.

No caso do estudo com o pi-

rarucu e o filhote, os cientistas colheram amostras de mais de 100 peixes, para que os DNAs pudessem ser lidos por um sequenciador genético capaz de entender a ordem dos nucleotídeos. Cada ordem diferente traz informações sobre um ser vivo, que juntas formam o genoma daquela espécie. Um tipo de manual completo sobre o grupo.

“Isso pode valer para qualquer animal que você imagine, qualquer vegetal. O modelo é sempre o mesmo. Se você, de uma forma sustentada, consegue a informação completa sobre o genoma desses animais, você pode fazer qualquer coisa com eles, inclusive reproduzir”, diz Santos.

Segundo o pesquisador, na prática, é possível saber se aquele peixe é filho de uma matriz para produção na piscicultura, ou se ele foi retirado diretamente da natureza e comercializado para outro país.

Rastreabilidade

A proteção das espécies vai além de aliviar a retirada do meio ambiente de peixes reproduzidos naturalmente. Por meio do conhecimento do genoma das espécies, é possível também saber a origem precisa daquele animal.

Segundo o diretor do Instituto Sócio Ambiental e dos Recursos Hídricos da Universidade Federal Rural da Amazônia, Igor Hamoy, que participou do estudo da UFPA, além de todo o conhecimento fisiológico, o genoma permite a rastreabilidade genética.

“Com a história que está dentro do genoma do pirarucu, por exemplo, eu consigo descobrir se um pirarucu que está sendo vendido em Boston foi oriun-



Foto: Adriano Gambarini/Opam

Projeto foi motivado pela necessidade de conter os impactos da exploração predatória de peixes na região amazônica

do da Amazônia”, diz Hamoy.

Ele destaca ainda que toda a informação trazida pelo estudo é registrada em um banco ge-

nético público, possibilitando o avanço de novas pesquisas sobre a espécie.

“Eu consigo descobrir exata-

mente que espécie é aquela e não ter mais dúvidas se o nome científico ou o nome vulgar, que está sendo utilizado por uma comu-

nidade, é realmente daquele peixe que aquela comunidade amazônica há muito tempo come, há muito tempo trabalha”, destaca.

Avanço da ciência orienta políticas públicas

Foi a partir desse tipo de informação que os pesquisadores conseguiram avançar sobre os principais entraves em relação à piscicultura do pirarucu e do filhote: a indução do hormônio sexual, o desenvolvimento de uma nutrição adequada para ambientes artificiais e a rastreabilidade para evitar que espécies amazônicas sejam comercializadas de forma ilegal.

Segundo a secretária nacional de Biodiversidade, Flo-

restas e Direitos Animais, do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Rita Mesquita, esses avanços da ciência são orientadores na implementação de políticas públicas de conservação no país.

“A pesquisa genética contribui para aumentar nosso conhecimento sobre a biodiversidade brasileira e também contribui para a gente conseguir melhor compreender o que a gente já fez e o que ainda falta ser feito”, afirmou.

De acordo com a secretária, o planejamento até 2030, previsto na Estratégia e Plano de Ação Nacionais para a Biodiversidade (Epanb) foi pensado a partir do que a ciência apon- ta ser necessário para reduzir a perda de biodiversidade e regenerar os biomas brasileiros.

Algumas políticas públicas dependem ainda mais dos genomas decifrados por cientistas, como é o caso da elaboração das listas de espécies exóticas invasoras e da Lista

Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Outro exemplo citado é o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa (Planaveg), lançado pelo Governo Federal em 2024.

“Em processos de refaunação, porque a fauna desapareceu, ou restauração de vegetação, essa biblioteca de informação genética permite que a gente possa ter acesso ao conhecimento necessário para devolver aos lugares certos as espécies”, explica Mesquita.

Pesquisas nacionais ampliam-se com a redução dos custos

Na avaliação do pesquisador Sidney Santos, a ampliação de estudos para decifrar genomas de espécies em geral é um tipo de conhecimento que tem uma

tendência de avançar no país e em todo o mundo, principalmente pela diminuição do custo dos recursos necessários.

“O genoma humano, que

foi o primeiro, demorou 10 anos para fazer, custou de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3 bilhões. A partir daí, o poderio das máquinas foi aumentando. Hoje, com o MGI, que é o

equipamento [sequenciador de DNA] que usamos, você consegue fazer 48 genomas humanos em três horas, a um custo, que eu espero que ainda diminua, de US\$ 1,5 mil a US\$ 2 mil no máximo”, diz.

Por outro lado, Igor Hamoy destaca que, para a região amazônica, os desafios são maiores que em outras regiões do país. E, de acordo com Sidney Santos, além do equipamento da UFPA ser o único sequenciador genético do setor público da Amazônia, há ainda o chamado “custo Amazônia” causado por dificuldades logísticas e operacionais.

“O custo hoje está menor, mas não é um custo ainda acessível para qualquer pesquisador, para qualquer universidade. Então, o parque tecnológico que a UFPA tem aqui, no Laboratório de Genética Humana e Médica, é um parque que consegue fazer tudo isso”, informou.

“Mas o insumo dessa pesquisa, por exemplo, tem que ser financiado. Então, são muitas linhas de pesquisa, que precisam de financiamento, especialmente aquelas que são pesquisas

aplicadas”, acrescentou.

Para Rita Mesquita, o trabalho para assegurar que espécies não sejam perdidas é um desafio do tamanho da biodiversidade do país: a maior do mundo.

“O que o Ministério [do Meio Ambiente] faz nesse sentido é continuar trabalhando com a ciência para aprimorar nossa informação sobre áreas prioritárias, continuar buscando a proteção dos territórios para as espécies, principalmente aquelas mais ameaçadas, que essas espécies tenham a devida proteção para não desaparecer”, reforça.

E o papel da ciência é parte fundamental para gerar conhecimento que permita que a interação de humanos com espécies de qualquer bioma seja pautada por parâmetros de sustentabilidade, destaca a secretária.

“Isso vale para bicho e vale para planta. Se a gente tem formas de manejar de maneira sustentável, formas de recuperar, restaurar e devolver, a gente pode estabelecer uma relação em que as espécies possam ser

manejadas a partir de princípios sustentáveis do manejo de baixo impacto e com populações asseguradas em áreas protegidas”, conclui.



Foto: Arquivo pessoal

Hoje, com o MGI, que é o equipamento [sequenciador de DNA] que usamos, você consegue fazer 48 genomas humanos em três horas

Sidney Santos



Foto: Divulgação/UFPA

Trabalho de sequenciamento é feito no Laboratório de Genética Humana e Médica da UFPA

PARAÍBA E RN

Editais somam mais de 220 vagas

Nova Floresta, UFPB e TCE-RN reúnem oportunidades em diferentes áreas com salários até R\$ 15 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Janeiro quase ficou para trás, mas o fim do mês ainda reserva boas oportunidades para quem deseja conquistar sua vaga no serviço público. Na Paraíba, a Prefeitura de Nova Floresta abriu uma centena de vagas em cargos que vão do nível fundamental ao superior, atendendo áreas estratégicas da administração municipal, como Saúde e Educação. Já a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também movimentou o cenário ao anunciar uma nova seleção para professores do magistério superior, com oportunidades espalhadas por diferentes centros acadêmicos. Fora do estado, o concurso do Tribunal de Contas do estado do Rio Grande do Norte (TCE-RN) é outro que merece destaque, com vagas técnicas e administrativas.

Vagas no estado

No interior da Paraíba, o edital da Prefeitura de Nova Floresta chama atenção pela diversidade de cargos e pelo volume de oportunidades. Ao todo, são 136 vagas em disputa, além de cadastro de reserva, distribuídas entre funções mais operacionais, como auxiliar de serviços gerais, motoristas, vigilante, eletricista e gari, isso sem falar nas vagas de nível superior. Há oportunidades para assistente social, psicólogo, nutricionista, farmacêutico, fonoaudiólogo, bioquímico, dentista, enfermeiros e médicos, entre outras. O edital

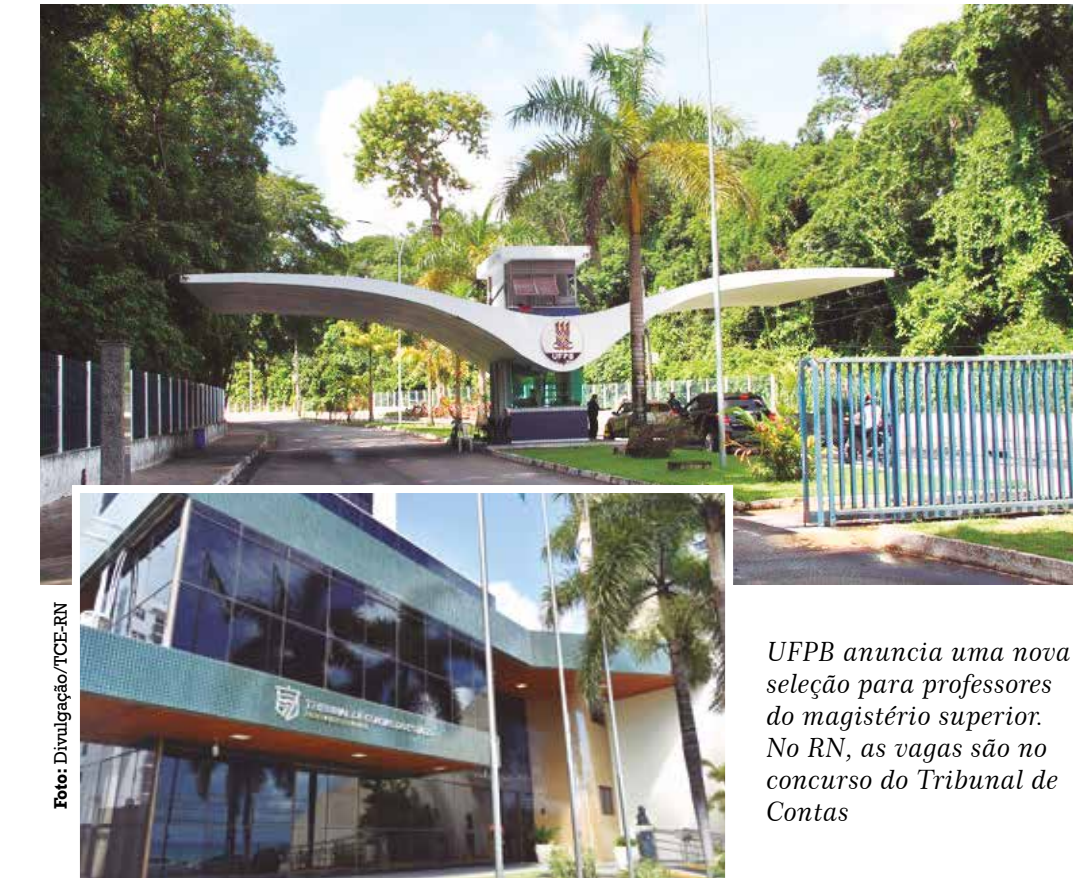


Foto: Divulgação/TCE-RN

Foto: Evandro Pereira

UFPB anuncia uma nova seleção para professores do magistério superior. No RN, as vagas são no concurso do Tribunal de Contas

também contempla um amplo conjunto de vagas no Magistério, em diferentes áreas e classes, além de psicopedagogos e profissionais ligados ao suporte pedagógico.

Os salários vão de R\$ 1,5 mil até R\$ 14 mil, a depender do cargo, com jornadas de 30 a 40 horas semanais. De acordo com o edital, no caso de médico plantonista da Unidade Mista de Saúde, a remuneração é por plantão de 24 horas, variando de R\$ 2,3 mil a R\$ 3 mil. Para garantir sua participação no concurso, o candidato deve acessar o site do sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCon/UEPB) até

15 de fevereiro e seguir as instruções. A taxa cobrada varia de R\$ 75 a R\$ 115.

Quanto à avaliação, o processo será composto por prova objetiva, prevista para 12 de abril, prova prática para motoristas, em 24 de maio, e avaliação de títulos para os cargos do magistério de nível superior. No conteúdo programático, constam Matemática, Língua Portuguesa, Informático, conhecimentos gerais e específicos. Todas as etapas serão realizadas no município de Nova Floresta.

Magistério

Também na Paraíba, a UFPB reforça a temporada

2026 de concursos ao abrir seleção para professores do magistério superior com vagas distribuídas entre os seus diversos centros acadêmicos. O edital contempla vagas em áreas como Álgebra, Análise e Probabilidade, Química, Filosofia, Computação Gráfica

e Jogos Digitais, Gestão Educacional, História, Nutrição, Fisioterapia, Direito Público, Música, Mecatrônica, Administração Rural, Matemática e Libras, entre outras especialidades. A carga horária, por sua vez, varia entre 20 horas semanais e dedicação exclusiva, com remuneração de R\$ 3 mil a R\$ 14,2 mil, podendo haver acréscimo por titulação de até R\$ 3,7 mil.

As inscrições ocorrem de 2 de fevereiro a 2 de março, de forma presencial, diretamente na secretaria do departamento responsável pela área. Se você ficou interessado, atente-se ao processo de avaliação: todos os candidatos passarão por provas escrita, didática e de avaliação de títulos. Já a classe “Adjunto A” terá uma etapa adicional, focada no plano de trabalho. Vale lembrar que cada departamento acadêmico é responsável pela divulgação do local e cronograma das provas referentes às suas respectivas vagas.

Rio Grande do Norte

No estado vizinho, o concurso do TCE-RN aparece como um dos mais atrativos

deste início de ano. São 55 vagas, além de formação de cadastro reserva, para cargos de nível médio e superior, incluindo oportunidades para analista e técnico administrativo, médico e auditor de controle externo, em especialidades como Administração, Contabilidade, Direito, Engenharia, Estatística, Tecnologia da Informação e Ciências Atuariais. O edital passou por retificação, com atualização do conteúdo programático para a área de TI.

Com jornadas de 22 a 30 horas semanais, o concurso oferece salários de R\$ 6,1 mil a R\$ 15,5 mil, além de auxílio-alimentação de R\$ 2 mil. As inscrições seguem abertas até 4 de fevereiro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebasp), mediante pagamento de taxas nos valores de R\$ 140 a R\$ 190. Sobre a avaliação dos candidatos, serão aplicadas provas objetivas e discursivas nos dias 11 e 12 de abril, além de análise de títulos para os cargos de nível superior. Segundo o edital, o processo ocorrerá na cidade de Natal.



Use o QR Code para acessar o edital de Nova Floresta



Use o QR Code para acessar o edital da UFPB



Use o QR Code para acessar o edital do TCE-RN

FILOSOFIA

Quando pensar o mundo e as relações humanas torna-se profissão

Pergunte a uma criança o que ela quer ser quando crescer. Além de médica e professora, profissões do momento como *youtuber* e influenciador digital também estarão na ponta da língua. O fato é que pouca gente cresce dizendo que será filósofo. Quase sempre associada a ideias difíceis, pensamentos abstratos e dilemas existenciais, a Filosofia ocupa, no imaginário coletivo, um lugar distante da vida real, reduzida ao estigma de “ser ou não ser”. Essa imagem, no entanto, esconde uma profissão que atravessa a sociedade em suas várias frentes, da educação à política, passando pela ética e relações humanas. É a partir desse lugar, de interpretação e construção de sentido, que o filósofo Rodolfo Ramalho, mestre pela Universidade Federal da Paraíba (UFBP), reflete sobre os desafios de pensar o mundo hoje.

No caso dele, a Filosofia não surgiu como um plano de carreira traçado desde o início, mas como um caminho que foi se revelando aos poucos. Ainda criança, ele já se via no papel de professor, mesmo quando os colegas sonhavam com o futebol. Mais tarde, no Ensino Médio, a aproximação com a Literatura abriu as primeiras portas para a reflexão sobre a realidade. Segun-



Foto: Arquivo pessoal/Rodolfo Ramalho

O mercado de trabalho para os filósofos, segundo Rodolfo Ramalho (de pé), é bastante restrito

do ele, esse interesse inicial o levou a tentar Letras e, depois, a chegar à Filosofia quase por intuição, mesmo sem saber diferenciar, naquele momento, um texto literário de um filosófico. “O motivo era, basicamente, a questão de interpretação da realidade por meio da palavra”, conta. Ao ingressar no curso, em 2005, encontrou um território instigante que reunia duas áreas que seguem orientando seu pensamento até hoje: Literatura e Religião.

O que faz um filósofo

Ao falar sobre a atuação profissional, Rodolfo prefere escapar da pergunta clássica sobre a “prática” da Filosofia,

ideia quase sempre associada à lógica da produtividade e dos resultados. Em vez de enquadrar a profissão nesse rótulo, ele desloca o debate para outro lugar: o do olhar que se dedica a compreender a realidade antes de julgá-la. Como ele explica, o filósofo “analisa diariamente as condições de sua realidade e da realidade dos outros, não para dizer o que está certo ou errado, como um juiz, mas para averiguar as possibilidades que fundamentam uma harmonia social”. É desse exercício contínuo de observação, leitura e escuta que surgem aulas, livros, artigos, palestras e cursos, um trabalho sustentado por um longo processo de

elaboração.

Contudo, ser filósofo no Brasil não é uma tarefa fácil, como ele bem reconhece. A baixa valorização do pensamento crítico, especialmente fora do ambiente acadêmico, impõe limites concretos à profissão. Rodolfo observa que, diferentemente de países como Alemanha e França, onde a Filosofia faz parte da formação desde a infância, por aqui o campo costuma ser tratado de forma banalizada. O mercado de trabalho, segundo ele, é bastante restrito. “No Brasil, especialmente, não se costuma dar créditos aos pensadores, autores e estudiosos, seja qual for a área”, observa. Ainda assim, ele en-

xerga alguns avanços, citando experiências em filosofia clínica, também chamada de aconselhamento filosófico, além de possibilidades nas áreas de pesquisa e consultoria, tanto política quanto jurídica. “Sabemos que o índice de desemprego no Brasil cresce a cada dia e que a busca por um conhecimento mais produtivo, digamos assim, é muito mais valorizado. Mas sucesso ou insucesso, para um filósofo, não é algo que o preocupa, já que sua vida é um eterno ciclo de ensino e aprendizagem”, analisa.

Mundo contemporâneo

Já no campo das ideias, embora adote um tom menos alarmista, Rodolfo reconhece que os desafios contemporâneos colocam a Filosofia em evidência. Para ele, debates como o avanço da inteligência artificial (IA) não esvaziam o pensamento filosófico — muito pelo contrário, já que a questão continua sendo o que há de humano em nossas escolhas e decisões. “O que está por trás da preocupação com as IAs é, na verdade, uma preocupação com o que há de humano em nós”, observa. Dilemas éticos e políticos seguem a mesma lógica, girando em torno do equilíbrio entre liberdade individual e coletiva. O ponto

mais sensível, no entanto, está na saúde mental. Como ele bem alerta, ao retomar autores como Albert Camus e Viktor Frankl, o vazio existencial e o suicídio estão no centro do debate contemporâneo. “É por isso que, hoje, dedico meus esforços para essa questão da saúde e sua relação com a espiritualidade, principalmente entre os jovens”, destaca.

Na visão dele, o que sustenta o filósofo é esse compromisso permanente com o conhecimento, o respeito e a empatia. “Não há como fazer filosofia sem isso”, finaliza. No serviço público, esse caminho profissional também se materializa em concursos como o da UFPB, que abriu vagas para professores do magistério superior, diretamente ligadas ao campo da Filosofia. O edital contempla áreas como Ensino de Filosofia, Fundamentos Antropo-Filosóficos da Educação, Filosofia Geral e Ética, todas com regime de dedicação exclusiva e ingresso na Classe A — Assistente. Na maioria dos casos, a exigência é de doutorado em Filosofia. Vale lembrar que, para o regime de dedicação exclusiva, a remuneração inicial bruta chega a R\$ 14.288,85, valor que inclui vencimento básico, retribuição por titulação e auxílio-alimentação.

Selic Fixado em 8 de dezembro de 2021 15%	Sálário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial +0,05% R\$ 5,287	Euro € Comercial +0,64% R\$ 6,245	Libra £ Esterlina +1,03% R\$ 7,2	Inflação IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11	Ibovespa 178.858,55 pt +1,86%
---	---	--	--	---	--	--

CUSTO DE VIDA

Aluguéis valorizam acima da inflação em João Pessoa

Aumento médio de 15,31% é o quinto maior do país, segundo o Índice FipeZAP

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Encontrar um imóvel para alugar em João Pessoa tem exigido mais tempo, mais flexibilidade e, principalmente, mais dinheiro. Os valores cobrados pelos aluguéis residenciais na capital paraibana avançaram em ritmo superior ao da inflação em 2025 e colocaram a cidade entre as capitais com maior alta do país, segundo dados oficiais do Índice FipeZAP de Locação Residencial.

Os preços dos aluguéis em João Pessoa iniciam 2026 acumulando um aumento médio de 15,31%. O percentual supera com folga os principais indicadores de inflação do período, como o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que fechou o ano em 4,26%, e o Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M), que registrou variação negativa de 1,05%. No *ranking* das capitais monitoradas, João Pessoa aparece entre as cinco com maiores altas, atrás apenas de Teresina, Belém, Aracaju e Vitória.

O movimento local acompanha uma tendência nacional. Em 2025, o Índice FipeZAP de Locação subiu, em média, 9,44% no país, considerando 36 cidades acompanhadas. Ainda assim, o avanço observado na capital paraibana ficou bem acima da média nacional, revelando uma pressão específica do mercado local. Para o economis-



Alta no fluxo migratório e crédito imobiliário caro reforçam a pressão sobre o aluguel

ta Filipe Reis, que é professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a explicação passa, acima de tudo, por uma lógica básica da economia.

“Quando a demanda aumenta e a oferta não cresce na mesma proporção, a tendência é de elevação dos preços”, afirma. Com João Pessoa atraindo moradores de outras regiões do país e do próprio estado, o impacto no mercado de locação é direto. “O primeiro movimento de quem chega à cidade costuma ser alugar um imóvel. Só depois vem a decisão de compra. Isso gera uma pressão inicial muito forte sobre o mercado de aluguel”, explica o economista.

Esse fluxo migratório recente, associado à percepção de qualidade de vida e cus-

to ainda competitivo em relação a outras capitais, ajuda a entender o aumento da procura. Outro fator destacado por Filipe Reis é o patamar elevado das taxas de juros no país. Com o crédito imobiliário mais caro, parte dos potenciais compradores adia a decisão de adquirir um imóvel. “Quando os juros estão altos, o financiamento pesa mais no orçamento. Isso inibe a compra e mantém mais pessoas no mercado de aluguel”, diz.

Essa dinâmica aparece de forma concreta na experiência de quem está à procura de um imóvel. É o caso do gestor financeiro Francisco Wagner, de 44 anos, que, há cerca de duas semanas, iniciou a busca por um novo apartamento para alugar em João Pessoa. Morador do Jardim Oceania

há mais de sete anos, ele precisará deixar o imóvel atual após a venda do prédio onde mora.

“Estou assustado. Os preços estão bem altos. Um apartamento da mesma tipologia do que eu moro hoje, que custa em torno de R\$ 1.600, está sendo anunciado por cerca de R\$ 3 mil. Isso é mais que o dobro do atual”, relata. Wagner procura um apartamento de três quartos, preferencialmente térreo, no mesmo bairro. A escolha não é apenas financeira. Envolve a rotina da família, formada por cinco pessoas e a rede de apoio construída ao longo dos anos no bairro. “Mudar muito de região implica mais tempo no trânsito, mais dificuldades no dia a dia, e é aqui onde moram meus pais e amigos”, explica.

Troca de inquilino abre espaço para reajuste

Enquanto o inquilino percebe a pressão do lado da demanda, quem atua no mercado imobiliário observa o fenômeno de perto. O corretor de imóveis Ranyery Ribeiro, da Anchieta Imobiliária, administra cerca de 200 imóveis para locação na Grande João Pessoa e afirma que o aumento dos preços não ocorre de forma uniforme.

“Em algumas situações, os reajustes são acima da inflação, sim, mas não dá para generalizar”, diz. Segundo ele, muitos contratos antigos ainda mantêm valores abaixo do mercado por decisão dos proprietários, especialmente quando há uma relação consolidada com o inquilino. “O que acontece com mais frequência é o seguinte: contratos antigos não conseguem acompanhar esse movimento. Mas, quando o imóvel é desocupado, o valor do novo contrato já entra no preço de mercado”, explica o corretor.

Esse ajuste ocorre justamente no momento de troca

de inquilino, quando a margem para reposicionamento do valor é maior. Ranyery também destaca o aumento da procura por aluguel, especialmente em determinados períodos do ano. “Entre outubro e março, que é a alta estação, a demanda cresce bastante. Muita gente trabalhando em *home office* tem escolhido João Pessoa para morar”, afirma.

Os dados do FipeZAP ajudam a dimensionar esse cenário. Em dezembro de 2025, o preço médio do aluguel residencial em João Pessoa foi de R\$ 47,64 por metro quadrado. Entre os bairros com maiores altas, estão Miramar, com aumento de 28,8% e preço médio de R\$ 51,40/m²; Portal do Sol, com 26,5%; Bessa, com 23,4%; Aeroclube e Manaíra, ambos com 17,9%. São regiões que concentram infraestrutura urbana, proximidade da orla ou novos empreendimentos, fatores que influenciam a formação de preços.

Diante dos valores encontrados, Francisco Wagner admite que já considera rever algumas exigências. “Ou vou ter que mudar de bairro, ou procurar um apartamento que não seja térreo, mas que tenha elevador. Não está fácil encontrar algo dentro do que a gente planejava”, diz. Ele também cogita fazer contrapropostas aos proprietários, na tentativa de ajustar os valores à sua realidade financeira.

Essa possibilidade de negociação ainda existe, segundo o corretor Ranyery Ribeiro, especialmente em renovações de contrato. “A maioria dos proprietários ainda abre espaço para conversar. Mas há casos em que o valor é mantido, e, se o inquilino sai, o próximo já entra pagando o novo preço”, afirma.

Francisco Wagner confirma que a negociação faz parte da estratégia para escapar do peso dessa alta do aluguel. “Uma coisa é o va-

lor pedido, outra é o que a gente consegue pagar. Às vezes, dá para chegar a um meio-termo”, diz, enquanto segue em busca de um imóvel que se encaixe nas necessidades da família e na realidade do mercado atual.

“
Ou vou ter que mudar de bairro, ou procurar um apartamento que não seja térreo, mas que tenha elevador. Não está fácil encontrar algo dentro do que a gente planejava

Francisco Wagner

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Por que a IA ameaça o primeiro emprego

Um alerta do Fundo Monetário Internacional de que a inteligência artificial (IA) pode transformar até 60% dos empregos nas economias avançadas reacendeu um debate clássico da economia: o impacto do progresso tecnológico sobre o mercado de trabalho. Embora o discurso público, frequentemente, trate a IA como uma ameaça direta ao emprego, a teoria econômica oferece uma leitura mais abrangente e menos alarmista.

Desde a Revolução Industrial, o avanço tecnológico é analisado como um processo de destruição criativa, conceito desenvolvido por Joseph Schumpeter. Novas tecnologias eliminam ocupações antigas, mas criam outras, geralmente mais produtivas. O desafio central não está na destruição de empregos, mas na velocidade da transição e na capacidade da economia de absorver trabalhadores deslocados.

A inteligência artificial acelera esse processo. Diferentemente de inovações anteriores, ela não substitui apenas trabalho manual ou repetitivo, mas também tarefas cognitivas rotineiras. Sob a ótica da teoria do capital humano, isso afeta diretamente os jovens, que normalmente ingressam no mercado em funções de menor complexidade, com baixa exigência de experiência e alto grau de padronização, exatamente onde a IA apresenta maior vantagem comparativa.

A partir da teoria da demanda por trabalho, a automação reduz a necessidade de mão de obra em determinadas tarefas, pressionando salários e ampliando a concorrência entre trabalhadores menos qualificados. Em contrapartida, cresce a demanda por ocupações complementares à tecnologia, deslocando oportunidades para funções que envolvem análise, tomada de decisão, criatividade, coordenação e habilidades socioemocionais.

Esse processo pode ser compreendido à luz do modelo de crescimento de Solow, no qual o progresso tecnológico é o principal determinante do crescimento econômico de longo prazo. A IA atua como um choque tecnológico ao elevar a produtividade agregada, mas seus benefícios dependem da capacidade da força de trabalho de se adaptar às novas exigências. Quando essa adaptação não ocorre, o avanço tecnológico tende a ampliar desigualdades, fenômeno associado ao viés tecnológico pró-qualificação, no qual trabalhadores mais qualificados beneficiam-se de forma desproporcional.

Em termos macroeconômicos, embora a IA eleve a produtividade total dos fatores, a teoria keynesiana alerta que ganhos de produtividade não garantem automaticamente pleno emprego. Sem políticas de qualificação, investimento em educação e mecanismos eficazes de absorção do trabalho, o resultado pode ser desemprego estrutural e subutilização da mão de obra jovem.

Em economias emergentes como o Brasil, o impacto tende a assumir contornos distintos. O menor grau de difusão tecnológica pode retardar esse processo, mas não atua como fator de proteção. A combinação de informalidade elevada, baixa qualificação média e frágil conexão entre educação e mercado de trabalho amplia os riscos para o primeiro emprego.

Assim, a inteligência artificial não representa o fim do trabalho, mas um choque de reestruturação. A teoria econômica mostra que o fator decisivo não é a tecnologia em si, mas a capacidade de adaptação institucional, educacional e produtiva. Para os jovens, o maior risco não é a automação, mas ingressar no mercado sem competências que a tecnologia não consegue substituir.

NESTE ANO

Receita adota postura conciliadora

Novo arcabouço legal consolida atuação menos repressiva, com foco em conformidade fiscal e redução de litígios

Agência Gov

O ano de 2026 será um ano de mudança de paradigma e de postura da Receita Federal de maneira definitiva, consolidando um novo Fisco que antecipa os problemas e orienta os contribuintes, evitando ao máximo o litígio, destacou o secretário especial da Receita Federal, Robinson Barreirinhas, na última semana.

“Uma mudança definitiva, deixando completamente para trás a postura antiquada de um Fisco reativo e repressor”, afirmou. Os comentários ocorreram durante entrevista coletiva que apresentou os resultados da arrecadação federal de 2025, com um recorde de R\$ 2,886 trilhões, o melhor da série histórica iniciada em 1995.

Barreirinhas ressaltou que essa nova era da Receita Federal está alicerçada em um novo arcabouço construído pelo atual governo desde 2023. Nesse cenário, exaltou a recente publicação da Lei Complementar nº 225/2026, que instituiu o Código de Defesa do Contribuinte, que abordou, também, medidas para o tratamento dos devedores contumazes. Citou, ainda, os avanços no diálogo entre Fisco e contribuintes promovidos a partir da instituição dos programas Confia e Sintonia, de conformidade fiscal, iniciativas impulsionadas com a chegada da nova lei. Esses dois programas, lembrou o secretário, são os grandes pilares de conformidade para via-

bilizar a mudança de postura da Receita Federal.

“Agora, a orientação passa a ser a regra. Deixamos de aplicar multas para os melhores contribuintes. Muitos países já deixaram de utilizar a multa como um modelo de impulsionamento de conformidade. Permitimos, sempre, a autorregularização para os bons contribuintes. Reduzimos as multas para o contribuinte médio. E endurecemos pesadamente contra os devedores contumazes”, ressumiu o secretário.

Construção desde 2023

“Reforço que a ideia de orientar o contribuinte e evitar o litígio não é de 2026. É algo que vem desde o início desta gestão, incorporando uma postura defendida dentro da Receita Federal há algum tempo. Isso tem reflexos: uma parcela significativa da arrecadação já vem dessa cobrança amigável. O recolhimento espontâneo é o grande volume arrecadatório do Governo Federal e de todos os governos”, comentou o secretário especial da Receita Federal.

Com a Lei Complementar nº 225/2023, a Receita adota definitivamente uma nova rotina de trabalho, balizada na orientação como regra, sem multas para os melhores contribuintes, autorregularização para bons contribuintes como regra, multas menores para contribuintes médios e, por outro lado, tratamento duro para os devedores contumazes. “Tudo o que viemos fazendo desde 2023 agora tem um arcabouço legal, dando tranquilidade para os auditores, analistas, servidores

da Receita Federal deixarem o sistema anterior, um sistema arcaico que vem desde a década de 1960”, apontou Barreirinhas, ao comentar a importância da nova lei.

O secretário especial da Receita Federal citou a importância do mecanismo de “cobrança amigável”, que ocorre antes ou no início de um litígio, interrompendo essa disputa. Nesse tipo de cobrança, a Receita Federal saiu de um patamar de R\$ 130 bilhões, em 2022, para R\$ 180 bilhões, ano passado. Para 2026, in-

formou o secretário, a meta é chegar a cerca de R\$ 200 bilhões nessa arrecadação sem litígio com o contribuinte. Citou também o sucesso do programa de autorregularização executado junto a grandes empresas, que chegou quase a R\$ 60 bilhões no ano passado, em trajetória crescente ao longo de quatro anos. Esses maiores contribuintes são acompanhados por unidades específicas da Receita Federal, que auxiliam e orientam no processo de autorregularização.

Sintonia e Confia premiam bons contribuintes

Barreirinhas explicou que, no âmbito do programa Receita Sintonia (Portaria RFB nº 511/2025), todos as empresas contribuintes já estão sendo classificadas com notas de A+ a D. O Sintonia é um programa de estímulo à conformidade tributária e aduaneira que tem o objetivo de incentivar os contribuintes a adotar boas práticas e regularidade no cumprimento das obrigações tributárias, por meio da concessão de benefícios e tratamento diferenciado aos contribuintes que se classificarem bem nos critérios de conformidade estabelecidos pela Receita Federal.

Sob esses princípios, o programa já assegura que os contribuintes mais bem posicionados (A+) não se-

rão autuados imediatamente, terão orientação e prazo de 60 dias para promover a autorregularização, sem multa.

Em relação ao Programa Confia (Programa de Conformidade Cooperativa Fiscal da Receita Federal — Portaria RFB nº 417/2025), a iniciativa promove o estreitamento da relação entre as maiores empresas e o Fisco. Contribuintes que antes não “revelavam” seu planejamento tributário, com receio de autuação e aplicação de multas pesadas.

Com o Confia, já está sendo estabelecido um inédito sistema de diálogo, cooperação, confiança e transparência entre Fisco e contribuintes, alinhado a recomendações da Organização para a Cooperação e

Desenvolvimento Econômico (OCDE), substituindo controle e punição por prevenção, aprimorando o planejamento tributário e aumentando a segurança jurídica, reduzindo níveis de litígio e exposição dos contribuintes a riscos fiscais.

Pelo novo sistema, entre outros pontos, as empresas que eventualmente registrem alguma desconformidade contarão com benefícios com prazo de até 120 dias para apresentação de plano de regularização, com até cinco anos para pagamento.

Com relação à atuação sobre os devedores contumazes, a nova lei traz regras mais duras e severas, relatou Barreirinhas. “São pessoas que se utilizam da

estrutura empresarial para prejudicar a concorrência, para ganhar dinheiro por meio do não recolhimento de tributos”, explicou o secretário. Esses agentes estarão sujeitos a inaptidão do CNPJ, não fruição de benefícios fiscais, sem acesso à recuperação judicial, terão rito sumário no contencioso tributário, tudo isso sem afastamento da responsabilidade criminal. Antes da Lei Complementar nº 225/2026, não havia distinção relevante entre os maus agentes e os bons contribuintes.

“Nas operações feitas pela Receita Federal no setor de combustível e em outros setores, vimos o estrago que os devedores contumazes fazem”, afirmou o secretário especial da Receita Federal. “No setor de cigarros, temos 13 empresas regulares que devem de R\$ 4 bilhões. Outras sete empresas, quase todas já qualificáveis como devedoras contumazes, devem R\$ 15 bilhões. Não pagam o tributo, não recolhem, mas vendem. Têm 12% do mercado de cigarro e continuam produzindo, a maior parte delas com base em liminares que a temos dificuldades para derrubar. Pretendemos enfrentar agora [essa situação] com a Lei do Devedor Contumaz”, sinalizou Barreirinhas.

AUTORREGULARIZAÇÃO

União, estados e municípios já podem aderir ao eSocial

O Programa Receita Social Autorregularização, instituído pela Portaria da Receita Federal nº 632, de 30 de dezembro de 2025, é destinado a Órgãos Públicos da União, estados e municípios que ainda não estão conformes com a entrega do eSocial.

A adesão ao Programa Receita Social Autorregularização deverá ser realizada pelo Portal e-CAC, até 20 de fevereiro de 2026, conforme orientações disponíveis na página Aderir ao Programa Receita Social Autorregularização da Receita Federal. Nessa página também estão disponíveis o Passo a Passo, que explica de forma visual o caminho a ser percorrido para fazer adesão no e-CAC e o Perguntas e Respostas, que busca esclarecer algumas dúvidas sobre o programa.

No Portal e-CAC, o contribuinte deve clicar em Legislação e Processos, depois em Requerimentos Web e em Solicitar Serviço. Em seguida, deve sele-

cionar a área de concentração Declarações e Escriturações e o serviço Formalizar adesão ao Programa Receita Social Autorregularização. Siga as instruções do requerimento, preencha Termo de Adesão e o Termo de Compromisso.

Após cumprido o requisito da adesão, o contribuinte deverá utilizar o Programa Gerador de Declaração de Contingência (PGD-C), até o fim de fevereiro de 2026, apresentar um Plano de Ação para promover a autorregularização, até 31 de março de 2026, e promover a regularização do eSocial, até 30 de setembro de 2026.

O PGD-C será disponibilizado em breve, terá a mesma forma de funcionamento da extinta Declaração de Imposto de Renda Retido na Fonte (Dirf) e utilizará o mesmo leiaute de arquivo utilizado na Dirf de 2025. Portanto, para utilizar o PGD-C, os entes deverão adotar as mesmas providências que foram adotadas para entregar a Dirf.



Publicação do Código de Defesa do Contribuinte e avanços no diálogo com os cidadãos são alguns dos pilares que viabilizaram essa mudança

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



Foto: Julia Marques/Agência Brasil

Secretário Robinson Barreirinhas explica o que muda no Fisco a partir de 2026

Editais de Convocação de Assembleia Geral Ordinária Eletiva da Associação das Federações de Esportes da Paraíba.

O Presidente da Associação das Federações de Esportes da Paraíba, no uso de suas atribuições conferidas pelo Estatuto da Associação das Federações de Esportes da Paraíba, convoca as entidades que lhe são filiadas para participarem da Assembleia Geral Ordinária Eletiva, que será realizada no dia 24 de Fevereiro de 2026, às 19:30 horas em primeira convocação e às 20:00 horas em segunda convocação, tendo como local o Clube Cabo Branco, com endereço na Rua Cel. Souza Lemos, 167, João Pessoa – PB, com a seguinte ordem do dia: 1º Apresentação do Relatório Técnico e Administrativo referente ao exercício de 2021; 2º Apresentação, Discussão e Votação do Parecer do Conselho Fiscal referente as contas do exercício de 2022; Eleição do Presidente, Vice-Presidente e Membros Efetivos e Suplentes do Conselho Fiscal para o quadriênio 2028/2029. Período de inscrição de chapa concorrente ao pleito até 14 de fevereiro de 2026 na sede da AFEF, a chapa deverá ser inscrita com o nome de todos os seus membros, sendo necessário ser assinado por todos. Tudo deve ser entregue e homologada no endereço da AFEF. Cabedelo (PB), 23 de janeiro de 2026.

João Bosco de Menezes Crispim
Presidente da AFEF

QUALIEXPORTA

Projeto leva a cultura exportadora ao Sertão

Foram várias inspeções técnicas a empresas de Pombal, São Bento, Patos e Sousa

O mês de janeiro de 2026 marcou uma etapa estratégica do projeto Qualificação para Exportação (QualiExporta PBsF) no Sertão da Paraíba. Vinculado ao programa Paraíba sem Fronteiras (PBsF), o projeto realizou uma série de visitas técnicas a empresas localizadas nos municípios de Pombal, São Bento, Patos e Sousa.

As visitas tiveram como foco a aproximação direta com o setor produtivo, a escuta ativa das demandas empresariais e o fortalecimento da cultura exportadora em micro, pequenas e médias empresas que já demonstram potencial competitivo e capacidade de inserção no mercado internacional.

O QualiExporta é um projeto vinculado ao programa Paraíba sem Fronteiras, desenvolvido pelo Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), e recebe apoio técnico da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do Projeto de Extensão Probex Comex.

A iniciativa tem como objetivo apoiar empresas e *startups* paraibanas na busca pela formalização, inovação e inserção no mercado internacional, atuando por meio de assessoria especializada, capacitação técnica e estímulo à cultura exportadora, sempre considerando as especificidades regionais e socioeconômicas do estado.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, Claudio Furtado, as visitas técnicas realizadas pelo QualiExporta no Sertão reafirmam o compromisso do Governo do Estado com o desenvolvimento regional e a interiorização das políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação. “O QualiExporta nasce com essa missão de estar próximo do setor produtivo, compreender a realidade de cada território e construir, junto com os empreendedores, caminhos viáveis para a inserção no mercado internacional. Quando vamos ao Sertão, encontramos empresas com enorme potencial, inovação, capacidade pro-

ductiva e identidade regional forte. Nosso papel é criar as pontes, oferecer apoio técnico e estimular uma cultura exportadora que gere emprego, renda e desenvolvimento sustentável para a Paraíba”, destacou.

Segundo a coordenadora do projeto QualiExporta PBsF, professora Márcia Paixão, as visitas técnicas cumprem um papel central na metodologia da iniciativa. “São momentos fundamentais para ampliar a aproximação do empresário e de seus colaboradores com a equipe técnica do projeto, além de permitir um *feedback* direto, por meio da escuta ativa, sobre potencialidades, resultados já alcançados e necessidades reais na preparação para exportar”, garantiu.

Cooperativa, Pombal

A primeira visita técnica aconteceu na Cooperativa Fonte de Sabor, localizada na Zona Rural do município de Pombal. Especializada na produção de polpas de frutas, a cooperativa destaca-se pela valorização da agricultura familiar e pelo potencial de agregação de valor a produtos regionais, com foco na qualidade e na padronização dos processos produtivos.

Durante a visita, a equipe técnica do QualiExporta pôde conhecer de perto as etapas de processamento, armazenamento e logística da produção, além de dialogar com os cooperados sobre os desafios e oportunidades para a ampliação de mercados. A experiência evidenciou o papel estratégico das cooperativas no

fortalecimento da economia local e na geração de renda no meio rural.

Segundo a diretora financeira e uma das fundadoras da Cooperativa Fonte de Sabor, Maria da Paz Nascimento dos Santos, a participação no projeto QualiExporta tem sido decisiva para o fortalecimento do empreendimento. “A participação da Cooperativa Fonte de Sabor no Projeto QualiExporta tem sido extremamente positiva e estratégica para o fortalecimento institucional e para a consolidação do nosso processo de inserção no mercado internacional. O projeto tem contribuído de forma concreta para o aprimoramento da gestão, da qualidade dos produtos e adequação às exigências do comércio exterior. Destaca-se, de modo especial, o acompanhamento contínuo e qualificado da equipe técnica, que tem atuado de forma próxima, acessível e comprometida com a realidade da cooperativa”, comentou.

Um dos marcos mais relevantes da cooperativa foi a participação na Expo Paraguai, realizada com a assessoria direta do projeto QualiExporta PBsF. “A presença nesse evento internacional ampliou a visibilidade da cooperativa, permitiu o contato com potenciais compradores e parceiros comerciais, além de proporcionar uma experiência concreta de acesso a mercados externos. O suporte técnico recebido antes, durante e após o evento foi decisivo para que a participação ocorresse de forma organiza-

da, segura e alinhada às exigências do mercado internacional”, destacou.

Redes de Dormir, São Bento

No município de São Bento, referência nacional na produção de redes de dormir, a visita técnica foi realizada em uma empresa especializada na confecção artesanal de redes de descanso produzidas em 100% algodão natural. O empreendimento destaca-se pela preservação do saber-fazer tradicional aliado a investimentos em modernização e posicionamento estratégico no mercado digital.

Esquadriart, Patos

A agenda no Sertão incluiu ainda uma visita à Esquadriart, empresa localizada em Patos, especializada na produção de móveis planejados. Durante a visita, a equipe do QualiExporta conheceu os processos de criação, fabricação e personalização dos móveis, além da estrutura organizacional da empresa.

Dinococo, Sousa

Encerrando o roteiro de visitas, a equipe técnica esteve na Dinococo, indústria de produtos derivados do coco localizada no município de Sousa. Reconhecida pelo alto nível técnico-produtivo e comercial, a empresa se destaca pela infraestrutura moderna, pelo *mix* expressivo de produtos e pelos investimentos em soluções logísticas.

“

São momentos fundamentais para ampliar a aproximação do empresário e de seus colaboradores com a equipe técnica do projeto

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secities.pb.gov.br

O que aprendi antes de escolher

Em dias de Sisu para os estudantes que fizeram o Enem concorrerem a vagas nas universidades públicas do Brasil, me vem à mente o tormento que é essa decisão. Eu vejo isso dentro de casa, com minha filha Licia, ficando acordada até meia-noite para colocar as opções, na dúvida de qual colocar primeiro, qual o curso que se adaptaria melhor ao seu perfil.

Isso me fez lembrar como foi o meu processo de escolha, aos idos tempos da minha época de antigo ginásio, que hoje é o Ensino Fundamental. Era ali no início dos anos 1980, a gente ainda estava em plena ditadura militar, e o que eu via na TV, nos jornais e revistas falava sobre o programa nuclear brasileiro. Era o auge da Guerra Fria: Estados Unidos, União Soviética, toda a corrida para a produção de energia nuclear.

Então fui atrás de saber quais eram os profissionais que trabalhavam naquela área, quem projetaria um reator nuclear, que é o coração de uma usina de produção. Lembro que uma pessoa amiga da família falou: “São engenheiros nucleares”. E eu, naquele jeito de criança, disse: “Eu vou ser engenheiro nuclear”.

A vida me levou, por outros motivos, que um dia serão tema de outra coluna, à minha ida para fazer o Segundo Grau em Recife. Ali tinha um professor de Física, Ademir Amaral, que marcou uma visita, no primeiro semestre de 1984, ao Departamento de Física da UFPE. Esse momento me deu experiências fantásticas, como a de ver um supercondutor flutuar em cima de um ímã e a de assistir a uma palestra com o professor Cid Bartolomeu de Araújo, que anos depois viria a ser meu professor na própria UFPE.

Cid começou a falar sobre a Lei da Gravitação Universal: por que a Lua não cai na Terra, mostrando como os corpos celestes obedecem à lei da gravitação universal. Falou de Einstein, de Física moderna, e eu fiquei maravilhado. Depois, eu e outros amigos começamos a despejar perguntas naquele turbilhão de animação. Em seguida, ele saiu perguntando o que cada um de nós queria fazer quando fosse prestar o vestibular e eu afirmei categoricamente: “Quero ser engenheiro nuclear”. Após escutar toda a minha empolgação, ele disse: “Olhe, muito interessante, mas quem faz isso que você pensa não é engenheiro nuclear. O engenheiro pensa na infraestrutura. Quem pensa nessa questão das reações, do planejamento, são físicos nucleares”.

Dali por diante, nascia a ideia de me tornar um físico nuclear, que eu levei durante os meus próximos anos de Científico. Mas a Física me levou por outros caminhos, e eu nunca trabalhei com Física nuclear. E é com o meu exemplo que eu quero dar esse conselho para os estudantes diante desse momento de dúvida e incertezas: façam aquilo que vocês acham que gostam de fazer. Não escolha por ser uma moda atual ou uma vertente do momento. O futuro profissional depende muito dessa entrega durante o curso e no pós-curso.

Eu mesmo escutei coisas como “ah, você vai fazer Física, mas você só vai ser ‘professor’”. É como se a sociedade visse a profissão mais importante que existe de forma equivocada, é a profissão mãe de todas as profissões, já que todos os profissionais passaram pelo professor em toda a sua época de formação. E também atribuo a essas falas a falta de informação sobre o que é o profissional de Física, ou as áreas em que pode atuar.

Nunca escutem mensagens que sejam de desânimo. Em contraponto a isso, um ensinamento que realmente me marcou foi o do meu pai: “Meu filho, eu não sei o que faz essa profissão que você escolheu, essa Física, mas, se você fizer ela bem feita e for um bom profissional, você vai conseguir alcançar o que deseja na sua vida. Se dedique de coração”.

Essa é a mensagem que eu deixo aos estudantes: olharem para a razão que o seu coração aponta.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Colunista colaborador



Integrantes do PBsF durante uma das inspeções às unidades das cidades contempladas

Foto: Divulgação/Secities



Foto: Divulgação/Secities

Equipamentos modernos já em operação para uso no processamento de polpa de frutas

Márcia Paixão

TECNOLOGIA

Árvores inteligentes serão implantadas na capital

Projeto usa plantas para verificar condições ambientais, prever incêndios e fornecer dados meteorológicos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Os inúmeros benefícios que as árvores trazem já são universalmente conhecidos. O fornecimento de sombra, aumento da umidade do ar e melhora da sua qualidade são alguns deles. Contudo, um projeto desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pelo professor e pesquisador Cleonilson Protásio, do Laboratório de Microengenharia do Centro de Energias Alternativas e Renováveis (Cear), está potencializando as vantagens advindas das plantas. Por meio de um sensor instalado nos troncos das árvores, os aparelhos conseguem gerar energia, prever incêndios, medir condições ambientais e fornecer dados meteorológicos em tempo real.

Duas dessas árvores inteligentes vão ser instaladas em praças públicas localizadas no bairro dos Bancários, Zona Sul de João Pessoa: na Praça da Paz e no Parque das Três Ruas. O objetivo é coletar dados que facilitem o entendimento do meio ambiente

nessas localidades, avaliando como ele afeta a qualidade de vida das pessoas. O processo está em fase de aquisição de autorizações na Prefeitura, mas segundo o pesquisador, a expectativa é que os sensores sejam colocados no próximo mês, em fevereiro.

“Nas Três Ruas e na Praça da Paz, estamos instalando uma árvore inteligente para fazer monitoramento da qualidade do ar e do ambiente. Agora estamos em tratativas com a Prefeitura e com os órgãos ambientais, para a permissão da instalação e, com isso, pretendemos trazer esse benefício do acompanhamento daquela região”.

Smart Tree

Batizada de Smart Tree, o sensor foi concebido no âmbito da Internet das Coisas Naturais (IoNT — Internet of Natural Things), termo bastante utilizado pelo professor Cleonilson e que diz respeito a um ramo do conceito de Internet das Coisas (IoT). A IoT consiste em uma tecnologia que permite conectar objetos do cotidiano à *internet*, fazendo com que eles se-

jam capazes de gerar dados e permitindo a sua automação. Essa implantação, atualmente, é bastante comum em utensílios de casa como geladeiras, lâmpadas, entre diversos outros.

Os sensores que compõem as árvores inteligentes permitem medir variáveis como temperatura e direção e intensidade dos ventos, em tempo real, além de outros fatores. As informações coletadas são transmitidas sem fio para outros dispositivos, podendo formar uma rede de árvores inteligentes que se comunicam entre si até que os dados cheguem a uma central conectada à *internet*.

Um dos principais diferenciais do projeto é a forma como os sensores são alimentados. A árvore inteligente gera sua própria energia elétrica a partir da diferença de temperatura entre o interior e o exterior do tronco. Essa energia é utilizada para manter o funcionamento dos sensores e dos circuitos eletrônicos, eliminando a necessidade de baterias.

“Eu não coloco uma bateria em uma árvore [inteligente], pois isso vai agredir o meio ambiente. Não seria de bom senso colocar, em uma planta, alguma coisa química. Então, eu vejo a árvore [inteligente] como a própria bateria. Ela gera sua energia térmica ao longo do dia, e conseguimos converter isso em energia elétrica”, detalhou Protásio.



Pesquisadora explica que o projeto usa o calor das árvores como fonte de energia

Projeto surgiu na tentativa de solucionar incêndios florestais

A pesquisa teve início a partir de uma preocupação do professor que, enquanto realizava o seu pós-doutorado nos Estados Unidos, quis encontrar alguma solução para os inúmeros incêndios florestais que atingem, todos os anos, o estado da Califórnia. Assim, o pesquisador se deu conta de que a principal vítima desses desastres, as árvores, poderiam avisar quando houvesse uma mudança drástica de temperatura nas proximidades, a partir dos dados gerados por meio dos sensores alocados em seus galhos e troncos.

Como explicou o pesquisador, essas informações obtidas podem ser enviadas para o mundo inteiro. “Podemos fazer a análise via inteligência artificial e conseguimos realizar a previsão de incêndios florestais. E isso é só o primeiro passo. Com esses dados, conseguimos fazer medições de outros parâmetros ambientais. Tudo para proteger a floresta e o meio ambiente”, destacou Protásio.

Com o avanço da pesquisa, novas possibilidades começaram a surgir. Atualmente, a Smart Tree, localizada no Cear/UFPB, atua também como uma espécie de estação meteorológica natural, capaz de fornecer dados ambientais em tempo real. A tecnologia permite, inclusive, inferir a direção e a velocidade do vento, informações funda-

mentais tanto para o combate a incêndios quanto para o planejamento urbano.

Essa nova fase da pesquisa está sendo desenvolvida pela mestrandia em Engenharia Elétrica da UFPB, Virginia Vieira. Segundo ela, a instrumentação foi feita para que a árvore pudesse “mostrar” como reage a mudanças do ambiente ao seu redor. Os sensores permitem acompanhar, ao longo do tempo, como a parte interna da árvore responde a variações de temperatura e à influência do vento. Dessa forma, é possível observar o comportamento da árvore em diferentes situações climáticas.

“Em incêndios florestais, o vento tem um papel muito importante, pois ele influencia a direção em que o fogo se espalha e a intensidade das chamas. Além disso, o vento pode levar agulhas para áreas que ainda não estavam queimando, fazendo com que novos focos de incêndio surjam rapidamente”, explicou a pesquisadora.

Ainda de acordo com Virginia, conhecer como o vento se comporta, para onde ele sopra e com que força, ajuda as equipes a entenderem melhor o avanço do fogo e a se prepararem caso ocorram mudanças repentinas durante o combate. Essas informações permitem decisões mais rápidas e seguras, ajudando a reduzir os danos causados



Laboratório potencializa as vantagens vindas das plantas

pelo incêndio.

O equipamento desenvolvido pode ser utilizado por órgãos como o Corpo de Bombeiros, equipes de defesa civil, instituições de monitoramento ambiental em âmbito estadual e federal, além de centros de pesquisa e gestão florestal, especialmente no suporte a operações em áreas remotas ou de difícil acesso, onde a instalação

de estações meteorológicas convencionais é limitada.

Segundo o técnico do laboratório Flaviano Batista, que também integra a pesquisa, o trabalho apresenta um potencial muito grande, no entanto, é necessário que haja o incentivo de instituições públicas e privadas para que esse conhecimento possa ser repassado de forma mais ampla para a população.

Parceria com universidade dos EUA

A pesquisa ganhou projeção internacional e resultou em uma parceria formal entre a UFPB e a University of Washington Tacoma, nos Estados Unidos. Em dezembro, o Centro de Energias Renováveis recebeu a visita institucional do engenheiro Robert Ray Landowski, da School of Engineering & Technology da universidade norte-americana, onde será instalada a segunda árvore inteligente do mundo, a primeira fora do Brasil.

De acordo com Protásio, a tecnologia brasileira já possui patente registrada nos Estados Unidos, o que reforça o caráter inovador do projeto e sua relevância científica.

“Ele veio aqui para o Brasil, viu a nossa árvore inteligente, mostramos a ele como

funciona, e ele está implantando lá. Olha como é interessante, estamos levando tecnologia para fora. Exportando tecnologia”, afirmou.

Após a implantação das árvores inteligentes nos Bancários, a equipe de pesquisadores pretende expandir o projeto para outras áreas verdes de João Pessoa, como a Mata do Buraquinho, e também para a Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo (Flona). A intenção é criar uma rede de árvores inteligentes capaz de fornecer um panorama ambiental detalhado da cidade.

No futuro, parte desses dados poderá ser disponibilizada diretamente à população, por meio de plataformas digitais ou aplicativos. A ideia é permitir que qualquer cidadão

possa consultar, por exemplo, a temperatura e as condições ambientais de uma praça antes de visitá-la.

“Uma estação meteorológica convencional é muito cara. A árvore inteligente custa em torno de 2% a 3% do valor de uma estação profissional, e é capaz de fornecer dados compatíveis e facilitar o acesso. Os dados vão da *internet* para um aplicativo e qualquer pessoa na comunidade pode se beneficiar, sabendo desses dados”, ressaltou Protásio.

Já Virginia pontuou que essa tecnologia pode ser utilizada, por exemplo, na floresta Amazônica e em demais áreas de difícil acesso. “Futuramente, queremos expandir a pesquisa, transformar em uma estação meteorológica totalmente

autônoma e que não necessita tanto de interferência humana. Essa árvore [inteligente] consegue baratear a ideia de uma estação meteorológica e ser aplicada em locais remotos”.

Como finalizou o pesquisador Cleonilson Protásio, a intenção primordial do estudo científico é beneficiar, de alguma forma, a sociedade e o meio ambiente. Ao transformar árvores em aliadas da tecnologia, o projeto reforça a importância da pesquisa científica no enfrentamento dos desafios ambientais e urbanos. Além de gerar dados, a iniciativa também contribui para fortalecer a relação da população com o meio ambiente, estimulando a preservação e o cuidado com as áreas verdes da cidade.



Aplicação tática dos jogadores alvinegros tem sido fundamental para vitórias

Foto: Daniel Vieira/Treze

PARAIBANO

Galo quer cantar alto dentro de casa

Treze estreia como mandante no Amigão, às 18h, contra o Atlético de Cajazeiras, e lutará para manter a marca de 100% de aproveitamento

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Treze recebe o Atlético de Cajazeiras hoje, no Amigão, às 18h, em um duelo válido pela terceira rodada da fase classificatória do Campeonato Paraibano. O Galo vem de duas vitórias e busca manter, no seu primeiro jogo como mandante, os 100% de aproveitamento na competição. Se

conquistar os três pontos, a equipe de Roberto Fernandes pode terminar a rodada na liderança. Já o Trovão Azul, que tem um triunfo e uma derrota, joga em Campina Grande sonhando com a conquista dos primeiros pontos atuando fora de casa.

Nas duas primeiras rodadas, o Treze apresentou muita aplicação tática e vontade para vencer os jogos. Desde sua

chegada, Roberto Fernandes ressaltou em coletivas que não abriria mão de um time forte fisicamente, mas que buscaria o gol. Na estreia, o Alvinegro venceu o Serra Branca com base na assertividade, fazendo 2 a 0, no Amigão, como visitante. Na última quinta-feira (22), foi a vez de encarar um jogo duro contra o Pombal, em que teve que reverter um resultado adverso, vencendo por

2 a 1 de virada, no Pereirão.

Na primeira partida do ano como mandante, o Galo liberou a entrada de todos os sócios. A venda de ingressos é apenas para não sócios. O objetivo da campanha é aumentar o número de assinantes. A expectativa da diretoria é de que o Amigão receba um bom público, principalmente pelo bom início de campeonato — o melhor desde 2020, quando

o time ganhou de CSP e São Paulo Crystal. Naquele ano, o clube acabou campeão do Paraibano.

Do lado do Atlético, que fará seu segundo jogo como visitante, o desejo é somar pontos fora do Perpetão. Na estreia, também jogando em Campina Grande, mas contra o Campinense, a equipe perdeu por 2 a 0. A reabilitação veio após triunfo contra

o Esporte, diante do seu torcedor, já na segunda rodada, que venceu por 1 a 0, com gol de Robson.

Arbitragem

O árbitro principal da partida é Igor Eliel Lima. Os assistentes são Adailton Anacleto Gomes e Paccelli Thiago de Vasconcelos. O quarto árbitro é Dorgival Junior Ferreira dos Santos.

Rodada ainda tem Campinense x Pombal e Atlético x Confiança

O Campinense visita o Pombal hoje, às 17h, no Pereirão, no Sertão, também pela terceira rodada do Campeonato Paraibano. A Raposa busca a reabilitação após ter perdido para o Nacional (2 a 1) no Amigão, enquanto o Carcará, que iniciou a rodada na nona posição, almeja seus primeiros pontos na competição. A vitória, para o time mandante, é importante porque pode tirar a agremiação da zona de rebaixamento.

No primeiro jogo em casa, na segunda rodada, contra o Treze, o Pombal fez um bom jogo, dificultando a vida do time de Roberto Fernandes, mas perdeu por 2 a 1. A virada sofrida foi um balde de água fria para o torcedor, que viu o time local mandar um jogo da Primeira Divisão no Pereirão depois de dois anos. Nem a defesa de pênalti do goleiro Jailton, em cobrança do atacante Giva, foi suficiente para ajudar a equipe do Sertão a somar os seus primeiros pontos.

Agora, o Carcará faz seu segundo jogo seguido como mandante, encarando o outro time de Campina Grande. A necessidade de conquistar os seus primeiros pontos é ainda maior. O clube acumula duas derrotas, tendo a pior defesa com cinco gols sofridos. O único gol marcado foi justamente em

casa, na rodada passada, tento de Everton Felipe.

Do lado do Campinense, o jogo é encarado como uma oportunidade para recuperar os três pontos perdidos em casa, na derrota para o Nacional. Evaristo Piza falou sobre a situação durante entrevista coletiva pós-jogo. “No nosso planejamento, há a meta de classificar entre os quatro primeiros. Se perdeu aqui [no Amigão], vamos buscar fora. Da mesma maneira que a gente foi batido pelo Nacional em casa, a gente tem que, com todo res-

peito ao adversário, ir lá e ganhar do Pombal”, disse.

O treinador lamentou a derrota da segunda rodada. Piza elogiou a atuação de seus jogadores e condicionou a derrota à expulsão do volante Éverton Heleno. “Vinha acontecendo a possibilidade real da gente virar o jogo. Quando eu perdi um homem, a gente continuou querendo ganhar, tivemos volume para ganhar, mas você fica exposto, porque se está jogando com um homem a menos, você dá o campo para o adversário”,

disse destacando ter sofrido gol em um contra-ataque.

No apito

Ruthyanna Camila Medeiros da Silva é a árbitra principal do duelo entre Pombal e Campinense. Os assistentes são Esdras Marques de Souza e Paulo André Andrade Silva. O quarto árbitro é Cleonaldo Cícero Guabiraba Nogueira.

Em Patos

Hoje, às 17h, o Nacional enfrenta o Confiança no José Cavalcanti para manter os

100% de aproveitamento e garantir a primeira colocação ao término da rodada. Com seis pontos, tendo duas vitórias e sendo o melhor ataque com cinco gols marcados, o time do jovem técnico Felipe Santos, de 31 anos, surpreende por praticar um futebol reativo e de poucos toques para alcançar o gol adversário, principalmente quando joga fora de casa.

“Entendemos que tem muita coisa para corrigir. Então, tem que evoluir, tem que crescer. Ganhar do Campinense nos credencia como

um dos candidatos à vaga na Série D. E a gente nunca fugiu do fato de que o nosso objetivo é classificar para a Série D”, comentou Felipe, que avaliou o duelo contra o Confiança, lanterna da competição e único time que não marcou gols.

Devido à demissão de Cézár Wellington da equipe sapeense, o técnico do Nacional não sabe como o Papão deve jogar. “Você não tem muita noção de que tática que o Confiança vai trazer para o jogo. Por mais que seja na nossa casa, por mais que o adversário tenha suas fragilidades, a gente tem que entender que esse jogo é uma incógnita. Entendemos que não vai ser um jogo fácil, como não tem jogo fácil no Paraibano”, avaliou.

O árbitro Wesley Gabriel Souza Vellozo comanda o apito do jogo que ocorre na cidade de Patos. Os assistentes são Rafael Guedes de Lima e José André Silva de Andrade. O quarto árbitro é Carlos Wesley Araújo da Silva.



Foto: Estefinho Francelino/Campinense

Raposa foi surpreendida em casa pelo Nacional e busca vitória em primeiro jogo como visitante

BASQUETE PARALÍMPICO

Equipe prepara-se para temporada

Associação Atlética das Pessoas com Deficiência da Paraíba é a única do estado a praticar o esporte em cadeira de rodas

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Os últimos anos têm sido marcados pelos patamares cada vez mais altos atingidos pela equipe de basquete em cadeiras de rodas da Associação Atlética das Pessoas com Deficiência da Paraíba (AAPD). Com o objetivo de continuar a ascensão em 2026 — que promete ser intenso e repleto de desafios —, o grupo voltou aos treinamentos no início da semana passada.

A AAPD tem uma história de atuação na Paraíba que começou há 21 anos. No âmbito do basquete em cadeiras de rodas, no entanto, esse trabalho intensificou-se em 2020. “Ainda na pandemia, a gente fez um planejamento para fazer a renovação da equipe e a gente começou a colher esses frutos em 2022. Foi quando foi voltando tudo ao normal [depois da pandemia de Covid-19]”, relembra o vice-presidente da AAPD, Joan Lucas, que também é atleta.

O dirigente explica o planejamento traçado para a temporada recém-iniciada. “Somos a única equipe de basquetebol em cadeira de rodas existente no estado, o que sempre nos impôs dificuldades para manter um ritmo constante de jogo. Para competir, precisávamos nos deslocar para outros estados. Aí, decidimos elaborar um planejamento em conjunto com outras equipes do país, com o objetivo de ampliar nossa participação em competições. Neste ano, surgiram diversas oportunidades de torneios, e estamos nos organizando para disputar o maior número possível. A proposta é garantir mais ritmo de jogo aos atletas e realizar uma preparação completa visando a disputa da Primeira Divisão, que vai ser em agosto”, disse.

A rotina do grupo envolve treinos de segunda a sexta-feira, na Vila Olímpica, das 16h às 18h. Além disso, o time conta com uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, fisioterapeuta, educador físico e nutricionista. Para a montagem do elenco deste ano, alguns requisitos foram buscados pela diretoria da AAPD.

“Temos muitos atletas de fora e do interior. Temos atle-



Erick (E) e Siderlan (C) dos Santos são atletas da AAPD, assim como o vice-presidente Joan

tas de Areia, de Santa Luzia, de Baraúna e também de fora do Estado, do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, de Alagoas. Como o time tem uma característica mais veloz, a gente busca mesmo por atleta veloz, que corra, que tenha boa resistência. Então, a gente busca, mais ou menos, esses perfis nos atletas para as competições”, elucida Joan.

Melhorias estruturais

Um dos equipamentos mais importantes para a existência e continuidade do projeto é a casa dos atletas, que, recentemente, foi reformada para promover maior conforto aos integrantes. “Eu costumo dizer que, sem essa casa, não existia a AAPD, porque tem muitos atletas que vêm do interior do estado, como eu, que sou de Baraúna, mas passo a semana aqui para fazer os treinamentos. Sem essa casa, realmente, não teria como. Não seria viável para muitos atletas chegar aqui, pagar aluguel, coisas assim. Aqui, a gente só se preocu-

pa, na verdade, em ir para o ginásio fazer o treinamento da gente. Até porque a alimentação, luz, gás, tudo é por conta da equipe”, comenta o vice-presidente da entidade.

Apoio financeiro

A equipe da AAPD vem de uma louvável ascensão, sendo campeã da Terceira Divisão, ainda em 2022, o que deu a ela a vaga na segunda divisão no ano seguinte. Em 2023, garantiu seu lugar no grupo que reúne a elite do basquetebol, na qual permanece até este momento. Além disso, o conjunto é atual campeão brasileiro sub-23, o que possibilitou a alguns dos atletas a elegibilidade para programas de apoio financeiro em nível estadual, como o Bolsa Esporte, e nacional, como o Bolsa Atleta.

Além dessas iniciativas, alguns outros parceiros têm sido fundamentais para a existência do time, de acordo com Joan. “Se não fossem esses apoiadores para a gente, realmente, a AAPD não fun-



Casa abriga os jogadores, que já ergueram vários troféus

cionaria. A Lotep [Loteria do Estado da Paraíba] tem nos dado uma ajuda fundamental. Ela é uma ‘parceira’ da gente, como a PBGas [Companhia Paraibana de Gás] e o Governo do Estado. Sem eles, sinceramente, a AAPD não estaria de portas abertas hoje. Eles apoiam a gente já faz um bom tempo já e são fundamentais”, comenta.

Comunidade

Erick Gabriel conheceu a modalidade ainda no ensino médio e integra a equipe da AAPD há quase 10

anos. Ele relata a importância de estar inserido em um ambiente com pessoas que compartilham as mesmas vivências, dentro e fora das quadras.

“A convivência é super legal, é muito boa, conviver com pessoas, vamos dizer, da minha bolha. Na época do Ensino Médio, na escola, eu era uma pessoa com deficiência e não tinha toda essa experiência, então, tanto o basquete como a convivência com pessoas com deficiência me ajudaram a entender mais sobre esse es-

tilo de vida”, aponta o atleta.

“Eu gosto demais de viajar. E ainda mais fazendo uma coisa que eu gosto, que é o basquete. É muito legal porque cada ano é uma experiência diferente, você vai conhecendo pessoas novas, ganhando um pouco mais de experiência, então, me faz muito feliz”, complementa ele.

O esportista ainda revela como tem sido a volta aos treinamentos e a relevância disso para a temporada que está apenas começando. “Estamos na fase de treinamento físico, o que é importante para você se manter bem fisicamente durante a temporada. O professor Romero tem feito uma etapa de condicionamento físico durante essa semana e está sendo muito positivo. Eu acho que é importante você começar o ano dessa forma”, destaca Erick.

HANDEBOL

Brasileira concorre ao prêmio de melhor jogadora do mundo

Agência Brasil

A central brasileira Bruna de Paula é uma das três indicadas ao prêmio de melhor jogadora de handebol do mundo de 2025, concedido pela Federação Internacional de Handebol (IHF, sigla em inglês). Nascida em Campestre, no sul de Minas Gerais, a atleta da seleção brasileira, que defende o Győr (Hungria), concorre com as norueguesas Katriene Lund e Henry Reistad, atuais campeãs olímpicas e mundiais.

O público em geral pode participar da votação on-line, a partir de hoje, nos canais oficiais da IHF. Os votos dos torcedores corresponderão a um terço do somatório geral.

Bruna de Paula, de 29 anos, brilhou com a Seleção Brasileira feminina no Mundial, na Alemanha, quando anotou 33 gols em sete partidas, nos meses de novembro e dezembro. Embora a Amarelinha tenha despedido-se nas quartas de final, a central foi escolhida a melhor jogadora do



Bruna de Paula foi destaque do país no Mundial de 2025

país e também foi selecionada para compor a seleção da competição. Em 2023, a mineira já fora protagonista com o Brasil na conquista do heptacampeonato dos Jogos Pan-Americanos de Santiago (Chile).

Ainda criança, a mineira despertou para o handebol em sua cidade natal. Já adolescente, ela integrou a equipe de São José dos Campos (SP). Em 2016, com 19 anos, a brasileira apostou na carreira internacional e foi jogar no Fleury Loiret e logo na primeira tem-

porada foi eleita a melhor jogadora estrangeira. Três anos depois, defendendo o Nantes, ela saiu de quadra como jogadora mais valiosa (Most Valuable Player, ou MVP) ao marcar 68 gols. Em 2021, Bruna de Paula transferiu-se para o clube Metz, em que foi campeã nacional e destacou-se na Ligas Europeia. No ano seguinte, ela mudou-se para a Hungria para atuar pelo Győr, no qual foi bicampeã consecutiva da Liga dos Campeões da Europa (2023/2024 e 2024/2025).

Fotos: Roberto Guedes

FLA-FLU

Clássico carioca agita o domingo

Equipes vêm de vitórias comandadas pelos atletas titulares, que devem seguir em campo na reta final do Estadual

Da Redação

Hoje é dia de Fla-Flu pelo Campeonato Carioca. O clássico será disputado às 18h, no Maracanã, com mando de campo do Tricolor, e reúne dois times que venceram na última rodada após estrearem sua força máxima no Estadual. Enquanto o clube das Laranjeiras sofreu, mas triunfou sobre o Nova Iguaçu por 3 a 2, o Rubro-Negro derrotou o Vasco no primeiro clássico do ano, por 1 a 0. A partida de hoje será transmitida pela TV Globo, pelo Premiere e pela getv.

O Fluminense chega ao clássico com lições aprendidas no último jogo. Por um lado, Kevin Serna mostrou sua importância para o time, ao entrar no segundo tempo e marcar dois gols fundamentais para a virada. O primeiro teste de Ganso e Lucho Acosta no meio do campo também foi aprovado por Maxi Cuberas, que comanda a equipe enquanto Zubeldía está afastado. Por outro lado, embora tenha balançado as redes, Everaldo teve uma atuação irregular, desperdiçando chances que poderiam dar mais tranquilidade no placar — o que reforça a necessidade de contratação de um centroavante. E o zagueiro Juan Pablo Freytes, que já havia ido mal na derrota para o Boavista, foi novamente criticado por cometer a falha que originou o primeiro gol do Nova Iguaçu.

Cuberas reconheceu a necessidade de o time seguir melhorando coletivamente e valorizou a conquista dos três pontos, mesmo com os altos e baixos durante a partida. Quanto ao clássico de hoje, o auxiliar de Zubeldía afirmou que pretende entrar com os melhores que estiverem à disposição. “Não consideramos que há um time titular e reserva. Somos um plantel em formação. Permanecemos uma estrutura, inserimos alguns jovens e reforços. Por isso estamos todos trabalhando juntos para melhorar. Vamos tratar de nos recuperar e colocar o que consideramos que há de melhor para seguir essa preparação. E claro, ganhar o jogo, porque sabemos o quanto significa para nós, para o torcedor, e não temos dúvida de que va-



Carrascal foi o autor do gol do Flamengo na vitória pelo placar mínimo contra o Vasco

mos trabalhar e tentar o resultado”, declarou.

Pelo lado do Flamengo, o triunfo no Clássico dos Milhões serviu para apaziguar os ânimos, já que o time ainda não havia vencido no Carioca e ocupava a lanterna do campeonato — em que pese ter disputado os três primeiros jogos com o elenco sub-20. Por ter adiantado uma partida da quinta rodada, devido à disputa da Supercopa Rei, o Rubro-Negro tem apenas mais dois confrontos na primeira fase, e precisa de vitórias em ambos para não correr o risco de disputar o quadrangular do rebaixamento.

O retorno antecipado dos titulares — entre eles Carrascal, autor do único gol do jogo — contrariou o planejamento do departamento de futebol, mas foi fundamental para a recuperação do time da Gávea, e os jogadores estarão presentes novamente no clássico de hoje. Há nomes, claro, que ainda não retornaram, como Danilo, De la Cruz, Jorginho e Arrascaeta. E, assim como contra o Vasco, atletas sub-20 seguirão à disposição e poderão ser utilizados por Filipe Luís.

O técnico comentou o desempenho da equipe na última partida. “Não me impressiona porque eu já conheço os jogadores, sei da ambição que os jogadores têm de jogar, performar e se divertir dentro do campo. Quando o time tem tempo para treinar, ele desenvolve todas as ideias, ele pega todos os conceitos. Por mais que tenha sido um jogo com um volume de finalização muito grande, existem coisas para melhorar sim, com certeza, mas foi um jogo espetacular. O que eu gostei foi, principalmente, que os jogadores se cuidaram bem e sabem a prioridade que é cuidar do próprio corpo e a qualidade que eles têm”, apontou.

Vasco

Também pelo Carioca, o Vasco entra em campo às 20h30, contra o Boavista, no estádio Bacaxá, em Saquarema. O jogo terá transmissão do SporTV e do Premiere. O Cruzmaltino vai em busca da vitória após ser dominado pelo Flamengo no clássico, com atuações ruins de todos os setores do campo, agravadas pela expulsão do volante Barros.

O técnico Fernando Diniz criticou o desempenho dos jogadores na última partida, com baixa pressão na marcação e pouca imposição no ataque, e afirmou que, para os próximos confrontos, será preciso mudar esse cenário. “A gente tinha tudo para jogar muito melhor, marcar muito melhor. Foi uma coisa de comportamento. A gente tem que ser criticado por isso. A gente não pode ter o comportamento que a gente teve no primeiro tempo. Não é o jeito que eu quero que o Vasco jogue e não é o jeito que o Vasco tem que jogar. É uma coisa que a gente tem que aprender e aprender rápido”, defendeu.

O Vasco está no Grupo A do Carioca, ao lado de Volta Redonda, Fluminense, Bangu, Sampaio Corrêa-RJ e Portuguesa-RJ. Os times que integram o Grupo B são Botafogo, Boavista, Madureira, Nova Iguaçu, Flamengo e Maricá.

Paulista

A tabela de hoje da quinta rodada do Paulistão reserva um confronto entre dois times

que disputam a Série A do Brasileiro, às vésperas da estreia do campeonato nacional, na próxima quarta-feira (28). Às 16h, o Santos recebe o Bragantino na Neo Química Arena, em São Paulo (e não na Vila Belmiro). As equipes empataram na rodada anterior — o Massa Bruta, fora de casa, contra o Mirassol; o Peixe, na Vila, em clássico contra o Corinthians.

Para o Santos, que tem apenas cinco pontos, o objetivo não é apenas superar uma defesa que ainda não tomou gols na temporada, mas afastar a má impressão deixada no último jogo, quando foi dominado pelo adversário na maior parte dos 90 minutos. O destaque positivo ficou por conta de Gabigol, que garantiu o empate reta final. O técnico Juan Pablo Vojvoda elogiou o centroavante, considerado a principal contratação da temporada. “O que peço? Peço que [ele] encaixe rapidamente no comportamento do jogo que precisamos e de gols. Respondeu com gols, e isso é o que precisamos dele. Há outras coisas que compõem o jogo de futebol, que ele vai melhorando. Mas temos um jogador que até o último momento pode dar o gol”, pontuou.

O Corinthians também vai a campo hoje pelo Estadual, às 20h30, contra o Velo Clube, no estádio Benilton, em Rio Claro. O técnico Dorival Júnior avaliou de forma positiva o desempenho de seus atletas no clássico, embora tenha sido frustrado pelo empate, o qual o associou à interferência da arbitragem. “Desses quatro jogos, [o clássico alvinegro] foi o melhor. Seguro, equilibrado, time consciente, respeitando adversário, ganhando a maioria dos duelos, e isso nos proporcionou uma condição positiva dentro da partida. Espero que mantenhamos essa condição. Foi isso que nos levou à luta direta pela Copa do Brasil. Foi essa postura. É fundamental que possamos repeti-la mais vezes”, frisou.

O jogo entre Santos e Bragantino será transmitido pela TNT e pela HBO Max. Já a partida entre Velo Clube e Corinthians terá exibição da Cazé TV, da Record e da HBO Max.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Possíveis protagonistas

O Campeonato Paraibano mal começou e chega hoje aos 30% de sua primeira fase já disputada. O torneio é curto, bem diferente das verdadeiras epopeias que tínhamos nas décadas de 1990 e 1980, com a competição tendo três turnos e, muitas vezes, mais de 40 jogos para cada clube. De modo que é como se tudo fosse bastante intenso nessas 13 datas de competição. Menos a paciência dos dirigentes com fracassos iniciais. Pelo menos um técnico, a essa altura, já foi demitido após duas rodadas. César Wellington amargou derrotas para Sousa e Botafogo-PB e já caiu. Como se tivesse que entregar objetivamente mais do que isso diante dos finalistas do Estadual do ano passado e favoritos ao título deste ano. Vai entender!

Mas hoje é dia de falar de pretensos protagonistas do Campeonato Paraibano 2026. Diante dos primeiros jogos, que, como já falei, já são quase a metade da primeira fase, podemos analisar algumas boas possibilidades de nomes que podem vir a figurar na seleção do campeonato ao fim do torneio. Pretensos e possíveis atletas que vão terminar a competição com algum destaque. Será?

Um deles é o atacante Marcelo Toscano, no Serra Branca, que, no auge dos seus 40 anos, tem entregado nos primeiros jogos do Carcará uma intensidade de jogo admirável. Note que aqui estou falando apenas da questão física. Toscano parece mesmo se cuidar muito. Aos 40 anos, entrega muita vitalidade, velocidade e intensidade, sobretudo no jogo sem bola. Volta para marcar no seu campo de defesa quando precisa, acelera a marcação nos zagueiros para dificultar a saída de bola do time adversário e dá opção ofensiva na profundidade, atacando o espaço, em vários momentos, esperando uma grande bola dos seus companheiros.

Tudo isso sendo o camisa 9 do time, mesmo usando a 10. Toscano é o centroavante do conjunto comandado por Roberto Maschio. Ou seja, o último jogador da linha de frente. Mas, como falei, ajuda muito na marcação e no jogo sem bola da equipe. Se soma a tudo isso o fato de ser o melhor tecnicamente da equipe. Está no time titular, inclusive barrando o artilheiro das últimas edições do Paraibano, Diego Ceará, por isso. Porque é bom tecnicamente e tem muita qualidade na definição. Marcou já um golaço na vitória sobre o Sousa. Olho nele!

Dos clubes que vão disputar, provavelmente, as pretensões da parte de baixo da tabela, o atacante Neto, do Confiança de Sapé, pode surpreender. O jogador foi o melhor da partida do Bicho Papão na derrota magra para o Botafogo-PB pela segunda rodada e incomodou bastante, no lado esquerdo, a defesa botafoguense. Todos sofreram com o jovem atacante, que deu um calor danado ao Belo, talvez mais do que o do próprio sol na partida, que começou às 15h da última quarta-feira. Faltou mais gente para ajudá-lo no duelo.

No Sousa, o meia Diego Viana e o atacante Luiz Henrique podem ser os protagonistas do Dinossauro, que vai em busca do tri. O segundo fez um golaço na estreia contra o Confiança e é o atacante de beirada do lado esquerdo do time. Insinuante, Luiz Henrique é a esperança de criatividade e definição no ataque alviverde. Diego Viana fez um belo gol na derrota para o Serra Branca e é o responsável por organizar o jogo do Sousa, por dentro, no meio-campo. Se conseguir atuar bem, diante do potencial que tem, pode aproximar o clube do título.

O ainda tímido Botafogo-PB mostrou nas primeiras rodadas que Nenê é quem deve mesmo ajudar a melhorar consideravelmente a qualidade da equipe, que vai em busca do título. Ninguém ainda realmente convenceu em campo e o candidato a maior protagonista mesmo vai ser o meia de 44 anos. Por fim, o Treze tem um camisa 10 que pode ajudar muito. Thiago Alagoano, aliás, foi responsável demais pela vitória alvinegra na estreia diante do Serra, enfiando uma grande bola para o gol de Ryan, que abriu o placar, em uma partida em que o Galo pouco ofendia até ali. O time certamente vai depender de suas boas atuações para ser competitivo. Por ora, são esses os melhores candidatos a protagonistas da competição que vi. Agora é com eles. Ou com quem ainda não saltou aos meus olhos.




Atuação de Serna trouxe boas notícias para o Tricolor



89
ANOS

e a gente
comemora
com **MAIS!**

M K T E P C

- 
- + A rádio que mais cresce em audiência*
 - + Mais de 65 mil ouvintes mensais**

*Percentualmente entre as rádios assinantes da pesquisa Kantar/IBOPE Media 2025 – Mercado JPE – 18/08/2025 a 25/08/2025 – Todos os públicos/FM – Todos os dias – 5h à 4h59. **Alcance máximo mensal

IDENTIDADE REGIONAL

Amor pelo Cariri

Criado há duas décadas, IHGC atua na preservação da memória e dos saberes no interior paraibano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Fundado há 20 anos, o Instituto Histórico, Geográfico, Artístico e Literário do Cariri Paraibano (IHGC) vem se consolidando como guardião da identidade regional, atuando na preservação da memória e dos saberes. A instituição foi criada no contexto das discussões do Pacto Novo Cariri, idealizado com o objetivo de identificar e valorizar as potencialidades e promover o desenvolvimento local/regional caririzeiro.

“Nas discussões do pacto, estava o resgate do artesanato, da cultura e também da questão histórica. Formou-se, então, um grupo chamado Kiriri, com representantes ligados à história de cada município do Cariri”, relata o historiador e professor universitário Daniel Duarte, presidente da instituição. “A partir desse grupo, a coisa foi crescendo, então verifiquei a necessidade de criar uma instituição propriamente dita. Comecei a dialogar com várias pessoas e depois de três anos a gente conseguiu formar um núcleo de 105 sócios fundadores”, frisa o gestor.

Duarte relembra que a data oficial da fundação, 8 de dezembro de 2005, foi pensada para marcar as comemorações do centenário do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP), com a criação do instituto regional que abarca os 45 municípios do chamado Cariri Velho. O território histórico correspondia a mais de 30% do território do estado, e compreendia desde Monteiro, Teixeira e Patos, até as proximidades de Campina Grande e Umbuzeiro. Na configuração atual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região abrange somente 29 cidades.

“O nosso instituto tem a função de resgatar e divulgar os fatos

históricos e, dentro do possível, fazer algumas correções dessa história que vem da oralidade e é preciso se debruçar em acervo de cartórios e publicações. Uma dessas correções que venho trabalhando, e que integra a minha tese para professor titular, é a de que provavelmente os holandeses antecederam os portugueses na entrada dessa região”, explica Daniel Duarte.

O historiador pontua a riqueza geográfica e histórica regional, desde as grandes formações como o Lajedo do Pai Mateus e a Serra do Jabitacá, onde nasce o Rio Paraíba, até os sítios arqueológicos, com pinturas rupestres, cemitérios indígenas e sítios paleontológicos onde se encontram material fossilizado, como nas minas de bentonita na região de Boa Vista. No campo político, Duarte destaca personalidades como o presidente da República Epitácio Pessoa, o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, e o presidente da província, João

Foto: Reprodução/Facebook



Obra da artista plástica Eunice Braz, natural de Sumé, no Cariri

Pessoa, todos naturais de Umbuzeiro, e no campo artístico lista nomes como Miguel Guilherme e Eunice Braz, nas artes plásticas, Zé Marcolino e Flávio José, na música, além de Fuba de



Foto: Evandro Pereira

Famoso Lajedo do Pai Mateus, no município de Cabaceiras, é uma das riquezas geográfica e histórica regional

Taperoá, Biliu de Campinas, que tinha raízes no Cariri, Zabé da Loca, que se radicou na região, e o paraibano Ariano Suassuna, que além da ascendência genealógica, retratou cidades como Taperoá em suas obras.

“São muitas contribuições que nós temos e que estavam esquecidas, enterradas, como que ‘mofadas’, e que o instituto, aos poucos, tem feito com que essas particularidades geográficas e históricas possam ser conhecidas, não só pelos seus sócios efetivos e honorários, como também pela população de um modo geral”, argumenta Duarte.

Testemunha da história

O IHGC tem como sede o prédio do Solar dos Árabes, casario em estilo mourisco de destacada beleza, localizado no Centro Histórico da cidade de São João do Cariri. O espaço, cedido nos primeiros anos de criação pela gestão municipal ao instituto, abriga uma biblioteca e uma pinacoteca, onde estão expostas pinturas e fotografias de paisagens da região, que recebe visitas de moradores, turistas e es-

Foto: Arquivo A União



Umbuzeiro traz personalidades como Assis Chateaubriand

tudantes de escolas públicas dos municípios vizinhos.

O edifício constitui uma verdadeira testemunha da história local, pois consta que ali funcionou, no início do século 19, a Casa de Câmara e cadeia. Somente a partir de 1915 recebeu o aspecto atual, dado pelo sírio-libanês José Salomão Raia, que dá nome à biblioteca. No frontão da fachada principal é possível identificar, por exemplo, uma inscrição em árabe, enquanto na lateral estão representadas as bandeiras do Brasil e da Turquia.

Ao longo dessas duas décadas, o IHGC vem fortalecendo a pesquisa, o registro e a valorização das narrativas que constroem a identidade do Cariri paraibano, reunindo acervos, promovendo debates e estimulando o diálogo entre gerações. O presidente da instituição recorda uma outra ação importante, que foi a criação do Museu Balduino Lélis, situado no prédio do antigo Mercado Público Municipal de São João do Cariri, e que homenageia um dos grandes fundadores de museus e arqueólogos, que também era membro da entidade.

Para marcar as comemorações pelos 20 anos, foram promovidas, em dezembro último, atividades como cortejo cultural, palestra e lançamento de livros, entrega de títulos de sócios honorários e uma feirinha de livros, artesanato e antiguidades. O instituto continua a celebrar a data com outras atividades, sempre em busca de ampliar o acesso ao conhecimento histórico, incentivando a participação da comunidade e contribuindo para que a história permaneça ativa e respeitada.

Foto: Taysom Maychael/Divulgação



IHGC tem como sede o prédio do Solar dos Árabes, casario em estilo mourisco, localizado no Centro Histórico de São João do Cariri



À frente da Banda de Música da PMPB, Quincas compôs diversas músicas, com destaques para dobrados, além de demonstrar versatilidade regendo a Jazz Band (parte da Orquestra de Salão da Rádio Tabajara) e de ter participado da criação da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB)

Angélica Lúcio

Jornalistas precisam de segurança e saúde mental para ajudar a registrar a história

A caba de ser lançado o e-book *Os Mundos do Jornalismo: segurança, autonomia profissional e resiliência entre jornalistas na América Latina*, publicado pelo Centro Knight. A obra baseou-se em dados de mais de quatro mil jornalistas em 11 países, tornando-se um dos estudos mais completos já publicados sobre a situação do jornalismo na América Latina. O resultado? O retrato de um continente onde informar tornou-se um ato de risco e cada vez mais precário.

Com versões em inglês, espanhol e português, o livro é uma publicação do Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, da Universidade do Texas, em Austin, em colaboração com a Escola de Comunicação e o Departamento de Jornalismo e Gestão de Mídia da Universidade de Miami e o Centro para Mudança Global e Mídia da Universidade do Texas, em Austin. A publicação traz dados de Brasil, México, El Salvador, Costa Rica, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina.

Para a produção do capítulo sobre o Brasil, intitulado ‘Jornalismo brasileiro: desafios de insegurança, autocensura e disparidades de gênero’, foram analisadas 602 respostas ao questionário. A amostra tomou como base o universo de 43.273 profissionais que atuam em redações no país. Foram considerados jornalistas contratados sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

No recorte brasileiro, o que sobressai é a profundidade do desgaste emocional.

O estudo aponta que mais de 70% dos jornalistas na região estão preocupados com a saúde mental, mas o Brasil, junto com Peru e El Salvador, lidera esse *ranking* de exaustão.

Outro dado alarmante no Brasil revela que 55% dos jornalistas recorreram à autocensura, nos cinco anos anteriores ao estudo, como estratégia de proteção contra a violência. Segundo os autores da pesquisa, a prevalência dessa prática e as barreiras ao exercício livre da profissão refletem um “cenário de medo que afeta diretamente o desempenho profissional e, consequentemente, a qualidade e a diversidade da cobertura”.

Entre os diversos achados do estudo sobre jornalistas na América Latina, quatro pontos destacados no prefácio assinado por Rosental Calmon Alves, fundador e diretor do Centro Knight, chamaram a minha atenção:

1) Precariedade trabalhista generalizada: com quase 50% dos profissionais sem contra-



Com dados de mais de 4 mil profissionais em 11 países, estudo é um dos mais completos sobre a situação do jornalismo na AL

tos em tempo integral, frequentemente ciliando múltiplos empregos e plataformas para garantir seu sustento;

2) Maus-tratos frequentes: mais da metade dos jornalistas relatam ter sofrido dis-

ursos depreciativos ou de ódio; e quase um terço relata vigilância ou assédio no trabalho, especialmente no Brasil;

3) Autocensura e apoio entre colegas: metade dos jornalistas pratica autocensura para se proteger; e 79% contam com o apoio de colegas. Poucos recorrem às instituições governamentais;

4) Jornalistas resilientes e guiados por valores: apesar das crescentes ameaças e da instabilidade financeira, os jornalistas latino-americanos permanecem comprometidos com os papéis democráticos e de serviço público.

Este último tópico representa uma centelha de esperança. A resiliência guiada por valores indica que o jornalista latino-americano não desistiu: a vasta maioria ainda acredita no papel de fiscalizar o poder e defender grupos marginalizados. Os jornalistas são fortes, mas não são heróis. Tal personagem deve ser restrito às histórias em quadrinhos, à literatura e ao cinema.

A profissão, reconhecidamente de risco, exige profissionais comprometidos e resilientes. No entanto, é necessário muito mais do que compromisso para suportar as pressões do setor. É imprescindível que haja apoio ao jornalismo independente. Seja no Brasil, seja em qualquer outro país abordado no estudo, os profissionais precisam de segurança e saúde mental para contar histórias e, assim, contribuir para o registro da história da América Latina.

Chegando à então cidade da Parahyba, o garoto de físico franzino foi reprovado nos exames para ingressar na PM, mas como o comandante-geral, coronel Elisio Sobreira, já o havia escutado, atendeu às recomendações do maestro e assumiu os riscos de aceitá-lo na corporação, designando-o, inicialmente, como arquivista. A convivência com os músicos profissionais da banda da instituição foi decisiva para que Joaquim aprimorasse seus conhecimentos em diferentes instrumentos musicais. Bastariam apenas quatro anos para que o caixarense estivesse regendo, pela primeira vez, uma das bandas militares mais antigas do país, posto no qual se efetivou pouco tempo depois, assim que se submeteu às provas de sargento músico.

À frente da Banda de Música da PMPB, o jovem maestro compôs diversas músicas, com destaques para dobrados, gênero musical brasileiro derivado das marchas militares europeias e caracterizado por um ritmo marcial e forte. É da autoria de Joaquim Pereira “Os Flagelados”, considerado um dos mais belos dobrados, executado tanto nos quartéis brasileiros como em outros países. Inspirada nos retirantes da seca de 1930 que pediam esmolas nas ruas da capital paraibana, a composição expressa o grito de dor e revolta do compositor diante da miséria que presenciava, diariamente, enquanto se dirigia para o quartel.

O musicólogo Domingos de Azevedo (1921-2009) classificava o método de composição de Joaquim como uma “aprendizagem espontânea”, que revelava a grandeza do músico que era. “Os temas de suas composições são sempre delicados, calcados na expressão e no encanto do sentimento da terra e nos costumes da nossa gente. Ele organiza a sua própria maneira de compor. Joaquim extrai de si mesmo o que compõe”, escreveu.

Transitando entre o marcial e o popular, demonstrou versatilidade musical, ainda, como maestro da Jazz Band, parte da Orquestra de Salão da Rádio Tabajara, além de participar de concursos de marchas carnavalescas. Num deles, promovido pela Tabajara, em 1938, saiu vencedor com a composição “Arrastando a Onda”. Apesar das acusações de plágio de composição do pernambucano Capiba, este interveio em favor do paraibano, assegurando-lhe a premiação.

Em 1945, o músico fez parte, com os jovens da Sociedade de Cultura Musical, da criação da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). Atuou como violinista até assumir, anos depois, a função de segundo-regente, ao lado de Severino Gomes. No primeiro concerto da orquestra, Joaquim Pereira foi o único compositor brasileiro a figurar no repertório de estreia, com a execução da peça “Quarteto em Ré Maior ou Prece Sonora”, como ficou conhecida a composição por sugestão do jornalista Carlos Romero.

“Nunca mais me esqueci, quando, certa manhã, acordei ouvindo a Banda de Música do 15 R.I. executando o famoso dobrado “Os Flagelados”, sob a batuta do Joaquim Pereira. (...) Fazia gosto vê-lo nos desfiles militares, sempre muito elegante, o ar sereno e risonho”, expressou-se Romero, lembrando que, por essa época, o militar já integrava as fileiras do Exército Brasileiro, atuando também como regente.

Promovido ao posto de 2º tenente, Joaquim Pereira foi designado para a missão de reerguer a banda de música da Academia Militar de Agulhas Negras (Aman), na cidade de Resende (RJ). A banda atravessava um momento de baixa com somente metade dos membros necessários, e a boa reputação do novo regente atraíram músicos militares de outras regiões do país, permitindo tanto a sua reconstituição como a criação de um coral. Ao longo da permanência no solo fluminense, o maestro teve oportunidade de conduzir, por duas vezes, durante comemorações da Independência do Brasil, a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB).

A estadia do paraibano no sudeste do país foi curta: pouco mais de três anos. Em 1954, em pleno auge da carreira, Joaquim Pereira solicitou a sua reforma como capitão, ainda que a contragosto

dos colegas e superiores, retornando com a família para João Pessoa e ingressando na OSPB. Seu maior empenho esteve em aproximar a sinfônica do povo, promovendo muitos concertos populares, inclusive para praças públicas.

Joaquim Pereira afastou-se de vez das atividades musicais quando completou 50 anos de idade, vendendo instrumentos e abandonando definitivamente a carreira. Considerado um dos maiores compositores de dobrados do Brasil, o maestro paraibano foi convidado a lecionar música quando da criação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas declinou do convite, alegando que outros jovens poderiam contribuir mais do que ele.

Ao longo de sua vida produziu mais de 200 músicas, entre dobrados, valsas, frevos, hinos, sinfonia e outros gêneros, com relatos de que algumas foram executadas

até no exterior. “O esbanjamento de emoções encontradas nas suas músicas reflete o retrato sonoro do seu temperamento ardente e sonhador. De gestos simples e maneira cortês, dedicado com todos que o cercam, de sorriso franco, busca na música os belos efeitos sonoros desenvolvendo temas singelos e sedutores”, definiu Domingos de Azevedo.

Viúvo da primeira esposa, Maria das Dores Pessoa, com quem teve três filhas, ele casou-se com Zilda Soares de Mendonça, jovem caixarense, de cuja união nasceram nove filhos. Nos anos 1970, passou por momentos difíceis com a morte de dois deles e a amputação do seu dedo indicador direito. Mesmo afastado das apresentações, não deixou de receber homenagens, a exemplo do título de Cidadão Pessoaense, da Câmara Municipal de João Pessoa, e do tradicional “Parabéns para você” no dia de seu aniversário, executado anualmente pela Banda de Música do 15º R.I. para acordá-lo, logo cedo.

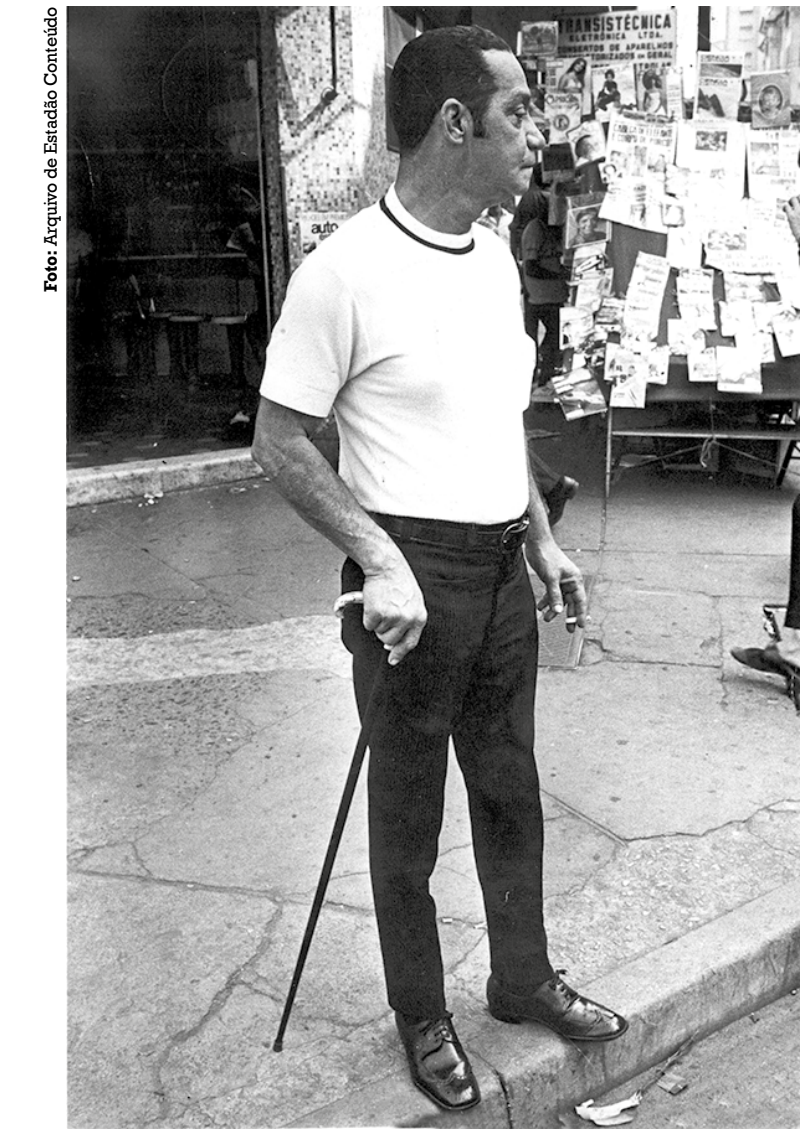
O maestro Joaquim Pereira de Oliveira faleceu em 28 de abril de 1993. Em reconhecimento ao seu legado, seu nome foi colocado em espaços militares, como o pavilhão de música do 15º R.I. em João Pessoa, e o salão de música da Aman, em Resende (RJ), assim como a uma rua do bairro Mangabeira, na capital da Paraíba, e uma rodovia que interliga as cidades paraibanas de Belém, Caicara — sua terra natal — e Logradouro.

Tocando em Frente

Uma pausa para o Carnaval

Por esses dias que precedem a folia momesca ou — como queiram — de entrudo carnavalesco, de repente me deu vontade de ouvir o “grito de guerra” de um passado recente e me vi, por alguns momentos, nos salões do clube Ástrea, participando dos famosos e saudosos bailes de Carnaval, entoando com a multidão, como se fizesse parte de uma galera futebolística, o frevo do pernambucano (quase paraibano) Genival Macedo (1921–2008): “Queiram ou não queiram / nós temos o melhor / e a nossa canção / sabemos de cor... / A–S–T–R–E–A...”. Aliás, e a este propósito, dois fatos a lembrar: é dele o “hino extraoficial” da Paraíba “Meu sublime torrão”, como dele é o mérito de ser considerado o precursor dos trios elétricos (Dodô e Osmar), com a criação do seu Palácio do Frevo, caminharinete que, já em 1941, desfilava pelas ruas da capital paraibana, conclamando o povo para pular e dançar com uma engenhoca amplificada colocada no veículo.

Por associação, veio-me à lembrança outro *hit* carnavalesco, de 1967, a marcha “Máscara Negra”, do carioca Zé Keti (1921–1999): “Tanto riso / ó, quanta alegria! / Mais de mil palhaços no salão / Arlequim está chorando / pelo amor da Colombina / no meio da multidão / [...] Eu sou aquele Pierrot / que te abraçou / que te beijou, meu amor...”. Creio que, de propósito, o letrista (Pereira Matos), coloca o choro no personagem Arlequim, quando, ao meu ver, quem chorou mais foi Pierrot, o sofrido apaixonado, desde os primeiros momentos da história... ou seria mesmo o conquistador Arlequim quem deveria chorar?... Senão, vejamos: nos originais atribuídos a Ângelo Beolco (1502–1942), os personagens foram criados como uma alegoria fantasiosa para o Carnaval de Veneza (século 16), e os personagens espalharam-se pela Europa. No enredo, com críticas sociais e com certo caráter grotesco (humorístico), Colombina é a jovem bela que desperta o amor de Pierrot (simples empregado, honesto e tímido) por ela. Escreveu várias



Para o Carnaval de 1939, Orlando Silva (1915–1978) gravou o sucesso “A jardineira”

cartas declarando seu amor, mas nunca as entregou à destinatária. Então, sofreu calado, quando viu a Colombina partir com o sedutor e namorado Arlequim. A união dos dois parte o coração de Pierrot. Quando a dupla começa a viver “momentos difíceis”, Colombina entra contra uma das cartas de Pierrot, descobrindo o amor dele por ela. Colombina deixa então Arlequim e fica com Pierrot. Mesmo vivendo juntos, a volúvel Colombina ainda almeja se encontrar com Arlequim em outros Carnavais... Esses eventos, retratados na Commedia

dell’Arte, é que ensinaram a criação e uso das chamadas máscaras carnavalescas que se estenderam por outros bailes da Europa. Tudo isso fantasias, como, aliás, era a predominância em outros carnavais.

Mas a festa continua e outras músicas, outros criadores e intérpretes, parecem perpetuar-se quando o tema é Carnaval.

Como *hors-concours*, solidificou-se “Vassourinhas” (com o nome original de “Marcha nº 1 do Clube Vassourinhas”), frevo criado, em 1909, pela mulher negra e doméstica,

moradora de um mocambo localizado no bairro de Beberibe, no Recife (PE), Joana Batista Ramos (1878–1952), que recebeu a colaboração rítmica e musical do amigo, violonista Matias da Rocha, fundador do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas, fundado em 1889, portanto, um ano após a abolição da escravidão. A título de curiosidade, a primeira gravação comercial do frevo foi feita em 1945 e, em 1950, o nosso Severino Araújo a regravou já com uma vestimenta instrumental mais sofisticada, com o nome de “Frevo das Vassourinhas”.

Um passeio mais demorado pelos carnavais de outrora nos permite citar alguns *hits*, com seus compositores e/ou intérpretes.

Em “A jardineira”, o sucesso gravado por Orlando Silva (1915–1978) para o Carnaval de 1939 sobrepujou o interesse pelos criadores da marchinha carnavalesca. Embora os créditos tenham sido registrados para Humberto Porto e Benedito Lacerda, atribui-se o original ao pernambucano Hilário Jovino Ferreira (1873–1933) que a teria usado no Carnaval de 1899, tornando a música uma marcha carnavalesca para os antigos ranchos “A Jardineira”, de 1899; “Flor da Jardineira”, de 1901, e “Filhas da Jardineira”, de 1906. O próprio Humberto Porto (1908–1943) teria afirmado ter ouvido o refrão da música na Bahia, por volta de 1937, transformando-a numa marcha para o seu bloco “Rancho da Jardineira”. Por outro lado, já havia, bem anteriormente, na Ilha da Madeira, em Portugal, grupos folclóricos que cultivavam o estilo, tanto no que se refere ao tema, como à própria sonoridade. O fato é que, ainda hoje, a marcha tornou-se, aonde quer que se vá, uma característica dos festejos carnavalescos, seja em clubes como em ruas, tornando-se um extracurricular e perene sucesso do nosso Carnaval.

Por aqui, como dito antes, a marcha foi gravada e lançada em 1938 para o Carnaval de 1939, em gravação de Orlando Silva, que também a interpretou em cena do filme *Banana da Terra* (Cinédia).

TECNOLOGIA

Grok é usado para a criação de *deepfakes*

Governo e MPF recomendam que X impeça conteúdos indevidos por meio da IA

Flávia Said
Agência Estado

A Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD) e a Secretaria Nacional do Consumidor (Senacom), representando o governo brasileiro, e o Ministério Público Federal (MPF) apresentaram uma recomendação conjunta ao X (antigo Twitter), diante de denúncias sobre o uso do Grok. O assistente de inteligência artificial (IA) da rede tem sido utilizado por usuários para produzir conteúdos sintéticos de caráter sexualizado, a partir de imagens de pessoas reais sem o consentimento delas.

A imprensa nacional e internacional têm reportado o uso da ferramenta para a criação dos chamados *deepfakes*, imagens falsas a partir de pessoas reais, com caráter sexualizado, erótico e com conotação pornográfica, envolvendo mulheres, crianças e adolescentes reais.

“Dada a seriedade das ocorrências, elas podem impactar, de forma concomitante, a proteção de dados pessoais, as relações de consumo, a dignidade da pessoa humana e outros direitos difusos, coletivos e individuais indisponíveis, em especial de mulheres, crianças e adolescentes”, escreveram as instituições.

O MPF, a ANPD e a Senacon deram até a próxima terça-feira (27) para a empresa informar a adoção de medidas técnicas, admi-

nistrativas e de governança de dados para impedir que a ferramenta de inteligência artificial Grok produza conteúdos que representem crianças e adolescentes em contextos sexualizados ou erotizados, ou de maiores de idade sem sua autorização. Isso vale para a manipulação de fotografias, imagens reais, vídeos ou arquivos de voz.

Caso a recomendação não seja acatada dentro desse prazo, as instituições informam que poderão adotar as providências cabíveis, nas esferas administrativa e judicial, inclusive aquelas previstas no Marco Civil da Internet, no Código de Defesa do Consumidor e na Lei Geral de Proteção de Dados.

Outras recomendações

Também foi recomendada a suspensão imediata de contas envolvidas nesse tipo de produção, via Grok. ANPD, Senacom e MPF defenderam que essa suspensão seja feita continuamente e determinaram sua comprovação por meio de relatórios mensais apresentados pela empresa, “como evidência de cumprimento de seu dever de evitar a prática de condutas especialmente graves no ambiente digital que controla”.

Além disso, as instituições também recomendaram à empresa:

- criar, no prazo máximo de 30 dias, procedimentos técnicos e operacionais claros e eficazes para iden-

Denúncia

Utilizando a ferramenta do X, usuários estão produzindo material sintético de caráter sexualizado, a partir de imagens de pessoas reais sem o devido consentimento

tificar, revisar e remover conteúdo desse tipo que já tenham sido produzidos e ainda estejam disponíveis na plataforma X, quando gerados pelo Grok, a partir de comandos feitos por usuários;

- implementar mecanismo transparente, acessível e eficaz para que titulares de dados possam

exercer seus direitos, incluindo o envio de denúncias sobre uso irregular, abusivo ou ilegal de dados pessoais, especialmente nos casos de criação de conteúdos sintéticos sexualizados ou erotizados sem consentimento, assegurando resposta adequada e em prazo razoável;

■ elaborar relatório de impacto à proteção de dados pessoais específico para as atividades de geração de conteúdo sintético, a partir da manipulação de fotos, imagens, vídeos ou áudios enviados por usuários ao Grok, sempre que esses dados permitam identificar direta ou indiretamente uma pessoa natural;

■ aplicar, com urgência e efetividade, a política relacionada à nudez não consensual e a política contra a exploração sexual de menores anunciadas como atualmente vigentes perante os usuários do X.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Esbarra (2) = para + pessoa viciada em, droga (2) = noia. Solução: profundo delírio (4) = paranoia.

Charada de hoje: Elimine (2), mas não ache graça (2) com assunto (4) tão delicado.



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Jeane Bezerra/Jornalismo Digital

Dicas práticas para começar a ler mais

Em um mundo cada vez mais barulhento, o simples ato de sentar para ler um livro tornou-se um desafio para muita gente. Para quem tem transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), esse cenário é ainda mais complexo. No Janeiro Branco, mês dedicado à conscientização sobre saúde mental, o tema ganha destaque e chama atenção para estratégias que podem ajudar na criação de novos hábitos de leitura. De acordo com a escritora, mediadora de leitura e curadora literária Thaís Campolina (foto acima), a dificuldade atual em manter o foco para a leitura é um fenômeno coletivo. Por isso, a seguir, ela elenca algumas estratégias que podem ajudar tanto pessoas com TDAH quanto o público em geral a desenvolver o hábito da leitura.

Escolha livros que deem prazer

O primeiro passo é fugir de leituras funcionais e buscar histórias que despertem interesse real. “Se divertir lendo é o primeiro passo para começar a ler mais”, afirma Thaís Campolina.

Teste diferentes gêneros e formatos

Do romance à poesia contemporânea, das crônicas aos quadrinhos, a variedade de gêneros pode ajudar a encontrar o que mais se encaixa no seu perfil de leitor.

Encontre o horário ideal para ler

“Ter o hábito de leitura não significa ler todo dia, mas ler com frequência”, lembra a autora. Vale testar momentos como antes de dormir, no horário de almoço ou durante o trajeto no transporte público.

Diminua as distrações

Thaís Campolina recomenda estratégias como deixar o celular em outro cômodo no modo avião, usar fones de ouvido com ruído branco ou até apostar nos *audiobooks*. “Se você gosta de *podcasts*, escolha um livro que tenha esse formato e faça o teste”, sugere.

Redes sociais e clubes de leitura

Seguir perfis literários pode estimular o interesse por livros. “Leitores estimulam outros leitores a ler e a trocar sobre literatura”. Participar de clubes de leitura (presenciais ou *on-line*) também pode ser um grande incentivo. “As trocas que esses grupos promovem a partir do livro da vez podem ser interessantíssimas, e esses espaços são ótimos para se fazer amizades, pensar junto sobre o mundo e experimentar gêneros e estilos literários”.

Leitura é um momento de desconexão

Para quem sente que está sempre imerso nas telas, começar por atividades como livros de colorir ou palavras-cruzadas pode ser uma boa porta de entrada antes de avançar para a literatura.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – placa; 2 – bolsos; 3 – bigode; 4 – chapéu; 5 – porta do cachorro; 6 – pegadas na calçada; 7 – rachadura; 8 – buraco; 9 – costeletas.

Uma eterna busca pela satisfação?

Anseio humano, estado com multiplicidade de sentidos e formas foi introduzido até como disciplina em cursos de graduação, especialmente na área da saúde

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Ser feliz! Eis um desejo de todo ser humano. Essa, no entanto, talvez seja a única unanimidade em torno da felicidade. São múltiplos os caminhos que se percorreu ao longo da história, e também hoje, em busca de ser feliz. Um dos mais almejados, ainda que se diga o contrário, tem sido o dinheiro. Basta lembrar as recentes 112 milhões de apostas na Mega da Virada e a mobilização de parte do país em torno do sonho de ser feliz como bilionário.

Para muitos, a felicidade é ter sua casa própria; para outros, é viajar por lugares desconhecidos, conhecer o mundo e aproveitar a vida. Na lista dos imaginários de felicidade, também estão o su-

cesso, o reconhecimento, o ócio, a justiça, o amor e a amizade. Na filosofia, o epicurismo colocava a felicidade nos prazeres, alcançada por uma vida simples, capaz de satisfazer os desejos naturais. Santo Agostinho, por sua vez, afirmava que o encontro com Deus é a própria felicidade, apontando como esse anseio humano se vincula a uma dimensão que o transcende.

A multiplicidade de sentidos revela um processo de apropriação da palavra latina derivada de formas como “*felix*” e “*felicitas*”, associadas originalmente a significados de fértil, frutífero e próspero. No grego, a palavra era “*eudaimonia*”, associada a uma vida em plenitude, alcançada pela coerência entre quem se é e o que se faz. Na modernidade, a felicidade tem sido traduzida como bem-estar e ganhado o *status* de ciência a ponto de ser introduzida como disciplina em cursos de graduação, especialmente na área da saúde.

A emergência de um debate em torno dessa temática pode ser vista no modo como essa busca tem sido apropriada pelo mercado para estimular o consumo de bens e serviços, considerados sinônimos de felicidade. No ambiente digital, especialmente nas plataformas de redes sociais, o imperativo de se mostrar feliz caminha com uma avalanche de *coaches* da felicidade, que prometem alcançá-la: basta adquirir seus cursos ou mentorias.

A preocupação com essa dimensão tem sido alvo também de ações de governança. O caso do Butão, país na Ásia Meridional, é o mais conhecido deles por ter proposto o índice de felicidade interna bruta (FIB), em alternativa ao produto interno bruto (PIB). Em vez de medir somente a riqueza mate-

rial, o indicador toma os níveis de bem-estar, cultura, preservação ambiental e práticas de boa governança como base para o desenvolvimento socioeconômico.

Em âmbito global, a Organização das Nações Unidas (ONU) lança, anualmente, a cada 20 de março, o Dia Internacional da Felicidade, um relatório mundial que mede os níveis de felicidade da população de diferentes países. Na pesquisa de 2025, o Brasil avançou oito posições em relação ao *ranking* anterior, figurando em 36º lugar, à frente de países como Espanha, Itália e Japão. Os resultados revelam que a felicidade está ligada ao bem-estar das populações e ao atendimento das necessidades básicas, como segurança, educação e saúde.

Trata-se de um tema público e, ao mesmo tempo, privado. Em qualquer roda de conversa sobre o assunto, em família, com amigos ou colegas de trabalho, certamente serão mobilizadas muitas opiniões. Se felicidade é item de primeira necessidade, que estratégias podem ser traçadas para atingi-la? Se os significados que lhe são atribuídos são múltiplos, o que é essencial para que seu sentido não se perca? Se parece consenso que somente bens materiais não trazem felicidade, que outras dimensões precisam ser consideradas para ser feliz? Essas são apenas algumas das questões-convite para o *Pensar*.

ONU lança, anualmente, um relatório mundial que mede os níveis de felicidade da população de diferentes países; na pesquisa de 2025, o Brasil avançou oito posições em relação ao ranking anterior, figurando em 36º lugar, à frente de países como Espanha, Itália e Japão

Ilustração: Bruno Chichosi

FORMAÇÃO

Ciências pautadas pelo feliciologista

Pesquisas mostram como é forte o poder do olhar positivo, do pensar positivo e da modulação cerebral

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A biomédica Milena Saavedra deixou o serviço público em Ri-beirão Preto, interior de São Pau-lo, onde atuou por mais de 25 anos, para acompanhar o esposo que se transferia para a capital da Paraíba. Mudou de cidade e de vida com uma condição: virar madame. O combinado foi que o marido lhe desse a mesma condição financeira que ela possuía quando trabalhava, sem que precisasse se ocupar de mais nada. Esse era o seu ideal de felicidade. Depois de 15 dias, as coisas mudaram.

“Eu comecei a pirar. Falei para mim mesma que precisava fazer alguma coisa e saí atrás de emprego. A gente pensa que ser feliz é não fa-zer mais nada e ter o salário na conta. E aí eu aprendi, na prática, através do sofrimento, que não é assim”, confessa Milena. Foi assim que reto-mou a carreira acadêmica, passou a lecionar em cursos de Medicina e a estudar o funcionamento do cérebro quando se está feliz ou angustiado. Nessa jornada, descobriu a existência de uma ciência da felicidade, especializando-se na área pela Uni-versidade de Yale, EUA.

Milena afirma que conhecer a ciência da felicidade foi um divi-sor de águas na sua vida. No cam-po profissional, atua como felici-ologista, como se autodenomina, proferindo palestras e ministran-do disciplinas como Felicidade e Qualidade de Vida e Espiritualida-de e Felicidade no Contexto da Saú-de, assim como em consultorias para empresas e organizações. Ela desenvolve, ainda, projetos de ex-tensão que trabalham a felicidade compartilhada, gerencia um bre-chó de moda circular e administra um perfil no Instagram chamado Ponto de Felicidade (@_pontodefe-licidade), onde apresenta reflexões sobre a temática.

“A ciência da felicidade é pau-tada pela psicologia positiva, pela ciência das emoções e pela neu-rocência. A psicologia positiva é um movimento dentro da psicolo-gia que resolveu fazer diferente e,

para além das patologias, que são muito importantes de serem estu-dadas, buscou entender também o que o ser humano precisa para ser feliz. Muitas pesquisas vêm mos-trando como é forte o poder do olhar positivo, do pensar positivo e da modulação cerebral”, explica a especialista.

Nas aulas, ela ensina os estu-dantes a tomar uma “dose” de felici-dade, acrônimo que utiliza para se referir aos hormônios e neuro-transmissores responsáveis por promover sensações de bem-es-tar e prazer: dopamina, ocitocina, serotonina e endorfina. A modu-lação cerebral consiste, então, em exercitar a produção e a liberação dessas substâncias no cérebro por meio de bons hábitos, como prá-tica de atividades físicas, boa ali-mentação e interações sociais e afetivas.

O cérebro tem neuroplastici-dade, ou seja, ele consegue se mo-dificar o tempo todo, mas quem dá os estímulos para isso somos nós. E ele não foi feito para nos fazer feliz, muito pelo contrário. Nosso cérebro foi programado para nos manter em modo de so-brevida. Então eu preciso en-ender que tenho que fazer algum movimento para ser feliz, porque senão meu cérebro me sabotar, me colocando na zona de conforto. E a felicidade não está na zona de conforto. Felicidade é movimen-to. Você tem que fazer algo. Aris-tóteles já dizia que a felicidade não está acessível para aqueles que passam a vida adormecidos”, fri-sa a biomédica.

Seria possível, então, uma de-finição para a felicidade? Milena destaca que existe uma dimen-são subjetiva inerente ao conceito e que precisa ser considerada. Isso faz com que uma grande quan-tidade de pesquisadores proponha diferentes definições. A mais acei-ta delas, segundo a especialista, é de uma pesquisadora da Univer-sidade da Califórnia, nos EUA, chamada Sonja Lyubomirsky, que diz que felicidade é experiência de bem-estar e contentamento com-binada com a sensação de que a

vida é boa e vale a pena. A felici-ologista faz questão de pontuar que as experiências de bem-estar e contentamento precisam estar carregadas de sentido e propósito.

“Aquele reunião semanal de domingo com a família, por exem-plo, que se repete com frequência, com um churrasquinho e brin-cadeiras, é muito bom, mas, se a pessoa não se apropriar do quan-to é grande ter uma família para se reunir, se não houver um sen-so de pertencimento e se dar conta do privilégio que é aquele encon-trar, ela será só mais um encontro. Então felicidade seria a busca dos momentos bons, mas, sobretudo, a busca do significado”, completa.

A ciência da felicidade não se ocupa somente em defini-la, mas principalmente em traçar estraté-gias para alcançá-la. A professora afirma que tudo começa pelo auto-conhecimento, processo que muitas pessoas têm medo de enfrentar ou consideram perda de tempo. Ou-tro ponto fundamental que Mile-na faz questão de recordar, mesmo que pareça clichê, é que ninguém é feliz sozinho, ou seja, felicidade en-volve uma dimensão coletiva. Nas palestras, assim como nas discipli-nas que ministra, ela faz questão de propor exercícios que ajudem a internalizar essa máxima. Na vida pessoal, ela tem buscado isso tam-bém, com o brechó Cabide Atem-poral, empreendimento de moda circular que gerencia e do qual se orgulha pela possibilidade de fa-zer outras pessoas felizes quando compram uma peça de roupa em bom estado e por um preço acessí-vel, além de contribuir para a sus-tentabilidade do planeta, comba-tendo o consumismo em torno de uma das indústrias consideradas mais poluentes do mundo.

“Felicidade é sobre doar o que há de melhor na gente para o ou-tro. Isso nos faz muito mais feli-zes. Aquele que quer tudo só para si sente uma satisfação momen-tânea, que passa. As pessoas se sentem melhor fazendo algo pelo outro. Isso garante felicidade du-radoura. Pesquisas demonstraram que esse processo envolve a ativa-

ção de neurotransmissores na área pré-frontal, que estão relacionados à empatia. Hoje, o maior tesouro que a gente tem é o tempo. Doar o seu tempo para ouvir alguém não tem preço”, frisa.

Apesar de a alegria estar asso-ciada à felicidade, a biomédica afir-ma que esses dois sentimentos não são iguais, porque a alegria é fugaz e acaba muito rápido, enquanto a felicidade pode ser vista como uma construção. A distinção envolve outras emoções, como tristeza cos-tumeiramente vinculada a alguém infeliz. Milena afirma que todas as emoções precisam ser compre-en-didas como parte da vida, ao pas-so que a felicidade envolve a ca-pacidade de lidar e aprender com todas elas. Quanto ao dinheiro, ao contrário do dito popular, ela de-fende que ele traz felicidade, sim, mas até certo ponto.

“A gente não pode ser hipócri-ta. Tem muitas pesquisas realiza-das com pessoas que têm um nível básico de vida que revelam: se au-menta a condição financeira, au-menta a felicidade, porque elas po-dem obter coisas melhores, como carro, casa, plano de saúde. Isso dá paz, dá felicidade. Mas quan-do chega a um teto, depois que se alcança condições básicas, mes-mo que aumente muito o dinhei-ro, isso não vai aumentar a felici-dade, porque aí entra a futilidade e ostentação. E a gente vê casos de pessoas com tanto dinheiro e total-mente infelizes”, pondera.

Movimento

Se a felicidade é dinâmica, seu sentido muda ao longo da vida, assim como entre as diferentes culturas. No trabalho que exerceu por um bom tempo com pacientes em cuidados paliativos, Milena Saavedra percebia como os dese-jos das pessoas que já se encon-tram na finitude da vida eram ou-tros: não mais um carro do ano ou uma casa de praia, mas presença, perdão e abraço. “Durante a vida inteira, a gente fica buscando coisas mais materiais, que dão pra-zer instantâneo. O tempo vai mos-trando, com a maturidade que vai chegando, aquilo que realmente é importante”, reflete.

Essa ênfase também pode ser percebida entre as culturas orien-tais, nas quais a busca da felicidade está mais no cultivo de uma vida in-terior pela meditação, enquanto no Ocidente as pessoas buscam mais o prazer, seja de sucesso em um ne-gócio ou de viver alguma aventu-ra. Com base nessas questões, a feliciologista reitera que não há uma fórmula mágica para a felicidade. O contexto acelerado da sociedade atual, no entanto, preocupa a es-pecialista, que acredita na necessidade de um movimento de retorno a algu-mas práticas de “antigamente” como forma também de prevenir quadros de ansiedade e depressão, cada vez mais comuns.

“A gente tem que valorizar a presença, sabe? Conversar olho no olho, ouvir as pessoas que estão conversando com a gente, voltar a tomar um cafezinho no final da tar-de ou conversar na calçada, fazer uma coisa que você nunca fez pela primeira vez na vida, estimular a criatividade e o desafio. O mundo tem a felicidade como uma palavra bonitinha, mas é necessário falar sobre isso, buscar estratégias e au-toconhecimento. É aquela famosa frase da historinha de *Alice no País das Maravilhas*: ‘Se você não sabe aonde você está indo, qualquer ca-minho serve’”, aconselha Saavedra.

Uma das recomendações da feliciologista é de, ao fim do dia, no-mear um momento de felicidade vi-

vido. Mesmo nos dias mais difíceis, é possível direcionar o foco do cérebro para algumas coisas boas que acon-tecem, seja um bom dia, um abra-ço, um olhar, procurando perceber que a vida acontece muito mais no ordinário do que no extraordinário. “Felicidade não é estática, é movi-mento. E é também uma habilida-de que pode e precisa ser praticada e cultivada. Ou seja, a felicidade se aprende, assim como se aprende a andar de bicicleta. Você vai montar, vai cair, cair, até aprender e nunca mais esquece. E, quanto mais exer-citar, melhor você vai ficar. Felici-da-de é isso”, arremata.

MERCADO

Há felicidade fora do consumismo?

Processo de mercantilização do estado de espírito estimula o desejo do consumo daquilo que não é necessário

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O sorteio das seis dezenas da Mega da Virada mobilizou mui-tos brasileiros nos últimos dias do ano. Nos grupos de aplicati-vo criados entre os apostadores ou nas conversas entre familiares e amigos, os comentários sobre o que fazer com o prêmio davam asas à imaginação e alimentavam o sonho de ser feliz plenamente com a fortuna estimada em um bilhão de reais. Quem disse que dinheiro não traz felicidade, cer-tamente não considerou o esta-

do de espírito desses apostadores, que idealizaram uma vida mais do que tranquila, com acesso a todos os bens possíveis e, para muitos, sem ter que trabalhar.

Para o sociólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraí-ba (UFPB), Anderson Retondar, é preciso perguntar-se como essa pretensa felicidade é construída. Apesar de considerar legítimo o desejo de mobilidade social, que permita o acesso a bens elemen-tares, como alimentação, vestuá-rio e lazer, ele questiona a ideia de felicidade associada ao consumis-

mo. É o caso, por exemplo, quando não se trata mais de ter um carro para se deslocar, e sim para os-tentar uma representação simbó-lica de prestígio e de poder. Ou-tro aspecto que o docente ressalta é a oposição entre felicidade e tra-balho, visto nesse contexto como espaço cansativo, desagradável e que não satisfaz.

“O que é agradável, nessa vi-são, é quando se está no seu es-paço de lazer e, sobretudo, con-sumindo. O trabalho é o espaço do desprazer, da obrigação, do qual a pessoa vai estar livre quan-do tiver dinheiro para comprar o que eu quiser e ser feliz definitivamente. Pensar que as pessoas mais abastadas vivem muito bem e que a con-dição para a felici-da-de tem a ver com essa dinâmica de ter mui-tas coisas é, na verda-de, um mito. Nas so-ciedades capitalistas é absolutamente im-possível que a grande maioria chegue ao pa-tamar de quem está lá no topo da pirâmide; mas, na consciência e na mentalidade das pessoas está implan-tado o desejo de che-gar lá o tempo todo, o desejo de se tornar um Silvio Santos. Essa é a grande máquina da indústria capitalista”, argumenta.

Retondar explica que esse pro-cesso de mercantilização da felici-dade é extremamente importante para o capitalismo, pois estimula o desejo do consumo daquilo que não é necessário. Quando a pro-dução de bens deixa de ser arte-sanal e passa a ser em larga esca-la, o capitalismo industrial impõe um consumo de massa, procurando convencer as pessoas de que precisam desses bens, que não fa-zem parte das necessidades bási-cas. E é aí que se começa a atribuir aos produtos sentidos diferentes daqueles para os quais foram feitos originalmente, associando-os à emoções e valores como prestí-gio, satisfação, bem-estar, luxo e mesmo o amor romântico, todos ligados a ideia de ser feliz.

“Esses valores são históricos, antes de qualquer coisa. Por mais que num primeiro momento pa-reçam como atributos do indiví-duo, são socialmente produzidos, quer dizer, são representações so-ciais que têm um caráter coletivo. Nas sociedades antiga e medieval, ser feliz era ser um eleito de Deus, pois a religiosidade tinha um peso extremamente forte. Nas socieda-des modernas isso muda, e ser fe-liz é, de alguma forma, conseguir o sucesso individual, conseguir ter algum tipo de progresso ou, por assim dizer, uma realização da-quilo que se espera do ponto de vista do capitalismo moderno. Es-sas coisas tornam-se valores com um peso social gigantesco”, aleta o professor.

Numa de suas pesquisas, rea-lizada com consumidores do Sho-pping Popular Terceirão, conhe-cido pelo comércio de produtos falsificados de marcas famosas no Centro de João Pessoa, o investiga-dor percebeu como muitos deles, mesmo conscientes de que os arti-gos não são originais, têm inculca-dos pela publicidade e toda indús-tria cultural o desejo de possuí-los. Quando não possuem poder aqui-sitivo para adquirir aquele tênis ou camisa de marca, as pessoas re-correm ao Terceirão para comprar o falsificado, porque, ainda assim, eles conferem algum tipo de pres-tígio ou satisfação. “A verdade é que a gente não nasce ou cria es-sas coisas. Esses valores existem socialmente e vão sendo apropria-dos e incorporados por nós”, pon-tua Retondar.

O consumismo está presente com mais intensidade ainda no ambiente digital, de modo espe-cial nas plataformas de redes so-ciais. Nelas, ser feliz é um impera-tivo e, para isso, é preciso buscar prestígio, sucesso, viagens e bem-estar. Mais do que vividos, esses momentos precisam ser mostra-dos, mesmo que nem tudo corres-ponda à realidade. Sem desconsi-derar outras motivações psíquicas, o professor Anderson ressalta como as redes sociais reafirmam um mercado da felicidade:

“Há uma multiplicidade de *coaches* da felicidade e gurus do bem-estar, pessoas que dizem, por exemplo, que se você tiver um cartão de crédito e gas-tar três mil reais por mês vai conseguir viajar para a Europa quatro vezes, e para isso é preci-so comprar o curso dele. Tudo isso, de al-gu-uma forma, está ligado a essa no-ção de uma fe-li-ci-



Pensar que as pessoas mais abastadas vivem muito bem e que a condição para a felicidade tem a ver com essa dinâmica de ter muitas coisas é, na verdade, um mito

Anderson Retondar

dade e bem-estar instantânea, que já existia, mas agora tem sido ex-tremamente difundida a partir das redes sociais, um conjunto de elementos que acabam sendo pas-sados cotidianamente e que refor-çam cada vez mais esses mitos da felicidade ligados a ideia de ser bem-sucedido”.

As raízes dessa compreensão de felicidade estão fincadas em princípios iluministas como li-berdade, igualdade e fraternida-de, os quais apregoava que o ho-mem deve tomar a rédea da sua vida, pela razão, para ser livre e, portanto, feliz. Na Sociologia, a teoria marxista, uma das princi-pais do campo, crítica a ideia de uma realização individual pres-supondo como condição para uma sociedade feliz que seus membros fossem livres de exploração e alie-nação, conseguidas com o fim da propriedade privada e da divisão do trabalho, a ser exercido de for-ma livre e criativa em vista do bem comum. Para o sociólogo, essa di-versidade de perspectivas e sen-tidos revela o quanto a felicidade (ainda que os teóricos não utili-zem propriamente essa palavra) tem sido a grande busca do ho-mem moderno.

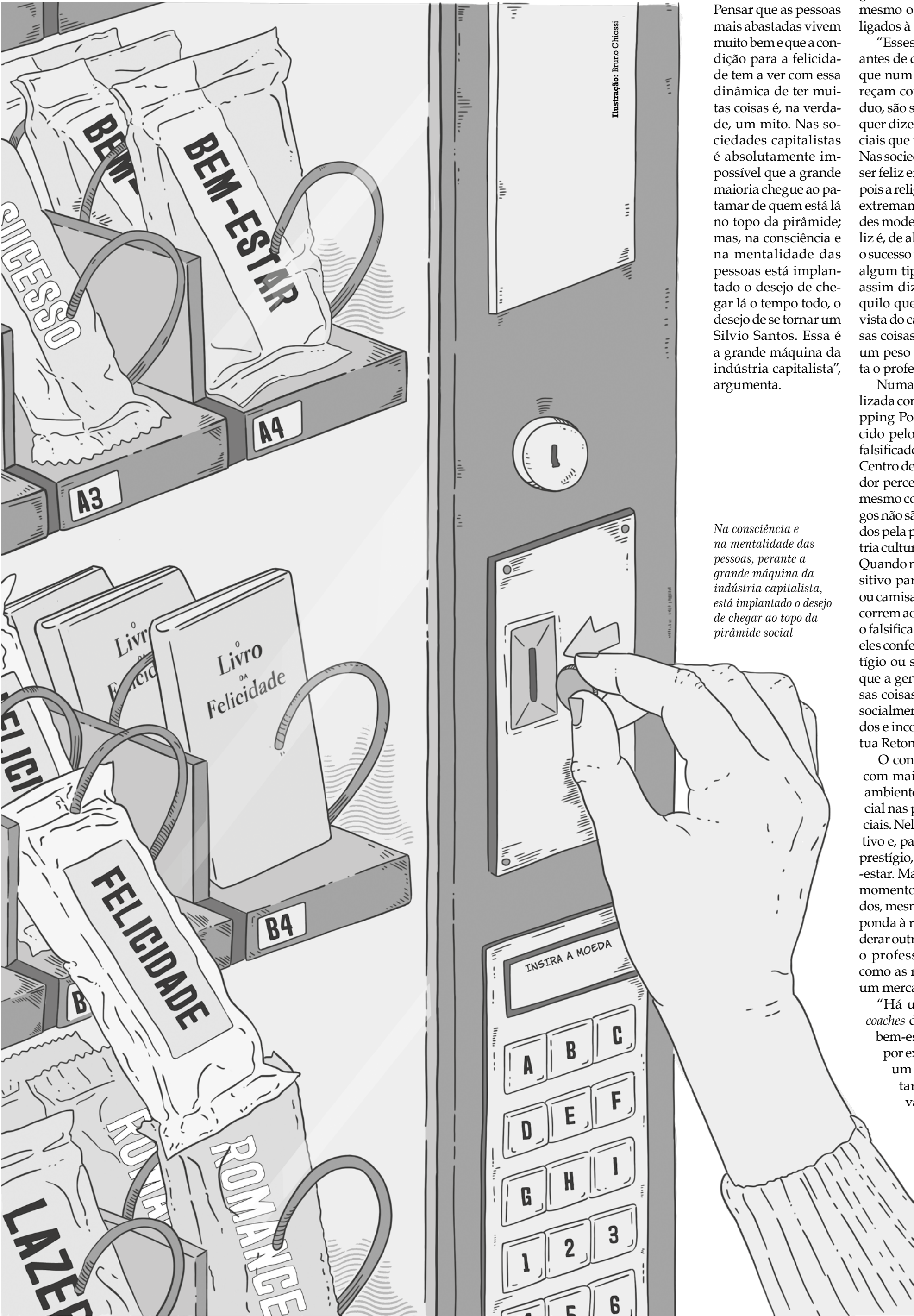
O aparato midiático utilizado para insuflar os desejos em torno dessa busca faz com que consu-mir torne-se quase um consenso da vida social. Em pesquisas que realizou com classes populares, Anderson Retondar percebe que as pessoas não querem, necessa-riamente, que o capitalismo aca-be, pelo contrário: querem muito mais tornarem-se consumidores com uma capacidade cada vez maior de obter bens e serviços de um modo geral.

Apesar de constatar essa rea-lidade, Anderson também tem identificado pequenas alterna-tivas que tentam furar a bolha. Numa outra pesquisa que de-senvolve, o docente tem analisa-do perfis no Instagram de gru-pos de consumo minimalista, que buscam a felicidade fora do con-sumismo. “São pequenos grupos que associam a ideia de estar feliz com sentidos como estar conec-tado com o outro, com a família, com os amigos e com a natureza, desgarrando-se desse universo de consumismo exacerbado”, ex-plica. Na edição do *Pensar* de ju-lho de 2024, abordamos algumas dessas experiências.



Foto: Arquivo pessoal

Especialista em felicidade, Milena Saavedra leciona disciplinas, desenvolve projetos de extensão e promove palestras sobre o assunto, além de gerenciar um brechó de moda circular e um perfil no Instagram, que traz reflexões sobre o tema



Na consciência e na mentalidade das pessoas, perante a grande máquina da indústria capitalista, está implantado o desejo de chegar ao topo da pirâmide social

ESTUDO

“Felicidade tem um fim em si mesma”

Fundamental para o ser humano, tema sempre esteve presente na Filosofia, desde a antiguidade até os dias atuais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O tema da felicidade sempre esteve presente na história da Filosofia, desde a antiguidade até os dias atuais. A afirmação é do professor Janduí de Oliveira, doutor em Filosofia pela UFPB, que explica a razão: trata-se de uma questão fundamental para o ser humano. “De modo geral, a felicidade interessa a qualquer ser humano. Desde a pessoa mais virtuosa à pessoa mais cheia de vícios e defeitos, se perguntar se deseja ser feliz, ela vai dizer que sim. E por quê? A felicidade tem um fim em si mesma. Você não deseja ser feliz para adquirir outra coisa. A felicidade é um bem primeiro. Pode parecer uma resposta pragmática, mas ela também tem um ponto de vista ético e moral, ou seja, a felicidade é algo que interessa a qualquer um”.

O professor explica, ainda, que as primeiras discussões em torno da felicidade buscavam encontrar os erros do ser humano em buscá-la. Cada pensador também empreende uma discussão a partir de conceitos próprios. Platão, por exemplo, compreende a felicidade como a realização do cidadão pertencente à república, ligado, portanto, a uma perspectiva da coletividade. Para Aristóteles, a felicidade é a harmonia das almas, conseguida por uma vida virtuosa e equilibrada, sem falta ou excessos, abundância ou deficiência.

Na filosofia helenística, o docente lembra de Epicuro, que propunha o alcance da vida feliz pelos prazeres, que não devem ser confundidos com modos desordenados de vida. Epicuro afirma que existem prazeres que são naturais e necessários, como a alimentação, prazeres que são naturais, mas não são necessários, a exemplo de comer comidas muito refinadas, e prazeres que não são naturais nem necessários, como a fama e a glória. “A felicidade, para Epicuro, dependeria do usufruto dos bons prazeres. E mais: quanto menos prazeres você tiver, mais feliz você será, porque uma pessoa que não tem muitos desejos pode encontrar felicidade em apenas beber um copo d’água, por exemplo”, acrescenta Oliveira.

No mestrado e doutorado, Janduí desenvolveu pesquisas sobre a felicidade a partir de Santo Agostinho, grande pensador cristão e autor de um livro que trata exclusivamente da temática, o *De Beata Vita* (Sobre a Vida Feliz). Tanto nesta como em obras como *Confissões*, *Cidade de Deus* e *Trindade*, Agostinho apresenta a felicidade como beatitude, vinculada mais ao plano celestial que ao terreno. “Segundo esse conceito novo pregado por Agostinho no ocidente cristão, o homem só alcança a verdadeira felicidade quando estiver diante de Deus. O homem não deve excluir dessa discussão a vida terrena, mas é preciso ter em mente que no plano existencial ele experimenta, como se ensaiasse, a verdadeira felicidade que está numa outra vida”, destaca, reforçando o quanto a felicidade, nessa perspectiva espiritual, tornou-se central na vida do homem ocidental.

No contexto moderno e contemporâneo, Janduí cita, ainda, pensadores que se debruçaram sobre a felicidade, como o iluminista Immanuel Kant ou o matemático britânico Alfred Whitehead. Essa diversidade de perspectivas aponta para a dificuldade da Filosofia indicar um caminho único para a felicidade, inclusive porque não se adota a ideia de pensamento progressi-

Pelos caminhos das religiões para ser feliz

No horizonte de diferentes tradições religiosas, a felicidade figura como um sol que ilumina práticas e vivências, para além dos conceitos e doutrinas que os sustentam. As diferentes crenças, rituais e propósitos são vias, caminhos que se cruzam na mesma busca: uma vida bem vivida, carregada de sentido e de realização na relação consigo, com o outro e com o transcendente.

Espiritismo

“Segundo o espiritismo, a felicidade é uma conquista espiritual progressiva, na qual o ser humano, através do esforço próprio, se eleva moral e espiritualmente, pelo amor e compreensão das leis divinas, para alcançar a paz interior e a verdadeira felicidade. Ainda que a felicidade plena não seja deste mundo, podemos encontrar felicidade relativa através do trabalho no bem, da prática do amor, da caridade e do perdão, da aceitação das pessoas como elas são, respeitando-as em suas opiniões, crenças e costumes” — Josinei-de Medeiros, membro da Diretoria da Associação Municipal de Espiritismo de Campina Grande (AME-CG).

Catolicismo

“Para a tradição católica, a felicidade é a plenitude da vida humana realizada na comunhão com Deus. Todo ser humano deseja ser feliz e orienta suas ações para esse fim último, no entanto esse desejo não se satisfaz plenamente nos bens limitados deste mundo, que possuem valor relativo e passagei-

ro. Somente Deus, portanto, pode responder plenamente a essa aspiração profunda. O caminho dessa felicidade, revelado por Jesus nas bem-aventuras, mostra que ser feliz não é simplesmente ter ou dominar, mas amar, servir e viver segundo a verdade do amor, buscando a Deus como o bem supremo e no seguimento de Jesus Cristo. Deve-se viver segundo as virtudes, especialmente a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança, que permitem uma vida equilibrada e reta. De modo particular, a caridade é apresentada como o coração da vida moral cristã, pois é no dom de si e no amor ao próximo que a pessoa se realiza” — Pe. Erinaldo Duarte, Mestre em Teologia Moral (PUSC/Roma) e reitor do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição.

Tradição indígena

“A partir das vivências e experiências com meu povo, e sem generalizar o pensamento indígena, posso dizer que a aprendi desde criança, com minha família e parentes de outras aldeias, que felicidade é um estado de consciência que está para além do eu, enquanto indivíduo, mas nas ações de afeto semeados no coletivo, entre as(os) parentas(es), sendo elas(es) de sangue ou não. Nos mutirões, nas trocas e partilhas de alimentos gerados pela Mãe Terra, isso é um estado pleno de felicidade para o nosso povo. Valorizar os saberes ancestrais do n o s s o

povo, cultivando as memórias herdadas pelos nossos troncos e árvores antigas. Agradecer os frutos que a terra dá e reconhecer a mãe terra como fonte geradora da vida. Viver e sentir a força viva de cura e amor que emana da terra, das matas, das águas, do ar, da lua, do sol, dos pássaros, dos animais e de tudo que há na natureza, que é o nosso bem viver” — Iranilza Potiguar, professora indígena e doutora em Ciências da Religião.

Matriz afro-brasileira

“A maior felicidade é quando o terreiro se reúne, mês a mês, e junta toda sua família, para se confraternizar, porque a gente pode ouvir as pessoas e conseguir dar um encaminhamento para cada uma delas. A nossa felicidade é também trabalhar espiritualmente para fazer o bem e cuidar das outras pessoas que não são da nossa religião, como as pessoas em situação de rua. O que nós indicamos para alcançar a felicidade é ser bom, e para isso você precisa mudar a si mesma. Praticar a bondade e o cuidado com as pessoas é uma indicação para a felicidade, para quem é de Candomblé, de Umbanda e de Jurema. É, por exemplo, saber conviver com o seu colega de trabalho pensando no bom” — Mãe Renilda Bezerra, ialorixá e presidente da Fede-

ção Independente dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado da Paraíba.

Budismo

“Na perspectiva budista, felicidade é um estado de estabilidade, lucidez e abertura que não depende totalmente do que acontece ‘lá fora’. Essa visão não ignora as dificuldades da vida. Pelo contrário, parte do reconhecimento de que tudo muda como as relações, corpo, trabalho, saúde e planos. A felicidade, então, nasce quando a mente aprende a se relacionar com a realidade como ela é, sem se aprisionar em ansiedade, comparação, ressentimento ou medo. No budismo, as causas da felicidade são construídas, dia a dia, por escolhas concretas. Uma delas é o treino de presença: pausar, respirar, perceber o corpo e observar os pensamentos sem obedecer automaticamente a cada impulso. Outra causa fundamental é a coerência ética, entendida como cuidado com as consequências do que fazemos, dizemos e alimentamos em nós. Há ainda uma causa essencial, a compaixão, pois ninguém se realiza isoladamente. Por fim, a prática meditativa, um modo de educar a atenção, acalmar a mente e reconhecer a natureza passageira das emoções” — Jannaína Araújo, coordenadora do Centro de Estudos Budista Bodisatva (Cebb), em João Pessoa.

Grande pensador cristão, Santo Agostinho apresenta a felicidade como beatitude, vinculada mais ao plano celestial que ao terreno

vo, como nas demais ciências, ou seja, um filósofo da antiguidade tem peso e validades equivalentes a pensadores contemporâneos ou medievais.

“Os filósofos nos lembram, em cada tempo, que a felicidade é muito mais uma questão da nossa vida interna, da nossa mentalidade e da nossa forma de enxergar o mundo, do que das coisas que estão fora disso. Ou seja, a felicidade não é algo que está fora do homem, não depende da posses de bens externos, mas está dentro de si. Por isso, desconfie do que se vende por aí como sinônimo de felicidade”, alerta.



Ilustração: Bruno Chiossi